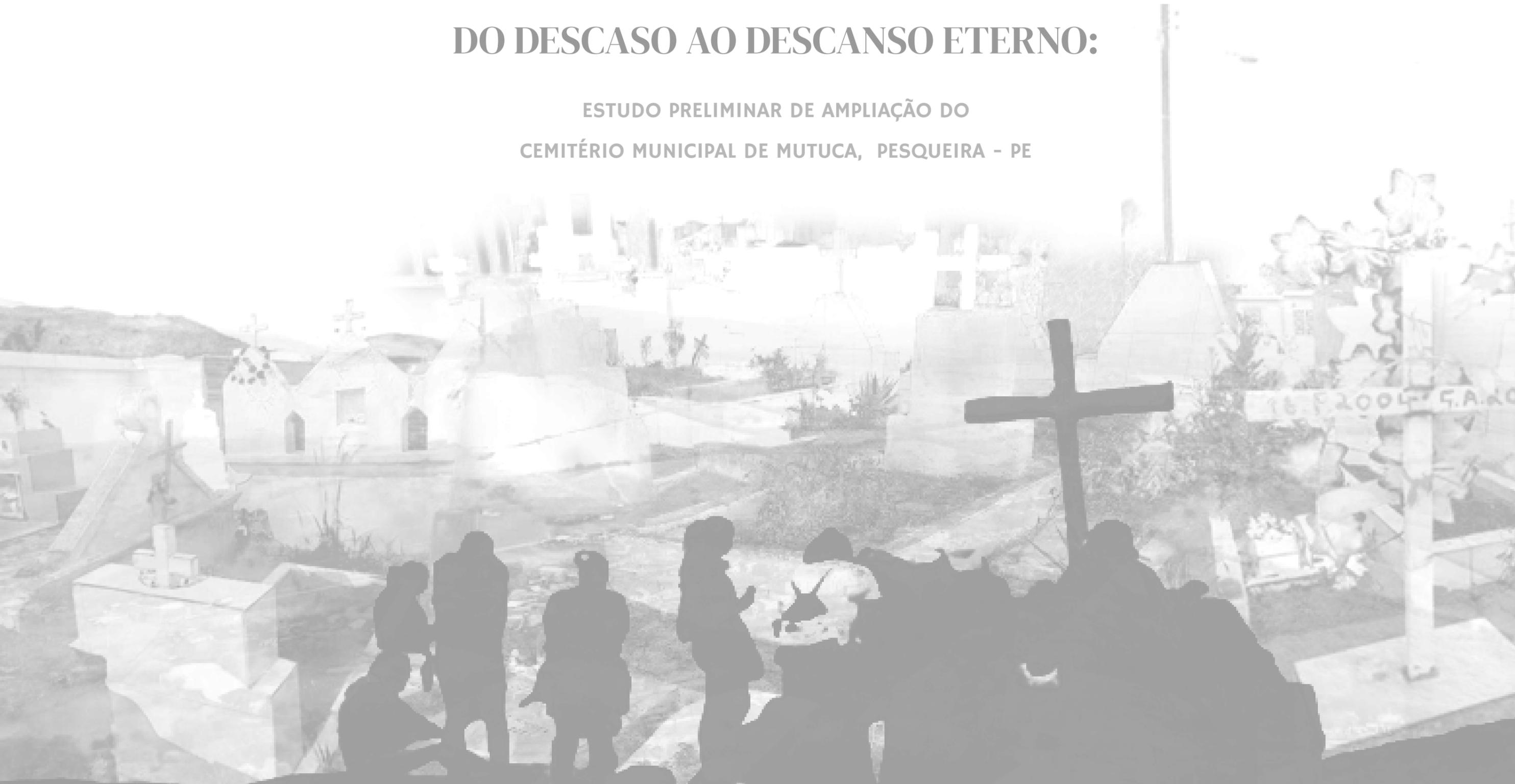


DO DESCASO AO DESCANSO ETERNO:

ESTUDO PRELIMINAR DE AMPLIAÇÃO DO
CEMITÉRIO MUNICIPAL DE MUTUCA, PESQUEIRA - PE





Universidade Federal da Paraíba Centro de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo

José Danilo de Souza Silva

Do descaso ao descanso eterno: Estudo preliminar de ampliação do Cemitério Municipal de Mutuca, Pesqueira/PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, realizado sob a orientação da Prof^a.Dra. Luciana Andrade dos Passos.

João Pessoa-PB, Outubro de 2024

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof^a. Dra. Luciana Andrade dos Passos (orientadora)

.....
Prof^a. Dra. Wylinna Carlos Lima Vidal (avaliadora interna)

.....
Prof^a. Dra. Paula Dieb Martins (avaliadora interna)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586d Silva, José Danilo de Souza.

Do descaso ao descanso eterno: Estudo preliminar de
ampliação do Cemitério Municipal de Mutuca/PE / José
Danilo de Souza Silva. - João Pessoa, 2024.
123 f. : il.

Orientação: Luciana Andrade dos Passos.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Estudo Preliminar. 2. Cemitério. 3. Estudo de
Impacto de Vizinhança. 4. Ampliação. 5. Paisagem. I.
Passos, Luciana Andrade dos. II. Título.

UFPB/CT

CDU 72(043.2)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a mim mesmo. Não a partir de um ponto-de-vista egocêntrico, mas sim, numa tentativa de reconhecer pela primeira vez e para mim mesmo, que posso, devo e preciso abraçar meu esforço, meu avanço e minhas conquistas. Pois, tudo que descobri, aprendi, fiz e almejei são frutos dos caminhos que decidi, sozinho, trilhar.

Agradeço também **à minha mãe, Rosemilda**, por todos os sacrifícios e batalhas que ela enfrentou em prol do meu conforto e por todos os anos de investimento e esperança em mim.

Agradeço **ao meu sobrinho, Micael**, por sua pureza e euforia para com a vida. Sem ele eu não saberia que a vida pode ser doce.

A Carlos, que nos últimos anos possibilitou que eu descobrisse a mim mesmo e finalmente conseguisse vivenciar esta cidade como meu novo lar. E como consequência disso, me introduziu a um novo círculo social que me acolheu como família: César e Carla.

A Cesar por ser naturalmente uma figura paterna e um raio de sol onde chega.

A Carla, por conseguir em poucos meses ser um ponto de apoio, uma amiga e irmã e por conseguir entender todos meus anseios, medos e desejos.

A Larissa, companheira dessa longa jornada acadêmica desde o início, por sempre ser um modelo de maturidade e profissionalismo. E por todo apoio para com os meus e os nossos anseios compartilhados.

Agradeço também **a Malu, Camila e Nathália**, também companheiras da vida acadêmica, por sempre conseguirem ser um ponto de leveza, entusiasmo e acolhimento.

Agradeço muito a Gabriel, pela presença significativa que tem tido em minha vida e por ressignificar toda a intensidade de uma amizade.

A Jéssica, um dos melhores presentes desse final de ciclo, muito obrigado por compartilhar tantos momentos de apoio de uma maneira tão natural.

A Luana, por ser um grande exemplo de preparo e esforço.

A Rebeca, Bianka e Gisele, por sempre serem o ideal de amizade da minha vida.

A Clau e a Igor, por chegarem de uma maneira tão impensada e hoje serem pessoas chaves do meu bem-estar.

A todos os amigos deste curso que sempre fazem questão de demonstrar admiração: **Aline, Connceyção, Abraão, Maria Clara, Márcio, Tamyris, Luquinhas e Nívea.**

Agradeço, de coração, **a minha orientadora, Luciana**, pelo seu papel educacional fundamental na realização deste trabalho.

À banca avaliadora, por todo o conhecimento compartilhado e pelo entusiasmo para com o tema.

E por fim, **a Glenda, minha psicóloga**, por ter me feito segurar a barra que é encarar o fim deste curso.

DEDICATÓRIA

Que a lembrança deste trabalho ântumo explicita minha empatia para com o local que me inumei em vida. Deixando, enquanto produto da minha existência, algo além da putrescina e cadaverina do meu necrochorume.

RESUMO

A morte é uma questão que afeta o dinamismo do homem em muitos aspectos, incluindo, o urbanístico e o ambiental. Quando espacializada, a morte lida com questões geográficas, climáticas, construtivas, culturais e sanitárias que afetam diretamente o local onde é implantada. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar uma proposta de estudo preliminar arquitetônico e paisagístico da ampliação de um cemitério implantado numa comunidade rural do interior de Pernambuco. Entendendo, por meio de um estudo de impacto de vizinhança, em escala reduzida, as nuances sociais, culturais, históricas, paisagísticas, materiais e demográficas que conferem identidade ao local. A proposta arquitetônica abrange o tratamento desde o viário dos acessos pré-existentes, a abertura de um novo acesso, a criação dos setores de tumulação, ossários, jazigos verticais, capela mortuária, velório, mirante, parque, necrotério e instalações técnico administrativas até intervenções artísticas com o intuito de integrar-se a paisagem local e abraçar sua preexistência, promover pertencimento, acolhimento e atenuação ao luto.

Palavras-chave: Estudo Preliminar; Cemitério; Estudo de Impacto de Vizinhança; Ampliação; Paisagem.

ABSTRACT

Death is an issue that affects human dynamism in many aspects, including urban and environmental. When spatialized, death deals with geographical, climatic, constructive, cultural, and sanitary issues that directly affect the place where it is implemented. This work aims to present a proposal for a preliminary architectural and landscape study for the expansion of a cemetery located in a rural community in the interior of Pernambuco. Through a neighborhood impact study, on a small scale, the research seeks to understand the social, cultural, historical, landscape, material, and demographic nuances that give the place its identity. The architectural proposal covers everything from the treatment of pre-existing access roads, the opening of a new access, and the creation of burial sectors, ossuaries, vertical graves, a mortuary chapel, a wake room, a lookout point, a park, a morgue, and technical-administrative facilities to artistic interventions, with the aim of integrating into the local landscape, embracing its preexistence, and promoting a sense of belonging, comfort, and mitigation of grief.

Keywords: Preliminary Study; Cemetery; Neighborhood Impact Study; Expansion; Landscape.

Lista de Apêndices

Apêndice A - Prancha 01 (Planta baixa e perspectivas)

Apêndice B - Prancha 02 (Planta de paginação; Planta de plantio; Cortes)

Apêndice C - Prancha 03 (Planta de layout)

Lista de Anexos

Anexo A - REQUERIMENTO N 004/2021, de 22 de fevereiro de 2021. Câmara Municipal de Pesqueira. Assunto: Compra de um terreno para ampliação de um cemitério do distrito de Mutuca.

Anexo B - REQUERIMENTO N 0152/2021, de 17 de maio de 2021. Câmara municipal de Pesqueira. Assunto: Construção de um velório do Distrito de Mutuca neste município.

Anexo C - REQUERIMENTO N 153/2021, de 17 de maio de 2021. Câmara Municipal de Pesqueira. Assunto: Implantar postes e fazer a manutenção dos já existentes no cemitério do Distrito de Mutuca.

Anexo D - REQUERIMENTO N 011/2022, de 22 de fevereiro de 2022. Câmara Municipal de Pesqueira. Assunto: Aquisição de um terreno para a construção de um cemitério no distrito de Mutuca.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. PROBLEMÁTICA.....	13
1.2. JUSTIFICATIVA.....	13
1.3. OBJETIVO GERAL.....	13
1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
2. CEMITÉRIOS: SUAS ORIGENS E TIPOLOGIAS.....	15
2.1. UMA BREVE HISTÓRIA DA MORTE E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS.....	15
2.2. TIPOLOGIAS DE CEMITÉRIOS.....	17
2.2.1. CEMITÉRIOS HORIZONTAIS.....	17
2.2.1.1. CEMITÉRIOS TRADICIONAIS.....	17
2.2.1.2. CEMITÉRIOS PARQUE OU JARDIM.....	17
2.2.2. CEMITÉRIOS VERTICAIS.....	18
2.3. TIPOS DE SEPULTAMENTO.....	19
2.4. A PROBLEMÁTICA DOS CEMITÉRIOS TRADICIONAIS.....	20
3. MORTES E RITOS: A MORTE E OS COSTUMES FÚNEBRES NO BRASIL.....	21
3.1. A ritualização da Morte.....	21
4. PAISAGISMO FÚNEBRE.....	23
4.1. A NATUREZA E A MORTE.....	23
4.2. VEGETAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE MITIGAÇÃO.....	24
5. A DICOTOMIA FÚNEBRE: PRÓS E CONTRAS DE CEMITÉRIO.....	25
5.1. CEMITÉRIO ENQUANTO ESPAÇO PÚBLICO.....	25
5.2. CEMITÉRIO ENQUANTO FONTE DE POLUIÇÃO.....	26
6. ESTUDO DE IMPACTO DE VIZINHANÇA (EIV).....	27
6.1. CONCEITOS E APLICAÇÕES DO EIV.....	27
6.2. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	28
7. DIAGNÓSTICO.....	30
7.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	30
7.2. CONTEXTO GEOGRÁFICO DO DISTRITO.....	31
7.3. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIODEMOGRÁFICO.....	31
7.4. SELEÇÃO DO TERRENO.....	32
7.5. CONTEÚDO MÍNIMO DO EIV:.....	33
7.5.1. I - ADENSAMENTO POPULACIONAL.....	33
7.5.2. II - EQUIPAMENTOS URBANOS E COMUNITÁRIOS.....	38
DRENAGEM PLUVIAL.....	38
ABASTECIMENTO DE ÁGUA.....	38

ESGOTAMENTO SANITÁRIO.....	39
7.5.3. III – USO E OCUPAÇÃO DO SOLO;.....	41
7.5.4. IV – VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA;.....	46
7.5.5. V – GERAÇÃO DE TRÁFEGO E DEMANDA POR TRANSPORTE PÚBLICO;.....	47
7.5.6. VI – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA-BIOCLIMÁTICA.....	51
7.5.7. VII – PAISAGEM URBANA E PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL.....	52
7.5.7.1. A PAISAGEM URBANA - ANÁLISE.....	56
7.5.7.2. A PAISAGEM EXTERNA AO CEMITÉRIO.....	57
7.5.7.3. A PAISAGEM DO CEMITÉRIO.....	63
7.5.8. VIII - O RITUAL DE SEPULTAMENTO.....	66
7.5.8.1. ROTAS FÚNEBRES.....	67
8. PROPOSTA PROJETUAL: CEMITÉRIO PARQUE MIRANTE DAS SERRAS.....	69
8.1. REFERÊNCIAS PROJETUAIS	70
8.2. ASPECTOS LEGAIS (MUNICIPAL, ESTADUAL, FEDERAL).....	78
8.3. PROGRAMA E PRÉ-DIMENSIONAMENTO.....	79
8.4. DIRETRIZES E PARTIDO.....	80
8.5. ZONEAMENTO E SETORIZAÇÃO.....	81
8.6. CONCEITO.....	82
8.7. ESTUDO PRELIMINAR.....	83
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
10. REFERÊNCIAS.....	102
11. ANEXOS.....	112
12. APÊNDICES.....	113

I. INTRODUÇÃO

A preocupação com o destino final dos mortos é um traço social e ritualístico do homem e antecede, até mesmo, a formação dos primeiros núcleos urbanos no paleolítico. Sposito (2021, p. 12), ao citar Lewis Mumford, em sua obra **“A cidade na história”**, aponta que dois aspectos sustentam esse fato. O primeiro vem da atenção que o homem do paleolítico dava aos seus mortos, onde, mesmo que se tratasse de grupos nômades, garantiam-lhes uma “moradia”, um lugar:

“...os mortos foram os primeiros a ter uma moradia permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. (...) A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos”. (MUMFORD, 1998. APUD. SPOSITO, 2021..).

O segundo aspecto, também explicado por Mumford (1998), vem da relação do homem com seu lugar. Do significado dado ao espaço: *a primeira noção de pertencimento*. Embora nômades, a caverna significava abrigo, segurança e era o local de expressão ritualística e artística. Esses dois aspectos semearam o surgimento de uma vida cívica antes mesmo que qualquer aldeia ou agrupamento permanente. (ROSA, 2003, p. 14.)

Nesse sentido, a espacialização da morte marca a *fixação do homem e*, posteriormente, as necrópoles passam a desempenhar um papel crucial na *estruturação urbana*. A mesma autora também ressalta que, enquanto

equipamento urbano, cemitérios são objetos de estudo que não costumam ser afetados pelos *agentes modeladores do espaço, em relação a sua forma e conteúdo*. Classificados, então, como áreas cristalizadas, são áreas onde o processo de inércia perpetua seus usos (ROSA, 2003, P. 29 APUD. CORRÊA, 1993, P. 77). De outro modo, com o crescimento urbano, cemitérios sofrem os efeitos da urbanização: pressão sobre o espaço, aumento da população, conflitos de uso e ocupação do solo, negligência, mobilidade e poluição são problemáticas atuais no que tange a manutenção e implantação de espaços cemiteriais. (MATOS, PACHECO, 2000; ROSA, 2003; SANTOS, 2013; MORAIS, 2019).

Do mesmo modo, com a evolução do meio urbano, a relação entre o espaço apreendido, sua função e o homem também evoluiu e possibilitou a exploração e concepção de novas tipologias cemiteriais. Como resultado, ao longo dos anos, tem se tornado comum espaços fúnebres multifuncionais, que abrigam inúmeras dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas. (ANDRADE et al., 2020).

“Com isso, os cemitérios, locais fortemente marcados pela influência cultural, têm tido seu espaço repensado em função de seu potencial para contribuir com a infraestrutura verde urbana e como garantia de áreas propícias ao paisagismo e à preservação ambiental.” (ANDRADE et al., 2020 apud. CLAYDEN et al., 2015; LOBODA; DE ANGELIS, 2005).



Figura 01: Fluxograma conceitual da introdução

.Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

I.1. PROBLEMÁTICA

Num cenário de cemitérios tradicionais saturados, surge a necessidade de espaços cemiteriais planejados ambientalmente e arquitetonicamente para o uso das atividades e manifestações fúnebres da comunidade local de inserção.

I.2. JUSTIFICATIVA

O trabalho visa atender as necessidades da comunidade através de um projeto arquitetônico que leve em consideração as demandas socioculturais e fúnebres do uso intencional. A proposta, quando finalizada, apresenta a possibilidade de acolher o luto individual e coletivo num espaço a ser apropriado mediante a permanência e a contemplação.

I.3. OBJETIVO GERAL

Realizar uma proposição, a nível de Estudo Preliminar, de um Cemitério Parque no distrito de Mutuca, Pesqueira-PE.

I.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender a ambiência da paisagem urbana do cemitério e do entorno, considerando os aspectos físico-culturais locais.

Compreender a demografia, simbologias e rituais para com a morte em distritos rurais.

Explorar a relação entre elementos decompostos da paisagem e suas aplicações na atenuação do luto

REFERENCIAL TEÓRICO

2. CEMITÉRIOS: SUAS ORIGENS E TIPOLOGIAS

2.1. UMA BREVE HISTÓRIA DA MORTE E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS

A capacidade de criação imagética e construção de representações da morte representa o papel crucial das faculdades sócio-intelectuais humanas em estabelecer julgamentos críticos e morais com a intenção de dar significado a fatos. Como já foi introduzido, a prática de sepultamentos sistematizados remonta da pré-história, sem exatidão, mas com o consenso científico de que o Homem de Neanderthal foi o primeiro a enterrar seus mortos com sepultamentos intencionais, possibilitando, a partir desses momentos, deduções a respeito do relação entre os seres humanos e pós-vida (BEULK, 2018.; ALMEIDA, 2007.; PACHECO, 2000.).

“Oferecida de flores, marcação com pedras e colocação, junto ao corpo, de objetos denota um sentimento, uma emoção e ao mesmo tempo a noção de que aquele ser iria precisar daqueles utensílios, qual fosse o destino para o qual se partia.” (ALMEIDA, 2007, p. 40).

Nesse sentido, a ritualística, por detrás da compreensão da morte enquanto uma questão social, emerge materializada espacialmente em diferentes momentos. De acordo com Pacheco (2012), no Paleolítico Superior, os mortos eram enterrados dentro ou fora das cavernas e sepultados individualmente ou em

sepulturas coletivas. Já na era Mesolítica, em meados de 100 mil a.C., foi quando surgiram os primeiros cemitérios, onde as sepulturas eram agrupadas em túmulos individuais e coletivos. Ainda conforme o autor, com a civilização Neolítica, algumas regiões conheceram o monumentalismo funerário por meio dos megálitos (*menirs, dolmens e cromlecs*). Estas construções, afirma Almeida (2007), *“podem ser compreendidas como lugares de ritos simbólicos, marcos de retorno e da memória do grupo e dos mortos, indicando, também, o sentido de grandiosidade e pompa”*. Podemos observar um exemplo de megálito na figura 02:

Figura 02: O Stonehenge, o cromlech mais famoso do mundo, localizado em Salisbury, Inglaterra.



Fonte: Brasil Escola (2024)

A questão em questão é que todas as civilizações precisaram lidar com a morte, como sustentam Almeida (2007) e Pacheco (2000), com a monumentalidade dos templos e túmulos funerários dos Egípcios, ornamentados e

intencionalmente destinadas à eternidade, com o claro intuito de preservar a imagem e memória divina de seus reis/faraós. Com o horror à contaminação Romano, onde o solo da urbe era considerado sagrado e não deveria ser contaminado através do contato com o cadáver, dessa forma, as cidades romanas cuidavam para que as implantações dos cemitérios se localizassem fora dos limites da urbe.

Segundo Beulk (2018) e Pacheco (2000), na Era do Cristianismo, os cemitérios foram abandonados e passaram a ser utilizados apenas em situações de emergência sanitária, como durante o surto de peste bubônica no século XIV. Na Idade Média europeia, os mortos começaram a ser sepultados em igrejas paroquiais, abadias, mosteiros, conventos, colégios, seminários e hospitais.

Favaretto (2018) e Pacheco (2006), citados por Beulk (2018), indicam que os cemitérios se tornaram locais de refúgio para os vivos, onde até foram construídas habitações, das quais os senhores feudais cobravam impostos no século XIII. Nessa época, os cemitérios também eram palco de procissões, cortejos civis e militares e até julgamentos.

A partir do século XVIII, como destacam Souza (2020) e Campos (2007), os sepultamentos voltaram a ser realizados ao ar livre por questões de higiene, em cemitérios localizados longe das áreas urbanas. Pacheco (2006) observa que, nesse período, as cidades estavam superlotadas de mortos, e a presença de cemitérios impactava tanto a estética urbana quanto a saúde pública. A Igreja, por sua vez, também buscou se distanciar dos cemitérios por questões territoriais (FAVARETTO, 2018, apud Beulk, 2018).

Campos (2007), ainda afirma que no século XVIII, foi instituída a proibição de sepultamentos em templos, baseada na doutrina dos miasmas. Médicos da época

recomendavam o isolamento dos mortos para proteger os vivos, acreditando que a decomposição orgânica poderia gerar vapores nocivos à saúde (FOUCAULT, 1992; PACHECO, 2000; SILVA, 2000 apud. CAMPOS, 2007).

Em Portugal, a construção de cemitérios públicos enfrentou resistência até 1835, quando se tornou obrigatória em todas as localidades, em defesa da saúde pública e do cumprimento de normas sanitárias (PACHECO, 2000; CAMPOS, 2007).

No Brasil, influenciados pelos portugueses, os sepultamentos inicialmente ocorriam dentro das igrejas e em seus arredores. Desde o final do século XVIII, os médicos já defendiam a localização de cemitérios fora das cidades, em áreas arejadas, distantes de fontes de água e em locais onde os ventos não soprassem sobre as áreas urbanas.(PACHECO, 2000; CAMPOS, 2007).

Em 1828, uma lei imperial determinou a construção de cemitérios campais afastados das cidades, por motivos estéticos e de saneamento. No entanto, essa lei só entrou em vigor em 1836, após a Cemiterada, uma resistência física de organizações católicas que protestaram contra a proibição de enterros nas igrejas. A multidão se revoltou contra a lei e destruiu o cemitério em Salvador, na Bahia (PACHECO, 2000; SILVA, 2000; CAMPOS, 2007).

Após esses eventos, muitos cemitérios campais surgiram, como o Cemitério da Consolação, em São Paulo, que, na época de sua construção, ficava distante da cidade, mas, com a urbanização, se tornou parte do centro urbano, uma realidade comum em muitas cidades (PACHECO, 2000; CAMPOS, 2007).

Geralmente, os cemitérios são construídos próximos às comunidades, não apenas por razões culturais e religiosas, mas também por questões socioeconômicas relacionadas à valorização das áreas circundantes, à pressão

demográfica e à urbanização (ÜÇISIK E RUSHBROOK, 1998; REZENDE, 2004 apud. CAMPOS, 2007).

2.2. TIPOLOGIAS DE CEMITÉRIOS

2.2.1. CEMITÉRIOS HORIZONTAIS

De acordo com a legislação brasileira, na Resolução n.º 335 do ano 2003 do CONAMA, cemitério horizontal é definido como aquele que é localizado em área descoberta e essa definição compreende os tradicionais e os do tipo parque e jardim (BRASIL, 2003).

2.2.1.1. CEMITÉRIOS TRADICIONAIS

Campos (2007), define “cemitérios tradicionais” como aquelas necrópoles compostas por alamedas pavimentadas, margeadas por quadras de túmulos construídos acima do solo, juntamente com mausoléus e capelas, crucifixos e imagens, além de outros monumentos funerários em pedra. Nestes também é possível encontrar soluções de prolongamento da vida útil de cemitérios e resolver a questão da saturação do solo e falta de espaço para sepultamentos, como columbários. Pacheco (2012), complementa que os columbários são construções funerárias verticais, geralmente erguidas acima do nível do solo, que possuem três ou mais fileiras sobrepostas de câmaras (gavetas). Como podemos observar na figura 03, abaixo:

Figura 03: Exemplo de Cemitério Tradicional: Cemitério Municipal em



Mutuca, Pesqueira/PE

Fonte: Acervo do autor (2024)

2.2.1.2. CEMITÉRIOS PARQUE OU JARDIM

A Resolução n.º 335 do CONAMA define cemitério parque ou jardim como predominantemente recoberto por jardins, com ausência das construções tumulares superficiais e com identificação através de lápide de pequenas dimensões ao nível do chão (BRASIL, 2003;). Pacheco (2012), por sua vez, complementa e explica que este tipo de cemitério é projetado como um espaço arborizado e ajardinado de grandes dimensões, onde os monumentos funerários são relativamente modestos, limitados quase que à pedra de cabeceira.

Ainda conforme Campos (2007), essa tipologia de cemitério possui sepulturas em gavetas, que ficam enterradas no solo e são cobertas por gramados e árvores. Os sepultamentos são realizados por tumulação, e a uniformidade na apresentação das sepulturas oferece um padrão igual para todos os usuários, independentemente da classe social.

Figura 04: Exemplo de Cemitério Parque: Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras, São Paulo.



Fonte: Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras (2021)

2.2.2. CEMITÉRIOS VERTICAIS

A definição de cemitério vertical segundo o CONAMA, é de um edifício de um ou mais pavimentos destinados a sepultamentos (BRASIL, 2003). De acordo com Pacheco (2012), são edifícios acima do solo e com pavimentos dotados de lóculos ou câmaras destinados a sepultamentos. O mesmo autor destaca a necessidade de os lóculos serem feitos de materiais impermeáveis a fim de impedir a passagem de gases e líquidos oriundos da decomposição de cadáveres, ressaltando que os gases devem ser drenados e submetidos a tratamento antes de chegarem à atmosfera. Exemplo da tipologia pode ser visto a seguir, na figura 05:

Figura 05: Exemplo de Cemitério Vertical: Cemitério Vertical Memorial Guarulhos



Fonte: Grupo Zelo

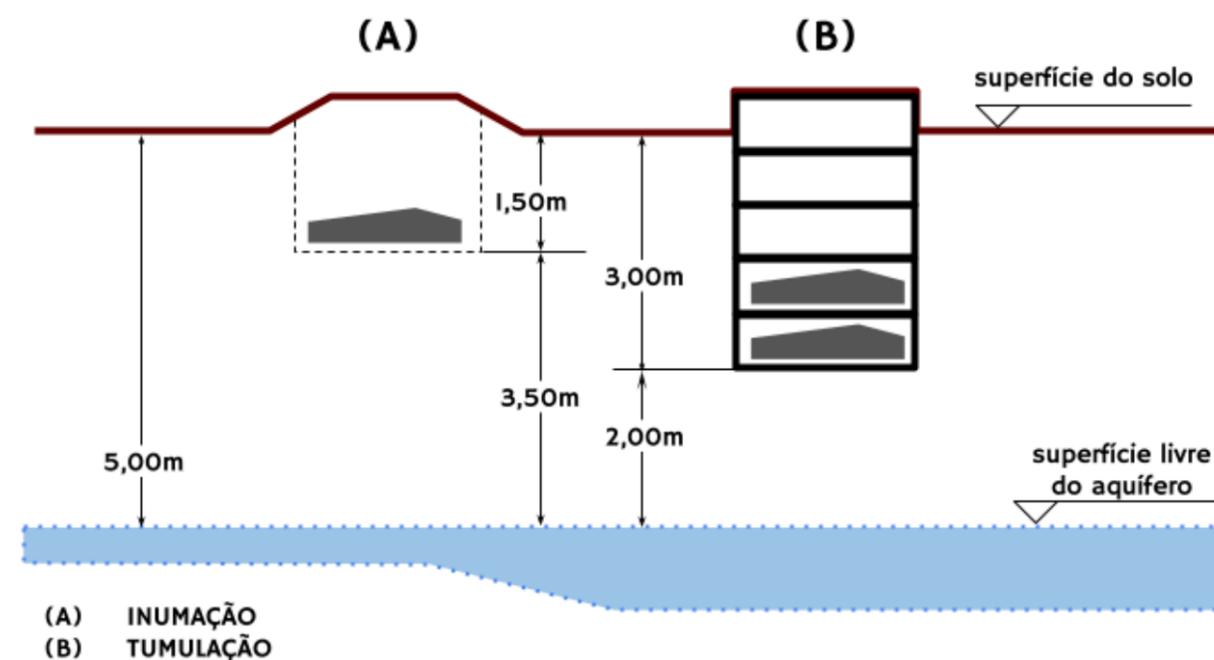
2.3. TIPOS DE SEPULTAMENTO

De acordo com Pacheco (2000), no Brasil predominam dois tipos de sepultamentos: por inumação no solo e por tumulação.

A inumação tem como objetivo permitir a decomposição natural dos corpos, respeitando as normas de higiene pública. Esse ato consiste em enterrar o cadáver em uma cova aberta, que geralmente é aterrada a profundidades que variam de 1,10 a 1,50 metros. Alternativamente, o corpo pode ser colocado à superfície, coberto por terra e pedras, ou depositado em uma cavidade ou caixa devidamente protegida. Esse processo é bastante comum em cemitérios de periferias e em pequenas cidades do interior. Contudo, o termo "inumação" é utilizado para designar toda forma de sepultamento, independentemente do tipo de cemitério em questão (PACHECO, 2000; CAMPOS, 2007).

A tumulação, por sua vez, refere-se ao ato de sepultar o cadáver em carneiros, popularmente conhecidos como gavetas. Essas estruturas, que podem ser construídas parcial ou totalmente subterrâneas, são feitas de alvenaria ou concreto e têm formato de caixas retangulares, com profundidade máxima de cinco metros. Os caixões são colocados nessas gavetas e, em seguida, lacradas

Figura 06: Esquema de representação dos métodos de sepultamento:



Fonte: Pacheco (2000) - Adaptado pelo autor (2024)

2.4. A PROBLEMÁTICA DOS CEMITÉRIOS TRADICIONAIS

Campos (2007), discorre sobre os cemitérios tradicionais, afirmando que, nos cemitérios desse tipo, os corpos são geralmente enterrados diretamente no solo. Entre as vantagens, destaca-se a facilidade de decomposição, facilitada pelo contato do corpo inumado com a terra. Contudo, há várias desvantagens, como o risco de contaminação das águas superficiais e subterrâneas (figura 07), a ocupação de grandes áreas, o alto custo relacionado à ostentação, a necessidade de um solo adequado para essa prática e um ambiente acinzentado que pode afetar a estética urbana e causar impactos psicológicos em pessoas sensíveis. Além disso, há a possibilidade de proliferação de insetos, como mosquitos transmissores de dengue e febre amarela, e artrópodes, como escorpiões, que se atraem por locais escuros, úmidos e abrigados, muitas vezes devido à presença de baratas (PACHECO et al., 1993; PACHECO, 2000 apud. CAMPOS, 2007)

Figura 07: Vazamento decorrente da decomposição de corpos nas gavetas dos jazigos do Cemitério de Adamantina/SP



Fonte: Siga Mais (2021)

Beulk (2018), complementa que as necrópoles, assim como outras instalações que podem impactar as condições naturais do solo e das águas subterrâneas, são classificadas como atividades com risco de contaminação ambiental (KEMERICH, UCKER E BORBA, 2012 apud BEULK, 2018). Quando localizadas em terrenos de baixo valor imobiliário ou em condições geológicas, hidrogeológicas e geotécnicas inadequadas, podem resultar em impactos ambientais no entorno (PACHECO, 2006). Segundo o mesmo autor, essa situação é comum no Brasil, onde as necrópoles públicas não apenas são implantadas de forma inadequada, mas também operadas de maneira negligente, apresentando impactos físicos primários, como a contaminação de águas subterrâneas de menor profundidade e superfícies, e impactos físicos secundários, como a presença de mau cheiro decorrente da decomposição dos corpos.

Pacheco (2000) ressalta a problemática dos resíduos sólidos de cemitérios, ou seja, ao lixo oriundo da operação das necrópoles. O autor afirma que as preocupações de caráter sanitária em cemitérios envolvem inúmeras ações, dentre as quais, os cuidados com a disposição final de resíduos gerados, como roupas que vestiam os cadáveres, restos de caixões, varrição, flores e outros. E continua: *“Aqueles resíduos devem merecer a atenção das autoridades sanitárias, pois a disposição dos mesmos não é adequada na maioria dos cemitérios municipais brasileiros. Em alguns, o lixo é acumulado a céu aberto, em um canto ou em containers à espera de remoção que pode durar dias. Em outros, os resíduos são enterrados ou, inadequadamente, incinerados no local.”* (PACHECO, 2000, p.33).

3. MORTES E RITOS: A MORTE E OS COSTUMES FÚNEBRES NO BRASIL

Souza (2020), estudou os percursos históricos da morte na sociedade brasileira a partir da análise dos diferentes rituais e procedimentos ligados à morte enquanto um acontecimento concreto. Foram analisados:

“...os ritos ligados à agonia, a elaboração de inventários e testamentos, o funeral e o luto, o sepultamento e a construção de cemitérios; inicialmente com igrejas sendo transformadas em locais onde os mortos eram enterrados e mais tarde como a construção de cemitérios seculares desvinculados dos templos católicos enquanto espaços físicos.”. (SOUZA, 2020, p.05).

O autor aborda a morte como um evento simbólico, analisando as diversas significações associadas ao morto e à sua alma. Ele afirma que a preocupação com os mortos é um traço intrínseco da humanidade desde os primórdios da vida em sociedade. Além disso, reitera: “Neste sentido, toda cidade também é uma necrópole, ou seja, além da cidade dos vivos, há a cidade dos mortos; locais nos quais os mortos são enterrados e aos quais é atribuída uma simbologia específica” (SOUZA, 2020, p. 05). O ponto central de sua discussão é que a relação entre os vivos e os mortos é multifacetada, abrangendo aspectos religiosos, sociais, culturais e econômicos. Contudo, essa relação tem sido marcada por processos progressivos de secularização da morte, nos quais o morto é afastado do mundo dos vivos, perdendo o significado simbólico que envolvia os rituais de

sepultamento. Nesse contexto, ele cita Gilberto Freyre (1941, p. 194), que lamenta que:

“Talvez em nenhuma parte do mundo os enterros se façam hoje tão às pressas como nas cidades do Nordeste do Brasil. Nem em New York são assim os enterros. O que talvez signifique certo desinteresse da gente atual desta região brasileira pelo seu passado, pelas suas tradições e pelos seus mortos.” (FREYRE, 1941, p. 194 apud. SOUZA, 2020).

Entretanto, essa lamentação é rebatida quando o autor reitera que não se trata de “lamentar o desaparecimento de mundo marcado por tradições em relação à morte”, mas sim de postular a transição desses fatores que não encontram mais lugar na modernidade. Além disso, ressalta que as perspectivas contemporâneas no tema, em sua obra, só são usadas como contrapontos. O objeto de seus estudos tem um recorte temporal definido até a primeira metade do século XX.

3.1. A ritualização da Morte

A morte, ao ser ritualizada, gera, ao falecido, função similar à que a festa de aniversário poderia exercer quando este ainda era vivo. A festa marca a singularidade do aniversariante e festeja sua existência assim como a cerimônia de seu funeral lamenta que ele não esteja mais entre os vivos e registra a especificidade do ser que morreu (SOUZA, 2020, p.05).

Funerais celebram virtudes de quem morreu. O falecido é idealizado pelo grupo ao qual fazia parte e sua imagem do passado tende a ser mantida perante a posteridade:

“Eles se foram, mas, enquanto o esquecimento absoluto não chegar, eles, pelo menos para aqueles que celebram sua memória, permanecerão como o alicerce de uma identidade fundada na lembrança a ser compartilhada.”(SOUZA, 2020, p. 09).

Willems (1961, p. 162), ao ser citado por Souza (2020, p. 09), discorre que a morte gera um vazio que, se não for solucionado, pode gerar uma situação de desequilíbrio social. E, sobre os ritos, afirma que a realização desses oferece ao ciclo social do falecido o ensejo de exprimirem suas emoções dentro dos moldes estabelecidos pela comunidade. Souza (2020) ainda complementa que os ritos funerários dão destaque a identidade do falecido e que isso pode ser feito de diferentes maneiras.

A morte impõe sua presença no mundo dos vivos, e no Brasil, sua presença foi manifestada de diversas formas. Algumas dessas formas são ignoradas, principalmente em cidades de grande porte, mas até os dias de hoje estão presentes, como o badalar dos sinos que anunciam as mortes. Ainda podemos citar as procissões (que são de origem colonial), os velórios, o acompanhamento do morto até sua sepultura e o momento do enterro. Momentos esses que são presenciados e compartilhados por toda a comunidade (SOUZA, 2020, p. 11-12).

Figura kk: Manifestações culturais encontradas num túmulo no Cemitério Municipal de Mutuca/PE.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024)

4. PAISAGISMO FÚNEBRE

4.1. A NATUREZA E A MORTE.

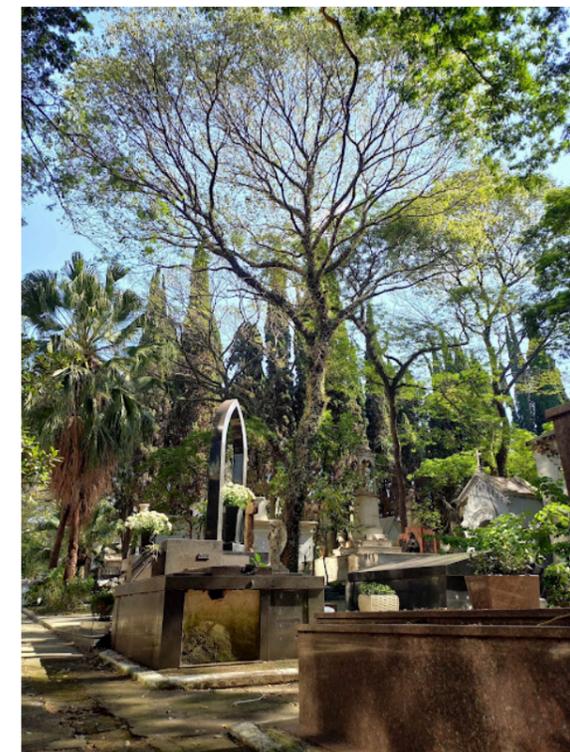
De acordo com Cabral (2021, p. 22) e Worpole (2003), não é errôneo afirmar que a paisagem e a mortalidade estão correlacionados. A discussão segue a partir da noção de que a paisagem, por si só, é pluridimensional, ou seja: abrange vários campos que buscam defini-la, como a religião, a genética, a arte, a filosofia. Dessa maneira, diferentes tipos de paisagens podem proporcionar uma diversa gama de sensações a partir da ambiência criada, como um sentimento de liberdade, um sentimento de medo, terror e respeito. *“É um sentimento natural que ocorre quando nos deparamos com uma paisagem pela primeira vez. A arquitetura pode, por sua vez, ampliar ou diminuir estes sentimentos.”* (Worpole, 2003 apud. Cabral, 2021, p. 22).

Cabral (2021) ainda cita Curl (2006) e discorre que os cemitérios e locais de enterro são pormenores num contexto cultural muito vasto e significativo. O autor ainda critica: atualmente, muitos dos cemitérios modernos não são projetados para inspirar espiritualidade, calma e sossego, mas sim pensados em prol da saturação de “habitantes” possíveis..

Ainda de acordo com Cabral (2021, p. 22) e Worpole (2003), os cemitérios podem desenvolver um papel terapêutico, quando bem projetados com o intuito de promover a serenidade e a tranquilidade, por exemplo. E frisam que o mais importante não é o significado religioso, mas sim as sensações que a ambiência transmite.

Nesse contexto, Santos (2015) recorreu a Pacheco (2012), que destacou que a escolha de certos elementos vegetais está frequentemente ligada a significados fúnebres. As coníferas, por serem sempre verdes, são frequentemente utilizadas em espaços cemiteriais. Entre elas, os ciprestes se destacam: na Grécia e em Roma, seus ramos eram usados nas piras funerárias, e há registros de sua utilização por povos como assírios, caldeus e chineses como árvores mortuárias. Essa associação fúnebre é reforçada pelo nome científico de uma de suas espécies, originária da China: *Cupressus funebris*, que no Brasil é conhecido como cipreste-fúnebre ou cipreste-chorão. A forma pendente dos seus ramos também contribui para a sua conexão com a expressão de choro e pesar.

Figura 08: Cemitério da Consolação, a necrópole mais antiga de São Paulo/SP.



Fonte: Acervo do autor (2024)

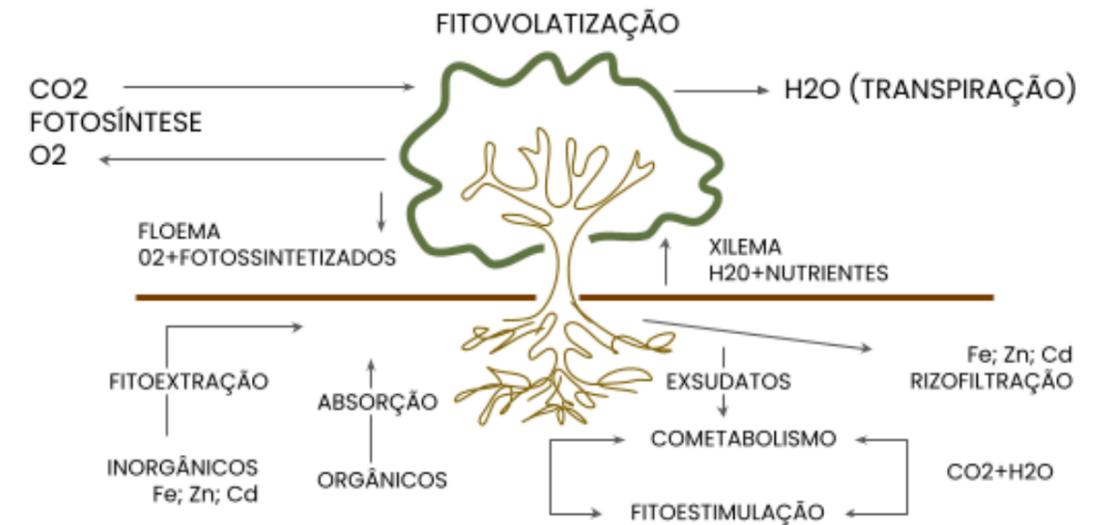
De outro modo, Santos (2015, p. 83), ressalta que a presença de vegetação junto aos mortos nem sempre se ligava a caracteres míticos. A autora descreve que na implantação das primeiras organizações cemiteriais urbanas dos séculos XVIII/XIX, a arborização se ligou primordialmente à ideia de salubridade, entre as tantas outras recomendações para estes novos espaços citadinos.

4.2. VEGETAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE MITIGAÇÃO

Cabanas (2010) afirma que, no que se refere ao solo cemiterial, o maior nível de periculosidade está no necrochorume (parte líquida resultante da decomposição do cadáver), principalmente no sepultamento por inumação em que o caixão fica em contato direto com o solo. Há legislações que determinam o isolamento externo da necrópole por áreas livres ou vias públicas e terrenos arborizados em declive, como modo de promover a saúde pública.

Estudos no Nordeste do Brasil indicam que o plantio de árvores freatófitas em leitos de rios pode ser uma estratégia eficaz para a remoção de metais pesados despejados por indústrias nas proximidades. A autora reafirma esse potencial mitigador ao citar Moreno e Corseuil (2001), que destacam a importância do uso do potencial transpiratório das árvores freatófitas para controlar a poluição dos aquíferos por substâncias que podem percolar no solo. Além disso, mencionam a técnica de rizofiltração, que consiste na remoção de metais pesados da água por meio da absorção pelo sistema radicular das árvores (Figura 09).

Figura 09: Fitorremediação de compostos químicos, orgânicos e inorgânicos em árvore freatófita.



Fonte: SILVA, FARIA, CABANAS E SIMÕES, 2016, Adaptado de Moreira e Corseuil, 2001 - Elaborado pelo autor (2024)

5. A DICOTOMIA FÚNEBRE: PRÓS E CONTRAS DE CEMITÉRIO

5.1. CEMITÉRIO ENQUANTO ESPAÇO PÚBLICO

Loboda e De Angelis (2005), Rosa (2003) foram utilizados por Andrade et. al. (2020), e ambos discutem que o espaço urbano é formado e influenciado pelas consequências dos diversos processos e particularidades históricas que orientaram a expansão dos ambientes desuniformemente, e, em grande parte, desprezando as questões socioambientais relacionadas ao empobrecimento da paisagem e supressão dos elementos naturais.

Por outro lado, Andrade et. al. (2020) também ressalta que a paisagem é uma realidade viva, de constante transformação, e o sentimento e a noção que dela se tem se conectam à percepção estética da natureza e regidos principalmente pelo reconhecimento visual, que possibilita atribuir um significado específico a um determinado local (CONTI, 2014; BARTALINI, 2019; GAFSKI, 2018, apud. Andrade et. al., 2020).

Com isso, também afirmam, como já vimos em tópicos prévios, que os cemitérios, por serem locais fortemente influenciados pela cultura local, têm tido seu espaço repensado em função de seu potencial para contribuir com a infraestrutura verde urbana e como garantia de áreas propícias ao paisagismo e à preservação ambiental (CLAYDEN et al., 2015; LOBODA; DE ANGELIS, 2005 apud. Andrade et. al., 2020).

Além disso, a discussão continua com Andrade et. al. (2020) e Santos (2013), ao pontuarem que, cemitérios, por ocuparem espaços livres extensos, possuem a capacidade de a paisagem de maneira agregadora, quando pensados dentro de

um conceito de planejamento ambiental. As práticas funerárias evoluíram ao longo tempo ao sabor de crenças e circunstâncias econômicas, mas a constante dos problemas estruturais e do potencial de contaminação ambiental determinaram a concepção de diferentes tipologias de cemitérios, como o cemitério horizontal, vertical e parque ou jardim, cada qual apresentando particularidades (PACHECO, 2000; PIZZOL, 2011; KEMERICH et al., 2014).

Segundo Santos (2013), um cemitério parque, quando planejado com um paisagismo cuidadoso, pode oferecer condições microclimáticas agradáveis devido à vegetação. Isso não só ajuda na conservação dos biomas locais, mas também na preservação de diversas espécies de fauna, transformando o espaço em um refúgio de tranquilidade e apreciação no meio do agito urbano.

Calvo (2022), por sua vez, disserta que a morte tem se tornado um tema repleto de crises de valores. Esse fenômeno social está em constante transformação e se depara com diferentes tradições, que vão desde registros antropológicos até documentários. Nesse sentido, a autora reitera: O espaço cemiterial, nesse contexto, oferece uma oportunidade de participação nesse processo de mudança. (CALVO, 2022, p. 36). Do mesmo modo, conforme a autora, considerando as diversas possibilidades culturais que podem se unir em torno do espaço cemiterial, é viável identificar maneiras de promover um diálogo entre o desenvolvimento saudável do espaço público e o cemitério.

Conforme Sampayo (2003), trazido na discussão de Calvo (2022, p. 37), tendo em conta que a ocupação de um cemitério será sempre coletiva – ainda que não menos exposta a fenômenos de separação ou segregação – a sua transformação poderá ser uma forma de promover a construção planejada de espaço público. Pois, além do seu caráter inerentemente coletivo, o cemitério

apresenta uma série de exigências do ponto-de-vista sanitário, pelo que a sua situação na cidade será sempre determinada por fatores mais complexos do que a existência de um espaço vazio . Nesse sentido, pensar no espaço cemiterial como espaço público significa sempre pensar num espaço com duas dimensões.

Por fim, complementando a gama de possibilidades, Ávila e Spironello (2020) trazidas à discussão ao se utilizarem de Martini et al. (2018), e discorrerem que em ambientes de morfologias laicizadas (formas ou estruturas que foram adaptadas ou transformadas para se tornarem independentes de contextos religiosos ou espirituais), os cemitérios apresentam características familiares de suas residências e de seus proprietários. Esses aspectos podem ser observados a partir do momento que se encara o cemitério como uma extensão da vida social, um lugar de memórias dos mortos e preservação da história dos vivos. Dentro dessa perspectiva, os cemitérios podem se tornar espaços públicos formais.

5.2. CEMITÉRIO ENQUANTO FONTE DE POLUIÇÃO

Como Santos et. al. (2018) pontua, o aumento populacional é uma variável que é diretamente proporcional ao aumento da demanda por áreas adequadas destinadas para o sepultamento. Dessa forma, espaços de implantação cemiterial comumente seguem alguns critérios para escolha, que permeiam temas como: valorização econômica negativa e distância significativa dos chamados “centros” urbanos. Outro fato é que essas áreas que são destinadas a estes empreendimentos muitas das vezes não têm se amparado em licenciamento ambiental, o que pode acarretar em problemas de complexidade multidisciplinar. O fato é que cemitérios são espaços que tendem à alteração no meio físico e por

esta razão são considerados como empreendimentos de significativo impacto ambiental (ALCÂNTARA, 2010 apud SANTOS, 2018).

Beulk (2018) utilizou diversos autores, como Kemerich et. al. (2012) e Pacheco, (2006), para dizer que necrópoles, são instalações que podem afetar as condições naturais do solo e das águas subterrâneas e que são classificadas como atividade com risco de contaminação ambiental. Nesse sentido, quando necrópoles são implantadas em terrenos de baixo valor imobiliário ou em condições geológicas, hidrogeológicas e geotécnicas inadequadas, elas podem gerar a ocorrência de impactos ambientais no meio onde está inserido. Ainda de acordo com Pacheco (2006), este cenário é o tipo de cenário comum nos municípios do Brasil, onde além de implantados de forma inadequada, os espaços cemiteriais também são operados em negligência, causando impactos físicos primários (contaminação das águas subterrâneas de menor profundidade e águas superficiais) e secundários (presença de mau cheiro proveniente da decomposição dos cadáveres).

6. ESTUDO DE IMPACTO DE VIZINHANÇA (EIV)

Conforme apresentado no Caderno Técnico de Regulamentação e Implementação de Schvasrberg, Martins, Kallas, Cavalcanti E Teixeira (2016), o Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) fundamenta-se em um princípio essencial: a análise da distribuição dos malefícios e benefícios gerados pelo processo de urbanização. Ele atua como um instrumento de gestão que complementa o regulamento geral de parcelamento, uso e ocupação do solo, inserindo-se no contexto do licenciamento urbanístico.

O EIV viabiliza a prospecção das consequências decorrentes da instalação de empreendimentos de grande impacto nas áreas adjacentes, permitindo a mitigação dos efeitos negativos e a promoção de impactos positivos. Assim, torna-se uma ferramenta crucial para a gestão urbana, promovendo um desenvolvimento mais equilibrado e sustentável (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016, p. 09.).

É amplamente reconhecido que a implementação de atividades de grande porte em áreas urbanas provoca impactos nas redondezas. Contudo, determinadas tipologias de empreendimentos e suas respectivas atividades afetam a dinâmica urbana de maneira tão intensa que as normas de uso e ocupação do solo se mostram insuficientes para evitar os conflitos resultantes de sua implantação. Dependendo de sua magnitude e natureza, essas interferências podem comprometer a qualidade de vida dos moradores e usuários da vizinhança (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016, p. 09.).

Os impactos manifestam-se, por exemplo, na sobrecarga da infraestrutura urbana existente, assim como nos equipamentos e serviços públicos, gerando

aumento no tráfego, ruído excessivo e alterações no microclima. Além disso, essas atividades podem provocar mudanças significativas no valor do solo e na paisagem local, evidenciando a necessidade de mecanismos adicionais de gestão e regulamentação para lidar com tais consequências. (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016, p. 09.).

6.1. CONCEITOS E APLICAÇÕES DO EIV

Para a aplicação do Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV), é fundamental compreender dois conceitos-chave: impacto e vizinhança. O conceito de impacto refere-se ao fato de que toda atividade gera efeitos em diversos aspectos da vida urbana, incluindo os âmbitos social, econômico, ambiental e urbanístico. Para os fins do EIV, são considerados especialmente aqueles impactos que afetam a qualidade de vida da população urbana e que provocam incomodidades significativas (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016, p. 13.).

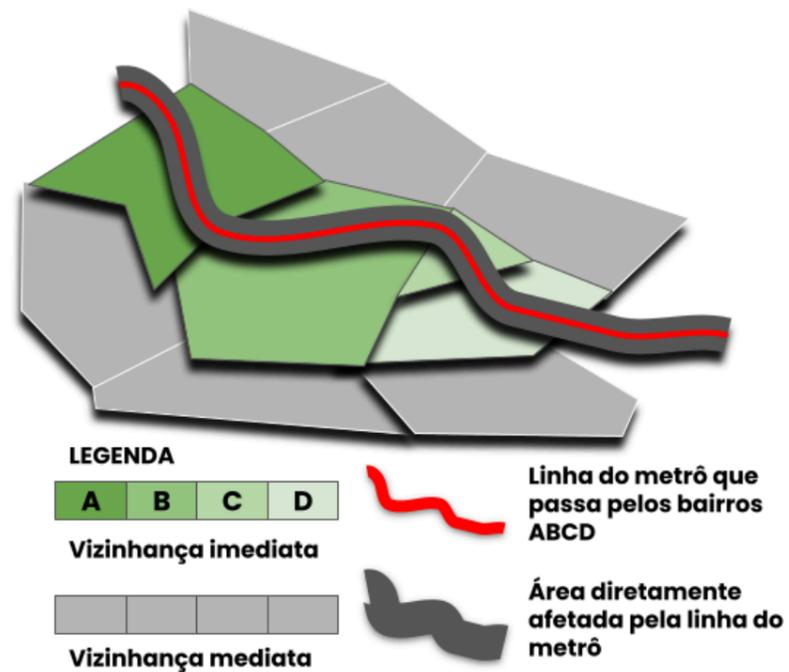
Nesse contexto, o nível de incomodidade gerado está diretamente relacionado ao tipo, ao porte e à localização do empreendimento ou atividade. Portanto, cabe ao município, em função de sua realidade local e dinâmica urbana, determinar quais empreendimentos ou atividades têm potencial para causar impactos relevantes em seu território, levando em consideração as características de uso e ocupação das diferentes zonas de sua malha urbana. Essa avaliação é crucial para garantir um desenvolvimento sustentável e equilibrado nas áreas urbanas (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016, p. 13.).

Já em relação ao conceito de vizinhança, entende-se como o conjunto de pessoas, edificações e atividades compreendidas em uma mesma base territorial que possa ser atingido ou beneficiado pelos efeitos de empreendimentos.

Reafirma-se a noção de que esse conceito é flexível: se o assunto é um imóvel, a vizinhança é representada pelos vizinhos imediatos, mas, se o assunto for transporte urbano, a vizinhança expande-se um pouco mais e passa a ser composta pelas comunidades por onde este transporte vai transitar. Se o assunto é abastecimento de água, a vizinhança pode ser a totalidade da bacia hidrográfica territorialmente envolvida (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016, p. 14.).

Figura 10: Croqui que representa o impacto do transporte público em vizinhanças imediatas como bairros

Fonte: Luana Kallas (2016) - Adaptado pelo autor (2024)



6.2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

De acordo com o Art. 36. da Seção XII da LEI Nº 10.257, DE 10 DE JULHO DE 2001, cabe ao município definir os empreendimentos e atividades que dependerão da elaboração de estudo prévio de impacto de vizinhança (EIV) para obter as licenças ou autorizações de construção, ampliação ou funcionamento a cargo do Poder Público municipal.

Nesse sentido, conforme o Art. 49. Seção VI do Plano Diretor do Município de Pesqueira (2009 define "cemitério" como um empreendimento de impacto independente da área construída e da dimensão do terreno.

O Art. 37 do do EC estabelece o conteúdo mínimo a ser abordado pelo EIV.

"Art. 37. O EIV será executado de forma a contemplar os efeitos positivos e negativos do empreendimento ou atividade quanto à qualidade de vida da população residente na área e suas proximidades, incluindo a análise, no mínimo, das seguintes questões:

I – adensamento populacional;

II – equipamentos urbanos e comunitários;

III – uso e ocupação do solo;

IV – valorização imobiliária;

V – geração de tráfego e demanda por transporte público;

VI – ventilação e iluminação;

VII – paisagem urbana e patrimônio natural e cultural."

DIAGNÓSTICO (EIV)



7. DIAGNÓSTICO

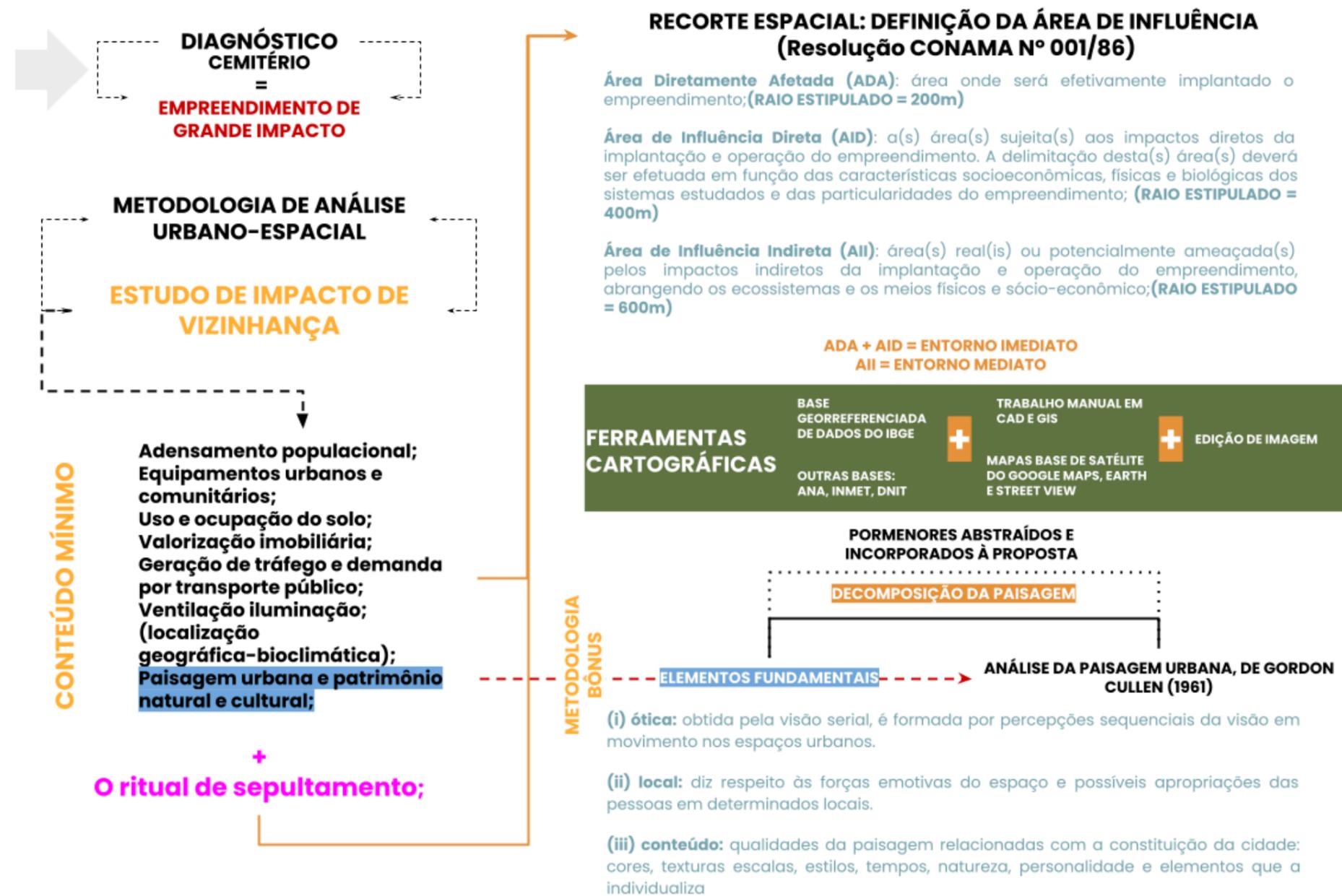
7.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE

A partir do conteúdo mínimo estabelecido no Estatuto da Cidade (2001) foi definida a metodologia de análise urbano-espacial. A metodologia consiste na ampliação do conteúdo mínimo, com a inclusão de um oitavo item a ser analisado: O ritual de sepultamento. Além disso, houve a inserção de uma metodologia de análise da paisagem urbana de Cullen (1981), como metodologia complementar ao item “Paisagem urbana e patrimônio natural e cultural”.

De acordo com a Resolução CONAMA 001/86, a Área de Influência de um empreendimento se refere à extensão geográfica que pode ser impactada, tanto de maneira direta quanto indireta, ao longo das fases de planejamento, execução e operação do projeto. Para melhor compreensão e análise, as áreas de influência foram categorizadas em três níveis distintos:

- Área de Influência Indireta (AII): engloba a área que está sujeita a impactos indiretos resultantes da operação e expansão do empreendimento, podendo ser real ou potencial.
- Área de Influência Direta (AID): refere-se à área que experimentará impactos diretos associados à operação e ampliação do empreendimento.
- Área Diretamente Afetada (ADA): diz respeito à área que será afetada diretamente pela ação da operação e ampliação do empreendimento.

Figura 11: Fluxograma conceitual da metodologia de análise do diagnóstico



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

7.2. CONTEXTO GEOGRÁFICO DO DISTRITO

O distrito de Mutuca está localizado no município de Pesqueira. Este, por sua vez, situado na Zona Fisiográfica do Agreste, na latitude Sul 8° 21' 51",3 e longitude W.Gr. 36° 42' 14'9, distando da capital do Estado, em linha reta, 204 quilômetros.

Como podemos observar na figura 11, abaixo, o mapa de localização:

7.3. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIODEMOGRÁFICO

Apresentar o contexto histórico do Distrito de Mutuca, infelizmente, é um trabalho com informações oficiais escassas.

Apesar da história do Município Pesqueira datar do Século XVIII, com incursões Jesuítas pela Serra do Ororubá, não foram encontradas informações sobre a fundação da aglomeração urbana que veio a se tornar o distrito. Oficialmente, sabemos que as terras que hoje são do distrito foram desmembradas do distrito de Poção pela Lei Municipal n.º 217, de 30-08-1952.

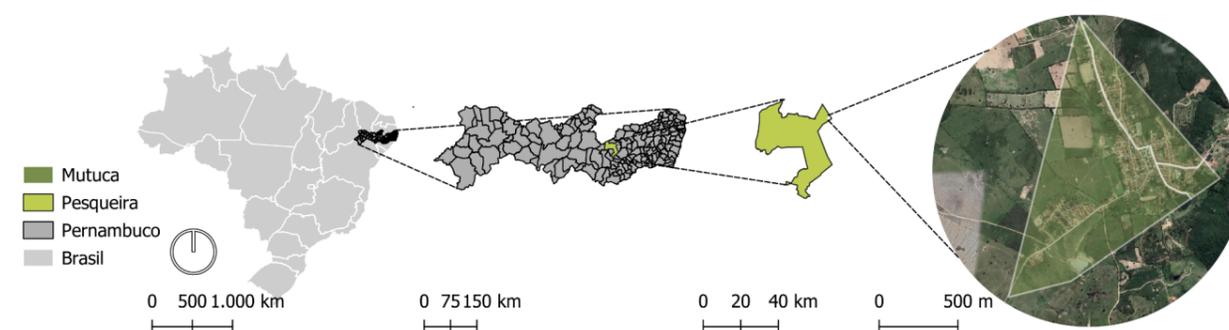
Do ponto vista demográfico, estimativas do D.E.E, em 1957, apontaram que Mutuca tinha um total de 1174 habitantes. Em 1991, de acordo com o IBGE, a população total estimada era 3026, decaindo para 2722 nos anos 2000 e aumentando, em 2010, para 3046. Até o momento da pesquisa, dados do Censo de 2022 não haviam sido disponibilizados.

Ainda de acordo com Censo (2010), o número total de domicílios era de 916. Com esse dado, temos um resultado de uma média de 3.33 moradores por domicílio. Esses valores, apesar de numericamente baixos, tomam outra proporção a partir do momento que são distribuídos espacialmente em setores censitários

que somam, em área, 1,116km², configurando assim, uma densidade populacional de 2732hab/km².

Além disso, microdados sobre religião e economia, em relação ao distrito, não foram encontrados.

Figura 12: Mapa de Localização Geográfica



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

7.4. SELEÇÃO DO TERRENO

O terreno escolhido para o projeto é um terreno de interesse público para ampliação do cemitério municipal existente. Localizando-se numa propriedade privada, adjacente ao cemitério local e com um único acesso existente, perpendicular ao eixo da Rua Nova.

Figura 13: Localização do terreno



Fonte: Google Earth - Adaptado pelo autor (2024)

7.5. CONTEÚDO MÍNIMO DO EIV:

7.5.1. I - ADENSAMENTO POPULACIONAL

No EIV, a análise sobre o adensamento populacional parte do princípio do aumento populacional provocado pela implantação ou ampliação do empreendimento (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA (2016). Leite e Toledo (2024), complementam essa ideia ao discorrerem que o adensamento populacional é, por muitas vezes, inevitável e reflete tanto o crescimento demográfico quanto a busca por espaço e infraestrutura. Para elas, ao citar Pacheco (2012), esse fenômeno é marcado por modificações ao longo da história do planejamento urbano, ambiental e sanitário das cidades, que afastou e negligenciou os espaços cemiteriais das áreas residenciais:

“Esse descompasso entre locais de habitação e locais de sepultamento tem, ao longo do tempo, gerado cemitérios abandonados e áreas negligenciadas, sugerindo uma imagem de aparente desamparo e desinteresse. Esse fenômeno não é somente uma resultante das transformações urbanas; ele traz consigo implicações relacionadas à saúde pública e ambiental.”. (LEITE E TOLEDO, 2024. apud. PACHECO, 2012).

Entretanto, a necessidade de implantação de cemitérios preexiste à regulamentação ambiental e urbana, Leite e Toledo (2024). Isso implica em casos, como o do presente trabalho, onde o cemitério se encontra no núcleo central da malha urbana. Mas, isso não altera o caráter de “repulsor social” atribuído a este tipo de equipamento, uma vez que são comumente implantados em terrenos de

baixo poder aquisitivo e atribuem critérios como “valorização econômica negativa”, como afirmam Santos, Oliveira, Fontes, Dantas e Soares (2018). 11

Figura 14: Ao fundo, lotes residenciais margeando o perímetro do muro cemiterial



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024)

A escolha de caracterizar o projeto como “ampliação” parte da intenção de ter suporte temporal para a análise. Dessa forma, é possível observar a evolução da malha urbana distrital.

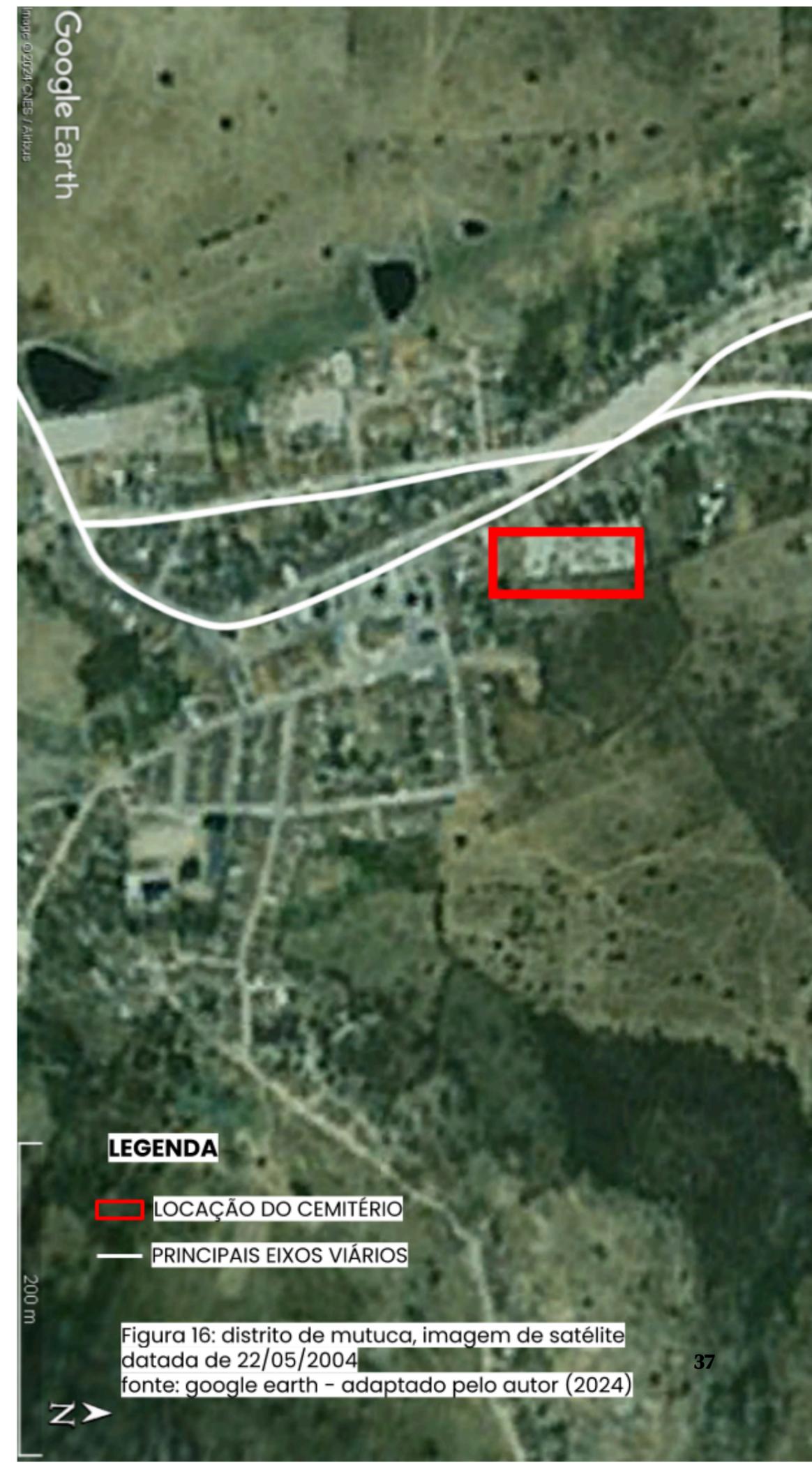
O cemitério existente se localiza ao norte e adjacente ao centro do distrito, com acesso único que se dá pela via Alfredo Monteiro Leite, perpendicular à Rua Jurandir de Brito, uma das principais vias locais. No mapa ao lado, com dados imagéticos dos mosaicos do Google Earth Pro, é interessante visualizar a pré-existência do cemitério, que já aparecia implantado em 1969, assim como o traçado dos principais eixos viários que funcionam como guias de expansão. Não sendo possível identificar residências, graças à resolução da imagem.

Nenhum órgão do governo municipal possuía informações sobre a data de construção do cemitério. Entretanto, durante o levantamento fotográfico realizado, foi possível identificar um túmulo da década de 1955. De qualquer forma, não é possível identificar como o distrito foi estruturado nas décadas anteriores. Mas é interessante notar que, desde a data da imagem, a implantação do equipamento é perimetral aos eixos viários estruturadores do distrito.



Dando um salto temporal, na imagem ao lado, já em 2004, é possível verificar a configuração urbana que se mantém até os dias atuais. Dando destaque para o novo eixo de expansão que surgiu em direção a Serra do Cruzeiro. Um fato interessante, é a maneira em que o distrito se expandiu, margeando esses eixos viários e se distanciando do centro e conseqüentemente do cemitério.

O centro se desenvolveu no largo da Igreja e as edificações do perímetro são voltadas para ele. O cemitério se comporta como um anexo, escondido nessa configuração. Enclausurado pelos fundos de lotes de um lado, e onde, até então, do outro, nenhuma construção parece ter sido construída. É curioso notar que, de certa forma, o centro e o cemitério parecem análogos, se comportando formalmente como “bolsões de ar”, quando comparados com as demais quadras edificadas.



LEGENDA

- LOCAÇÃO DO CEMITÉRIO
- PRINCIPAIS EIXOS VIÁRIOS

Figura 16: distrito de mutuca, imagem de satélite datada de 22/05/2004
fonte: google earth - adaptado pelo autor (2024)

Por fim, nas imagens de 2021, podemos ter clareza e vemos que o distrito continuou a crescer e se urbanizar ao longo dos eixos, principalmente a oeste e sudoeste, pela Rua Henrique Monteiro Leite, principal rota de acesso ao distrito e ao município sede. Logo, parece plausível concluir que a ampliação do cemitério, por motivos socioeconômicos, ambientais e pelas condições físicas do entorno, não alteraria a dinâmica demográfica do distrito.

Um fato interessante a ser destacado, corrobora com a sensação de “bolsão de ar” mencionada anteriormente. É possível notar que, curiosamente, a urbanização espontânea do distrito apresenta um padrão de ocupação do solo: As edificações tendem a margear as faces dos terrenos e os eixos estruturadores, conformando vazios urbanos em suas quadras, funcionando como barreiras que impeçam o avanço da própria urbanização, em certos locais.

Nesse sentido, prováveis motivos podem ser observados no mapa a seguir, onde é possível ver que o lote escolhido para a proposta se encontra limitado por Imóveis Rurais com cadastros ativos, classificados como Imóveis Rurais Únicos (IRU). Além disso, esses imóveis também possuem Áreas de Preservação Permanentes (APP's) em áreas consolidadas, ou seja, regiões onde a atividade humana já está estabelecida, como habitações, estradas ou cultivos, geralmente caracterizada por um uso mais intenso do solo.



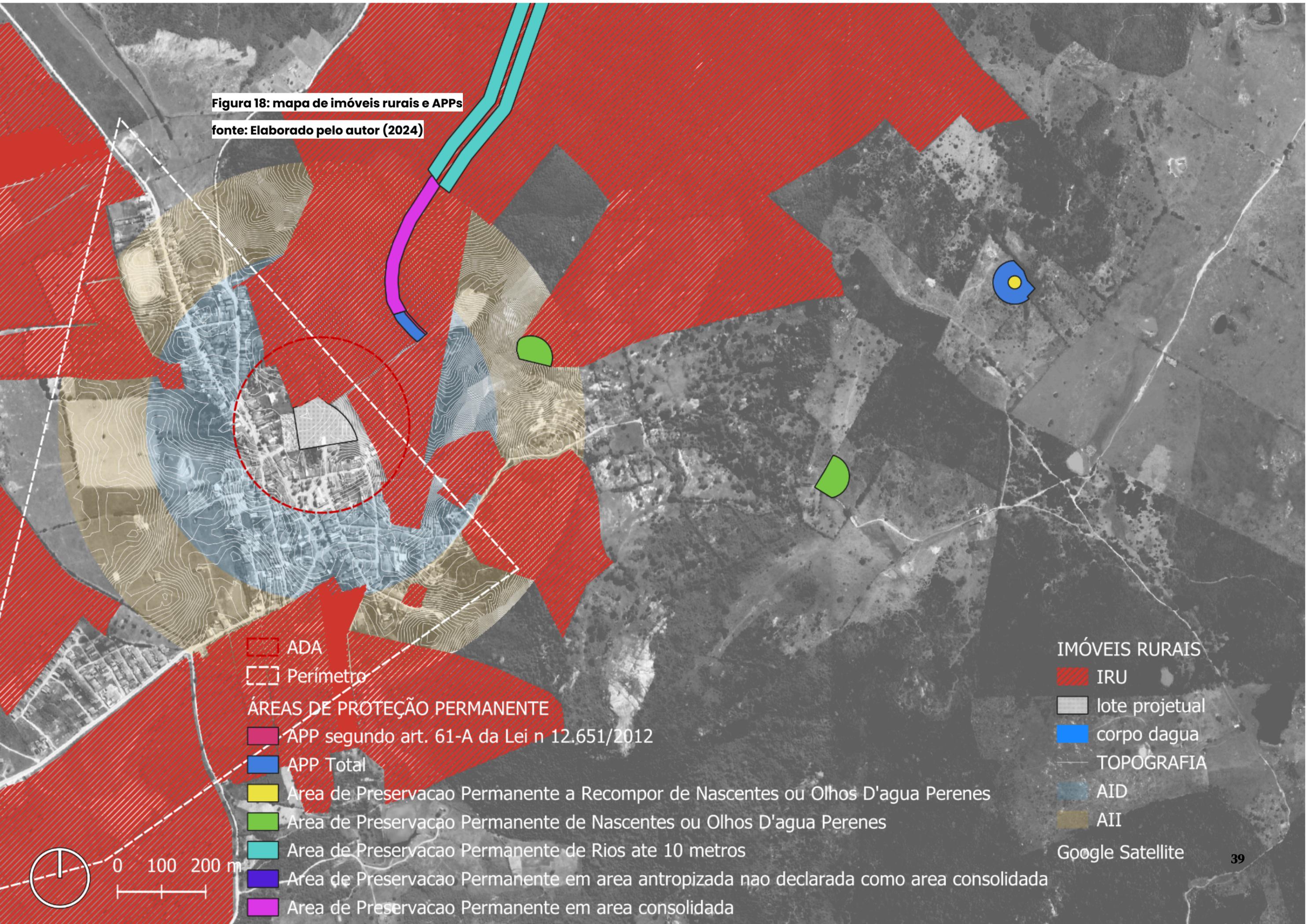
LEGENDA

-  LOCAÇÃO DO CEMITÉRIO
-  PRINCIPAIS EIXOS VIÁRIOS

Figura 17: distrito de mutuca, imagem de satélite datada de 26/05/2021
fonte: google earth - adaptado pelo autor (2024)

Figura 18: mapa de imóveis rurais e APPs

fonte: Elaborado pelo autor (2024)



7.5.2. II - EQUIPAMENTOS URBANOS E COMUNITÁRIOS

A definição de equipamentos urbanos e comunitários está explicitada na Lei Federal 6.766/1979, que regulamenta o parcelamento do solo para fins urbanos. De acordo com Schvasrberg, Martins, Kallas, Cavalcanti e Teixeira (2016), os equipamentos públicos comunitários são aqueles destinados a áreas como educação, cultura, saúde e lazer (Art. 4º, §2º). Por outro lado, os equipamentos públicos urbanos são voltados para serviços essenciais, incluindo abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, fornecimento de energia elétrica, manejo de águas pluviais, telecomunicações e gás canalizado (Art. 5º, §1º).

Ainda conforme os autores mencionados, a análise do Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) requer a catalogação e quantificação dos equipamentos comunitários existentes dentro do raio de influência da proposta. O próximo passo consiste em correlacionar a capacidade de atendimento desses equipamentos com a projeção da população futura. Caso seja identificado um déficit, deve-se considerar a ampliação dos equipamentos existentes ou a criação de novos para atender à demanda gerada pela implementação do empreendimento.

DRENAGEM PLUVIAL

De acordo com as informações da Secretaria de Infraestrutura do Município de Pesqueira, o distrito de Mutuca não possui rede de drenagem pluvial.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

O distrito, historicamente, é marcado pela deficiência em abastecimento de água. Nesse sentido, uma de suas principais características é a existência de métodos de abastecimento não convencionais. (COSTA, 2009).

De acordo com o Plano Municipal de Saneamento Básico do município de Pesqueira (2014), antes do colapso e interrompimento, o abastecimento era realizado pela Companhia Estadual de Saneamento - COMPESA, através do Sistema de Abastecimento de Água (SAA) Jenipapo que possui a captação no Município de Sanharó e utiliza duas fontes hídricas (poço artesiano e "cacimbão"). Sobre o SAA Jenipapo, COSTA (2009), descreve que o reservatório de Jenipapo está situado a cerca de oito quilômetros do distrito de Mutuca e que o sistema de distribuição era constituído por: adutora, tanque de cloração de água (junto ao reservatório), e um reservatório de distribuição em Mutuca, no qual se adicionava hipoclorito de sódio e se distribuía a água à população (em alguns pontos do distrito) por gravidade. O Plano Municipal de Saneamento Básico do município de Pesqueira (2014) também afirma que, de acordo com informações de lideranças locais, praticamente toda a população compra água.

Em relação às duas principais fontes de abastecimento local, é possível observar, no mapa abaixo, que ambas se encontram há uma distância de 500m da área de ampliação cemiterial. Do ponto de vista técnico-legal, em relação a essa distância, não foi encontrado um valor numérico. A Resolução CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003, fala que "a área prevista para a implantação do cemitério deverá estar a uma distância segura de corpos d'água.

O Código Sanitário do Estado de Pernambuco (1998), no Art. 212, afirma que os cemitérios serão construídos na contra-vertente das águas de abastecimento e até mesmo a Norma L1040 (1999), da CETESB, afirma que "a área-objeto deverá situar-se a uma distância mínima de cursos d'água (rios, riachos, córregos), bem como de corpos naturais ou artificiais (lagos, lagoas e reservatórios), de acordo com a legislação vigente."

Figura 19: “Cacimbão”, o poço amazonas local



Fonte: Acervo pessoal do autor (2020)

ESGOTAMENTO SANITÁRIO

A SEINFRA afirmou que o distrito possui rede de drenagem de saneamento básico e que não possuíam arquivos onde com a locação. De outro modo, como COSTA (2009) afirmou, o esgoto doméstico da grande maioria das residências é destinado a fossas individuais ou ainda continua sendo simplesmente lançado a céu aberto. Essa descrição está de acordo com as informações no diagnóstico realizado PMSB (2014), onde é afirmado que, de acordo com o CEnso (2010), em Mutuca, aproximadamente 80% da população utiliza fossas rudimentares para esgotar seus dejetos.

Entretanto, o distrito sofreu intervenções num ponto de lançamento de esgoto mapeado no início da Rua São José, um Projeto desenvolvido por pesquisadores e

técnicos da área de Saneamento da UFPE/UFRPE estava buscando estudar a aplicação de efluentes domésticos, tratados (reuso), na irrigação de girassóis. (PMSB, 2014). Um terreno de 4078 m², próximo ao açude, foi doado pela Prefeitura Municipal de Pesqueira e nele foi construída uma Unidade de Tratamento de Esgoto ,que constava inicialmente com apenas três tanques de sedimentação em série e posteriormente, foi instalado junto aos tanques um RAFA (Reator Anaeróbio de Fluxo Ascendente). (COSTA, 2009).

Estas instalações foram implantadas proximamente às instalações de abastecimento e se encontram há uma distância aproximada de 450m da área de ampliação cemiterial.

Figura 20: Estação de tratamento de esgoto local



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019)

Figura 21: mapa de Equipamentos urbanos e comunitários

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

-  ADA
-  Perímetro Censitário
-  Equip. Saneamento
-  Equip. Abastecimento
-  Patrimônio Cultural
-  Patrimônio Natural
-  Cemitério Local
-  Institucional
-  Lazer
-  Praça
-  Religioso
-  Saúde
-  Corpo Edificado
-  Lote Projetual
-  corpo d'agua
-  TOPOGRAFIA
-  AID
-  AII



7.5.3. III – USO E OCUPAÇÃO DO SOLO;

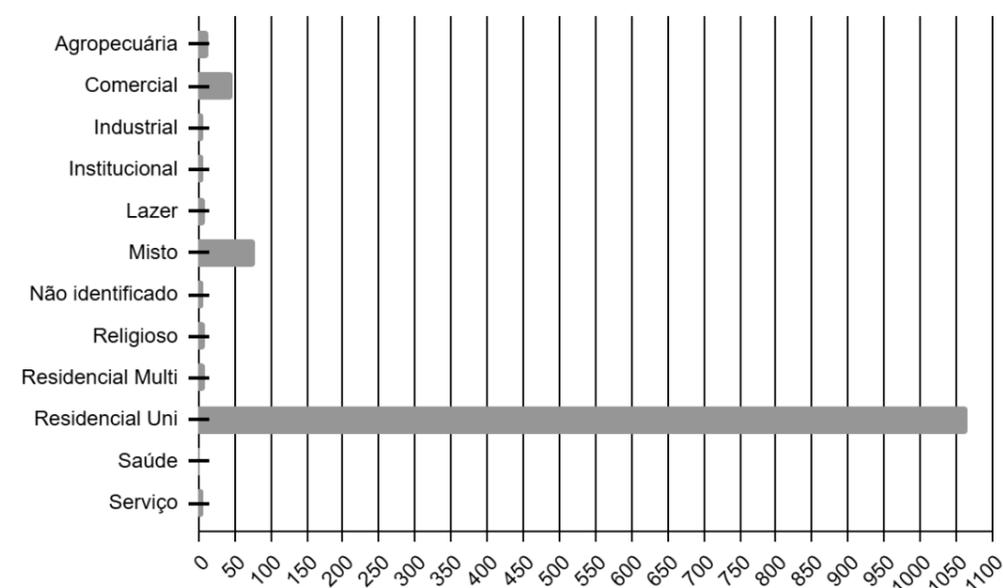
Segundo Schvasrberg, Martins, Kallas, Cavalcanti e Teixeira (2016), o Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) tem como objetivo identificar indícios de mudanças no uso do solo e transformações urbanísticas decorrentes do empreendimento e da atividade analisadas. É importante destacar que certos empreendimentos podem provocar alterações significativas na dinâmica urbana local. A longo e médio prazo, essas mudanças tendem a afetar a configuração espacial da área, bem como a concentração ou dispersão de atividades. Essas transformações têm repercussões diretas na ventilação e iluminação, no adensamento populacional, na geração de tráfego e na demanda por transporte público, além de influenciar os equipamentos urbanos e comunitários, a paisagem urbana, o patrimônio natural e cultural, e a valorização imobiliária.

Nesse contexto, as autoras afirmam que é crucial que a avaliação do uso e ocupação do solo considere a necessidade de verificar a compatibilidade do empreendimento ou da atividade com o zoneamento vigente e com o plano diretor, que geralmente estabelece as diretrizes. Portanto, além de o Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) comprovar que as propostas de uso e ocupação são adequadas à zona onde o empreendimento será implantado, é indispensável que o estudo analise potenciais incômodos e impactos da atividade, que podem ou não estar em conformidade com o zoneamento pré-estabelecido. Ademais, cabe destacar que os zoneamentos não são permanentes; a dinâmica das transformações urbanas ao longo do tempo exige que planos diretores e legislações de uso e ocupação do solo sejam constantemente revisados e atualizados, a fim de atender às novas realidades e demandas da urbanização.

Nesse sentido, para análise, temos um problema: o plano diretor do município não foi devidamente implementado. O documento cita a lei de zoneamento e uso e ocupação do solo, mas a própria Seinfra informou que elas não existem. Então, a estratégia escolhida foi analisar os usos por lote (figura kk), mapeando a projeção das edificações, seus usos e gabaritos. Dessa forma, é possível gerar parâmetros arquitetônicos que podem nortear a proposta a partir do caráter urbano obtido entendendo com os usos estão relacionados.

A partir do mapeamento, num caráter quantitativo, vemos no gráfico abaixo que o tipo de uso mais comum é o Residencial Unifamiliar, o que condiz com a realidade rural esperada. Esse dado é relevante pois, ao encarar que os espaços públicos pré-existent, as praças, são, em grande parte, resultado de interseções viárias, percebemos a ausência de um espaço público projetado com diferentes usos e equipamentos para suprir as demandas populacionais, urbanas e culturais.

Figura 22 - Gráfico quantitativo do uso mapeado nas edificações



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Por outro lado, mesmo que a proposta seja um espaço público e ecumenico, um tópico interessante a ser discutido é justamente o das edificações de uso religioso. Não foram encontrados nenhum tipo de templo além dos cristãos. O que de cara, já escancara o peso do Cristianismo no distrito.

De todo modo, dentro da Área Diretamente Afetada (ADA), encontramos as duas principais igrejas cristãs, uma delas sendo o maior templo religioso do distrito: A Igreja de Santa Terezinha, pertencente à Diocese de Pesqueira. Essa igreja guarda uma relação colono-cultural intrínseca à operação do cemitério: o badalar dos sinos que anuncia o horário dos sepultamentos.

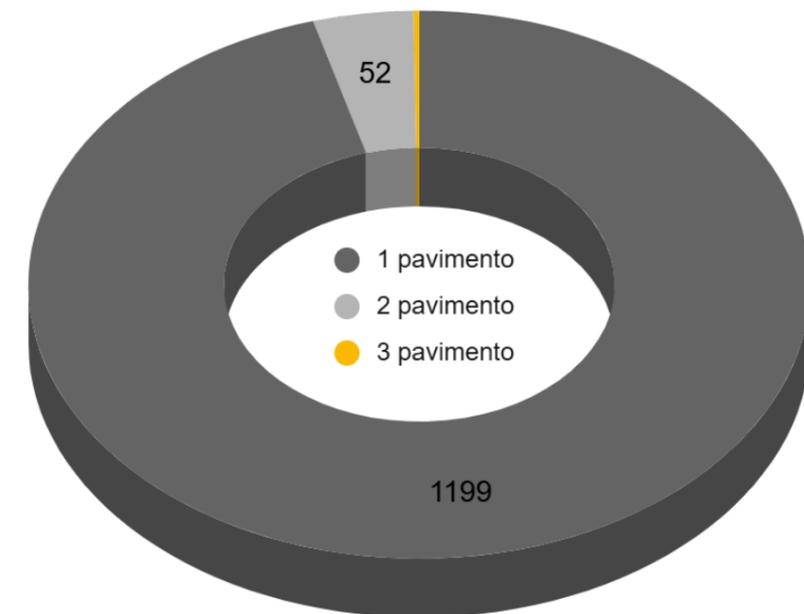
Figura 23 - Igreja de Santa Terezinha



Fonte: Google Street View (2024) - Adaptado pelo autor (2024)

De maneira geral, um outro aspecto característico dos usos encontrados é predominância de edificações térreas. Nenhuma edificação mapeada ultrapassou uma altura superior a 3 pavimentos (térreo+2), como é possível verificar no mapa de gabarito (figura kk). O gráfico abaixo quantifica as edificações mapeadas quanto ao seus gabaritos:

Figura 24 - Gráfico do número de edificações pela altura



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A demanda pela ampliação do cemitério não é recente. Desde a pandemia, alguns requerimentos imploraram a construção de um novo, a ampliação do atual e a construção de um velório. O interesse público no terreno escolhido lida com um conflito encontrado, que é o fato de ser uma imóvel em área consolidada de uma propriedade particular. Dessa maneira, a existência de uma residência unifamiliar

no terreno que seria desmembrado para a proposta, precisa encarar o ônus da proposta: a desapropriação e demolição da mesma.

Esse cenário só explicita a necessidade do planejamento urbano e implementação das leis de uso e ocupação do município. Assim como, a necessidade de educação urbana e patrimonial da população, para entenderem as decisões e prioridades em relação aos direitos do solo em situações similares.

Figura 25 - Residência Unifamiliar construída dentro do terreno projetual



Fonte: Google Street View (2024) - Adaptado pelo autor (2024)

Figura 26: mapa de Uso e ocupação do solo

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

-  ADA
-  Perímetro Censitário
-  Agropecuária
-  Cemitério
-  Comercial
-  Industrial
-  Institucional
-  Lazer
-  Misto
-  Não identificado
-  Praça
-  Religioso
-  Residencial Multi
-  Residencial Uni
-  Saúde
-  Sem uso
-  Serviço
-  Lote Projetual
-  TOPOGRAFIA
-  AID
-  AII



Figura 27: mapa de Gabarito das edificações

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

-  ADA
-  Perímetro Censitário
- GABARITO**
-  1
-  2
-  3
-  Lote Projetual
-  TOPOGRAFIA
-  AID
-  AII



0 100 200 m



7.5.4. IV – VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA;

Conforme apontado por Schvasrberg, Martins, Kallas, Cavalcanti e Teixeira (2016), a valorização ou depreciação imobiliária das áreas circundantes a uma atividade específica está intrinsecamente ligada ao uso e à ocupação do solo. Nesse contexto, existem empreendimentos que, ao serem implantados, podem resultar em valorização imobiliária, enquanto outros, como viadutos, cemitérios, matadouros, estações de tratamento de esgoto e aterros sanitários, tendem a provocar o efeito inverso.

Rosa (2003), ao referenciar Corrêa (1993), observa que, inicialmente, os cemitérios públicos costumam apresentar um valor de troca reduzido, devido à sua localização em áreas periféricas do espaço urbano. No entanto, ao longo do tempo, no processo de reorganização socioespacial, em que novas áreas urbanas são integradas e exigem adaptações na infraestrutura, esses espaços podem adquirir um novo valor de troca, influenciados pela sua localização. Por outro lado, o uso específico dos cemitérios frequentemente os exclui das dinâmicas de interesse dos agentes urbanos, não contribuindo para o processo de acumulação capitalista.

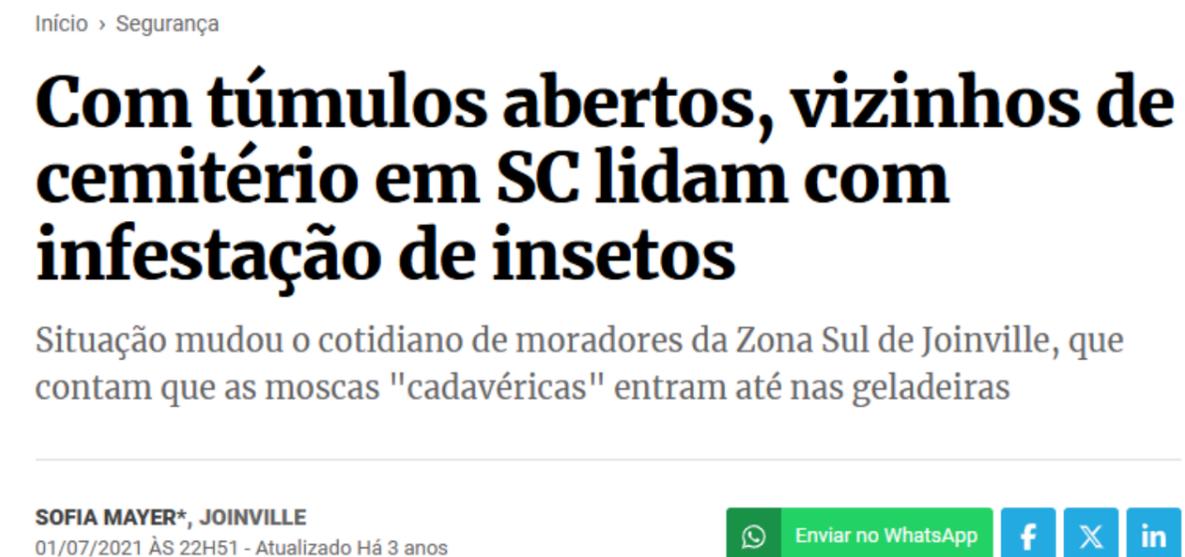
Adicionalmente, Rosa (2003) enfatiza, com base na análise de Corrêa (1993), a presença de um misticismo que permeia a percepção social dos cemitérios no Brasil. Segundo Corrêa (1993), não há conflitos significativos entre os moradores habitados à vizinhança dos cemitérios, embora a atração de novos residentes se mostra desafiadora. Rosa (2003) argumenta que os sentimentos e simbolismos associados às necrópoles frequentemente se opõem à lógica econômica predominante na sociedade brasileira.

Figura 28 – Matéria jornalística sobre problemas de manutenção cemiterial em Joinville, SC



Fonte: Sigamais (2021) – Adaptado pelo autor (2024)

Figura 29 – Matéria jornalística sobre impactos que um cemitério negligenciado pode causar em sua vizinhança.



Fonte: Ndmais (2021) – Adaptado pelo autor (2024)

7.5.5. V – GERAÇÃO DE TRÁFEGO E DEMANDA POR TRANSPORTE PÚBLICO;

Nesse ponto, tratam-se dos impactos que comprometem a mobilidade urbana, permanentes ou temporários. De modo geral, referem-se à piora das condições de acessibilidade e segurança dos pedestres, à queda de eficiência da rede de transportes, ao esgotamento da capacidade viária e à poluição atmosférica e sonora. (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016).

O distrito não é atendido por transporte público coletivo. A principal forma de transporte são os veículos da ASSOCIAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DE TRANSPORTES ALTERNATIVOS DE MUTUCA A PESQUEIRA - ASSOTRANSMUP.

Como o próprio nome anuncia, a rota realizada pelos motoristas leva os moradores do distrito até o município sede. Os motoristas possuem pontos fixos (figura kk) em duas praças e os passageiros se deslocam a pé para o embarque.

Outro aspecto relevante, em relação a infraestrutura viária, é o fato de que o acesso principal ao cemitério local se dá por uma rua sem saída e de função quase que exclusiva da operação cemiterial, ou seja: não existe tráfego nela.

Nesse sentido, os principais momentos que o tráfego dos modais locais possa ser afetado se encontram no exato momento das procissões fúnebres, durante os sepultamentos ou datas comemorativas, pelo aumento do público visitante, como o Dia de Finados (2 de novembro).

De mesmo modo, se um segundo acesso fosse aberto ao terreno de ampliação, uma situação similar aconteceria: uma via sem saída e sem tráfego por sua condição. É interessante, também, ressaltar que o distrito não possui um plano

de mobilidade, sinalização ou equipamentos de trânsito. Também não possui calçadas adequadas e acessíveis. Os pedestres se deslocam como se as vias fossem pedestrianizadas e todas as vias são tratadas como vias de mão dupla.

Figura 30 - Ponto de transporte alternativo



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024)

Novamente, viu-se a necessidade de reformular o objeto de análise pela não-existência de uma rede municipal de transporte público. Nesse sentido, a estratégia foi avaliar as principais rotas e seus principais modais. Como podemos ver no mapa a seguir, na figura kk.

As vias em laranja: (Como a Rua São Francisca) - representam por onde se dá o acesso ao cemitério local, à igreja e ao centro. Elas concentram o fluxo de automóveis, pois possuem função comparável à de vias arteriais. É por elas que se dão as rotas de saída e entrada do distrito.

As vias em azul: (Rua Airton Senna e São José): e é diretamente conectada ao local onde pode-se abrir o um novo acesso à ampliação cemiterial proposta, e é a via que leva até as principais fontes de abastecimento local. Seu tráfego principal é de burros-pipa.

As vias em verde (Rua Santa Rita e Rua Jardim Leste): é uma via local que pode ser considerada a principal “via sacra” no local. É por ela que, anualmente, os fiéis e não fiéis sobem a serra em direção ao cruzeiro durante a Semana Santa.. Seu tráfego principal é de pedestres.

É interessante perceber como essas três tipologias mapeadas estão diretamente relacionadas com o terreno escolhido (Figura kk). E não somente isso, mas também, como simbolicamente, elas sintetizam o caráter cultural da localidade, sustentando personagens principais: **Os motoristas, Os carroceiros e os fiéis.**

Figura 31 – Rua São Francisco (sentido saída)



Fonte – Google Street View (2024) – Adaptado pelo autor (2024)

Figura 32 – Rua Airton Senna



Fonte: Google Street View (2024) – Adaptado pelo autor (2024)

Figura 33: mapa de Vias e modais

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

-  ADA
-  Perímetro Censitário
-  Cemitério Local
- Vias, Modais, Acessos**
-  Burfos-pipa
-  Peregrinação
-  Veículos
-  Acesso Local (Cemitério)
-  Possível novo acesso
-  Corpo Edificado
-  Lote Projetual
- TOPOGRAFIA**
-  AID
-  AII



**CRUZEIRO DE SANTA
RITA DE CÁSSIA**

**AÇUDE, POÇO E
CHAFARIZ**

ACESSO E SAÍDA

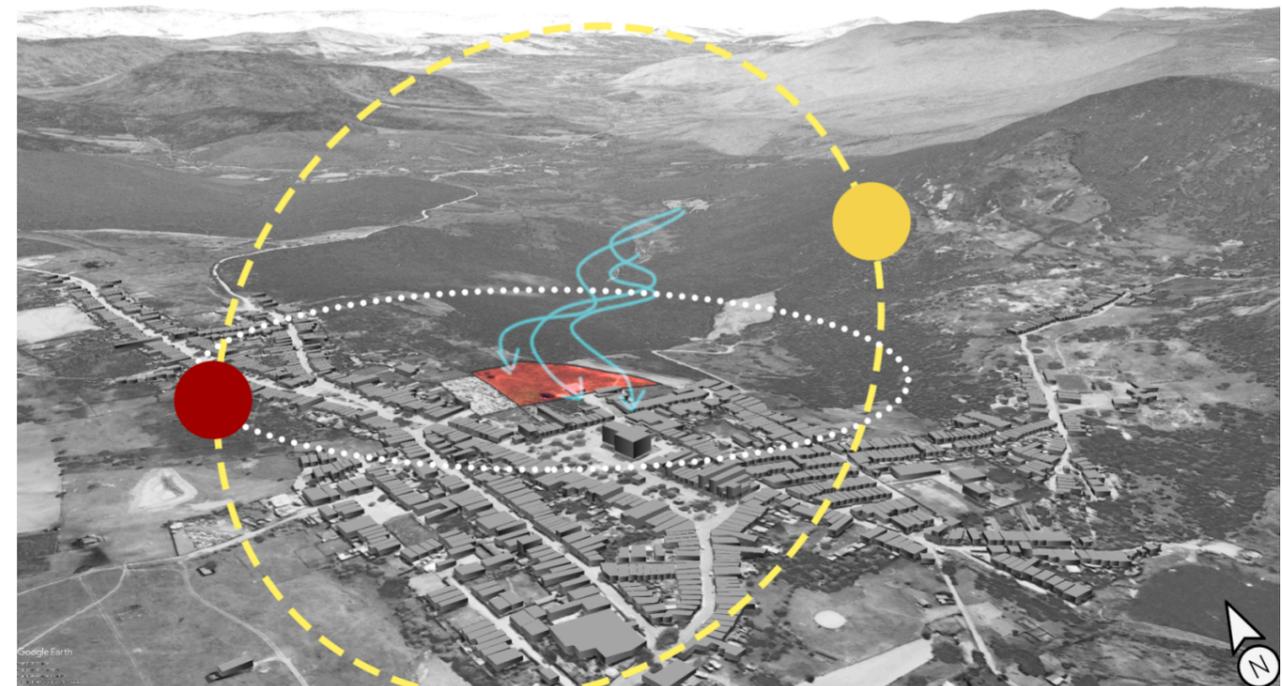
Figura 32: Esquema visual da relação entre o lote de ampliação e as vias

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

7.5.6. VI – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA-BIOCLIMÁTICA

Os aspectos a serem analisados, neste tópico, são relacionados às questões de como a proposta vai alterar o meio físico-geográfico-biológico-climático de sua área de influência. Então, são levadas em consideração questões como: impermeabilização do solo e o adensamento construtivo excessivo ou sem afastamento adequado entre as edificações comprometem a ventilação e a iluminação na cidade, e como essas variáveis podem modificar o microclima, a insolação e a circulação dos ventos. (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016).

Como esperado, o EIV deve analisar aspectos de conforto ambiental considerando os fatores relacionados às condições climáticas e regionais específicas que influenciam o microclima urbano, como variações da umidade e regime de chuvas. Também devem ser observadas a adequabilidade dos espaços vazios entre as construções, a proporção entre áreas verdes e impermeabilizadas, a formação de ilhas de calor ou de túneis de vento e, ainda o sombreamento excessivo das edificações vizinhas, além da análise de geração de poluição sonora direta (gerada pelo empreendimento em operação) e indireta, decorrente das transformações urbanas decorrentes, como a intensificação de tráfego, por exemplo. (SCHVASRBERG, MARTINS, KALLAS, CAVALCANTI e TEIXEIRA, 2016).



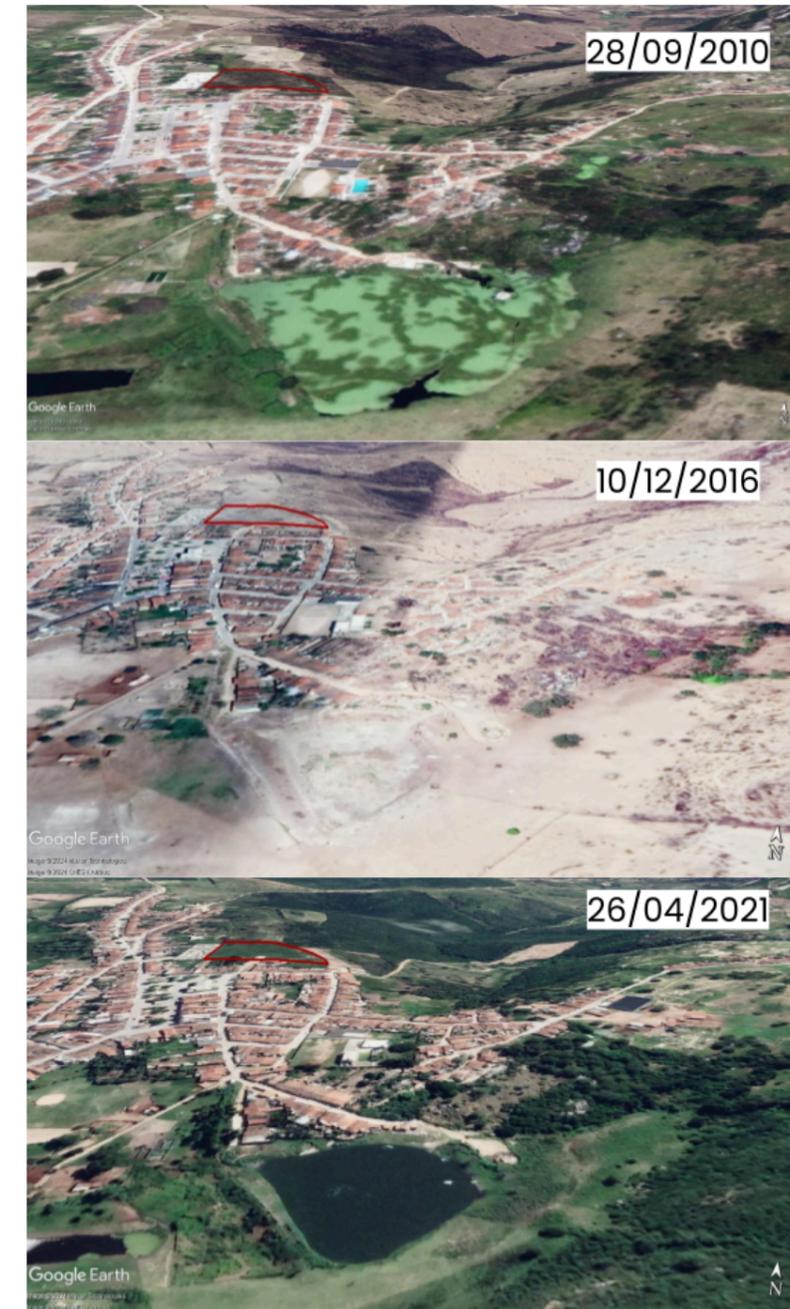
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 33 – Esquema de Iluminação e Ventilação naturais do terreno

Figura 34 – Comparação entre épocas de seca e de chuva no distrito de Mutuca

O distrito de Mutuca está inserido no Semiárido, no Agreste de Pernambuco. O clima local é descrito muito quente tipo estepe, sujeito a chuvas torrenciais e acentuada irregularidade no regime pluviométrico, com um período chuvoso variando de 4 a 5 meses de duração (março a julho) e onde, em termos de distribuição percentual, pode-se dizer que 75 a 80 % da precipitação acontece no período da quadra chuvosa e apenas de 20 a 25 %, no período seco, com uma precipitação média anual de 630 mm (SUDENE, 1990). Utilizando dados das normais climatológicas do INMET, foi possível observar que de 1961 a 2015, a direção predominante dos ventos foi de 9º; que mensalmente a média de horas de insolação foi de 193,7h; e que a média das temperaturas médias compensadas foi de 22,8 °C.

Esses dados evidenciam dois extremos climáticos bem definidos que imprimem a necessidade de sombreamento e permeabilidade do solo. De outro modo, a tipologia cemitério-parque surge como estratégia bioclimática, permitindo um impacto menor em relação a ventilação e iluminação, sem construções de grande porte acima do solo, podendo até gerar um microclima a partir da sua cobertura vegetal. Nesse sentido, devido às características construtivas da edificação e a localização do imóvel, tanto quanto sua inserção no terreno quanto em relação à vizinhança, a ventilação e a iluminação do entorno não sofrerão impactos negativos.



Fonte: Google Earth Pro – Adaptado pelo autor (2024)

7.5.7. VII – PAISAGEM URBANA E PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL.

Para evitar que a identidade cultural e a paisagem natural de uma cidade sejam comprometidas por interesses econômicos e imobiliários, é fundamental considerar os riscos de descaracterização tanto do patrimônio cultural quanto ambiental. Assim, o planejamento arquitetônico dos novos empreendimentos deve ser feito de maneira criteriosa, assegurando que a paisagem urbana ao redor mantenha sua coerência e legibilidade (SCHVASRBERG et al., 2016).

Essa discussão tem um peso muito importante para a proposta, pois ao considerar os aspectos culturais do local, evitamos a criação de um corpo estranho pousado. Para falar dos aspectos culturais, como afirmou Silva (2021) é preciso encarar que distrito é uma aglomeração rural de pequeno porte, com todos os aspectos que Simmel (1903) dissertou a respeito: uma vida lenta onde predominam os costumes, os sentimentos, a emotividade e a subjetividade. Um local extremamente religioso, onde há menos de 15 anos não existia farmácia, asfalto ou área de cobertura para celulares. Então, o modo de vida social gira em torno da subsistência e da religiosidade. E essas são as palavras mais importantes ao falarmos de Cultura e Identidade aqui.

Nesse sentido, é possível perceber que mesmo existindo um “patrimônio construído”, os aspectos que mais identificam a sociedade Mutuquense não são materiais. Até porque, não existe, no conhecimento popular, o conceito concreto de patrimônio, existe o sentimento, a tradição, a instituição e as necessidades. É a subsistência, na base de tudo, ascendendo até a religiosidade. Essa é a cultura, essa é a identidade.

A partir disso, é fácil perceber a relação simbiótica que o patrimônio cultural possui com o patrimônio natural local. É possível ver, ao longo do diagnóstico, que quanto ao patrimônio natural, no distrito, podem ser citados dois principais tipos: corpos d’água e relevo. Ambos mesclados entre o verde da da mata e o branco das pedras. Como podemos ver no Mapa de Patrimônio Cultural e Natural (figura kk kk.)

Podemos citar o açude. Local que já foi utilizado para pesca e lazer. A barragem de passa-bem, que atualmente é muito utilizada para festividades de um grupo cristão evangélico, e a furna, um riacho em propriedade particular que já foi muito utilizado para lazer. Entretanto, o aspecto natural mais relevante é a serra do cruzeiro, apropriada, inclusive, para manifestações culturais cristãs, durante a semana santa.

Figura 35: Manifestação Religiosa na Capelinha do Cruzeiro de Santa Rita de Cássia, Mutuca/PE.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024)

Figura 36: mapa de Patrimônio cultural e natural

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

- ADA
- Perímetro Censitário
- PATRIMONIO CULTURAL**
- CAPELA
- IGREJA
- RESIDENCIA
- ABA
- OUTRO
- PATRIMONIO NATURAL**
- SERRA
- Cemitério Local
- Praça
- Religioso
- Corpo edificado
- Lote Projetual
- PERIMETRO CENTRO
- Corpos d'água
- TOPOGRAFIA
- AID
- AII

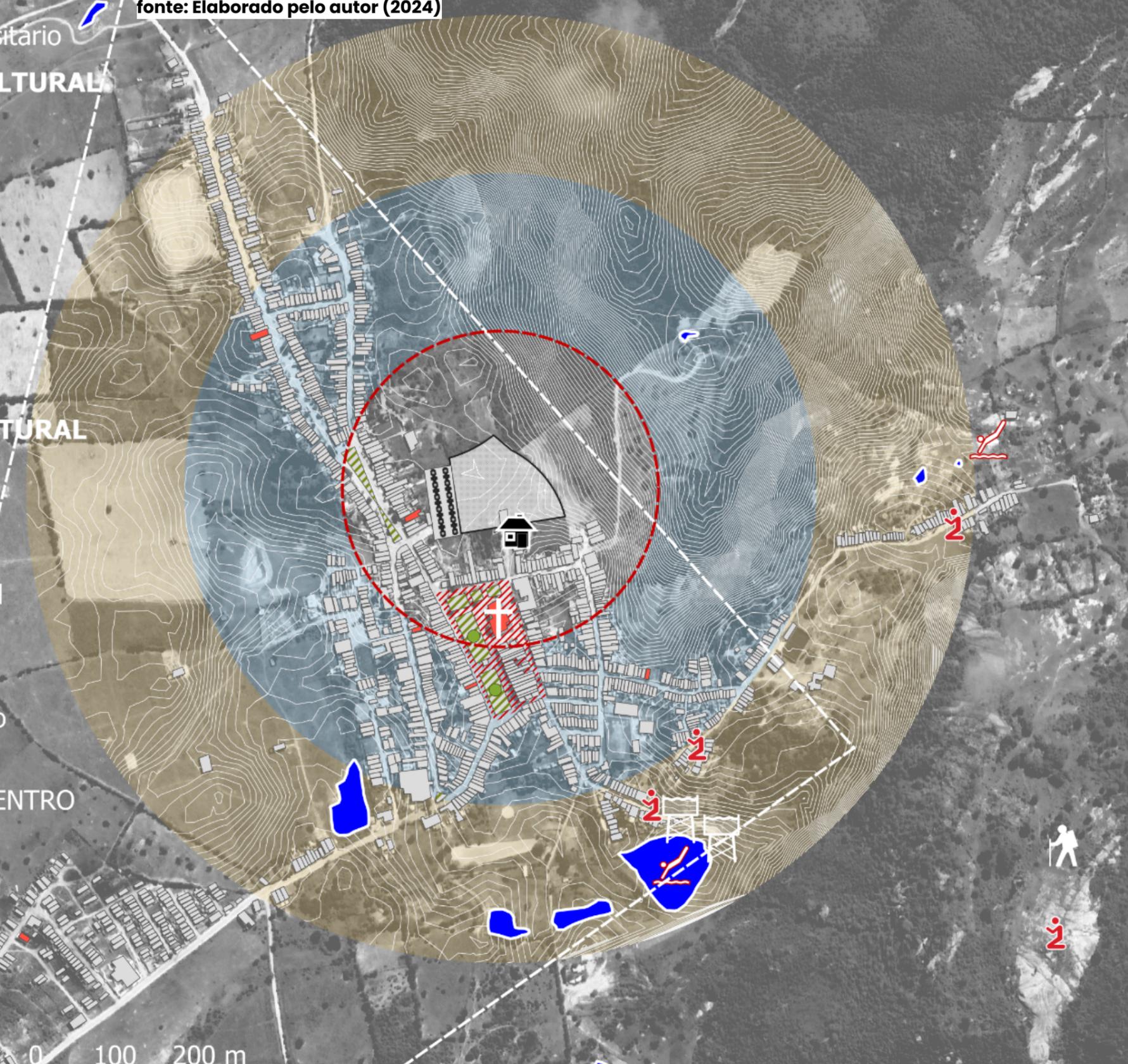
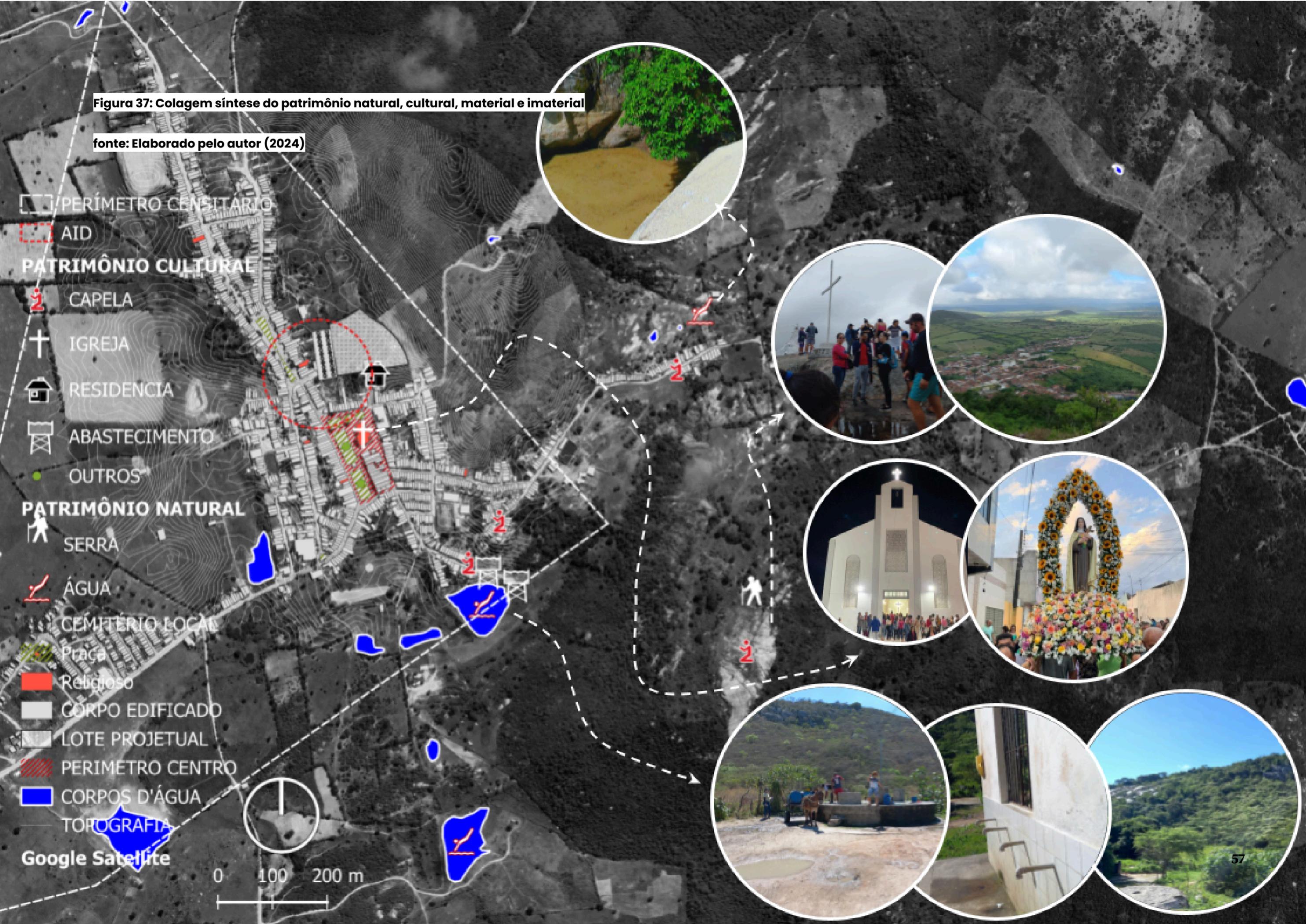


Figura 37: Colagem síntese do patrimônio natural, cultural, material e imaterial

fonte: Elaborado pelo autor (2024)



7.5.7.1. A PAISAGEM URBANA - ANÁLISE

Para esta análise temática, a metodologia de análise da paisagem urbana de Gordon Cullen foi aplicada, onde, os elementos fundamentais da paisagem são decompostos e descritos. De acordo com Lopes (2020), Cullen frisa que devemos considerar três aspectos fundamentais:

- **Ótica:** refere-se à percepção visual sequencial obtida através do movimento pelos espaços urbanos. A paisagem urbana é revelada de forma gradual, por meio de descobertas e experimentação do ambiente.
- **Local:** está relacionado às emoções que os espaços despertam e às formas como as pessoas se apropriam de determinados locais. Essa categoria reflete as reações do indivíduo com base no seu senso de localização.
- **Conteúdo:** aborda as qualidades da paisagem urbana em termos de sua constituição, como cores, texturas, escalas, estilos, tempos, natureza e elementos que conferem personalidade e individualidade a diferentes setores da cidade.

Na paisagem urbana externa ao cemitério, foram analisados percursos que passaram pelos principais eixos viários. Dentro da visão serial, foram levados em consideração alguns conceitos da paisagem urbana descritos por Cullen (1983), como por exemplo:

- **apropriação do espaço:** como os espaços são ocupados para determinadas funcionalidades;
- **privilégios:** linhas privilegiadas suscetíveis a ocupação, por exemplo, pela qualidade da vista que oferece;
- **perspectiva grandiosa:** a sensação de onipresença da paisagem de fundo;

- **divisão dos espaços:** a divisão entre o aqui e o além;
- **identificabilidade:** sobre as qualidades intrínsecas de determinadas coisas, como texturas;
- **geometria:** a geometria sugerida pela paisagem;
- **exposição e isolamento:** espaços vazios, o céu grandioso,

Esses conceitos foram utilizados como fundamentação para o entendimento da decomposição imagética da paisagem. Entretanto, o foco da análise é a Ótica e o Conteúdo, na busca de entender as características arquitetônicas, estéticas e compositivas do entorno imediato e aplicá-las à proposta.

Por outro lado, a ideia de “visão serial” também foi aplicada dentro do cemitério. O foco da análise, aqui, é decompor os elementos fúnebres encontrados nas tipologias tumulares existentes no cemitério, com um recorte macro em duas categorias: sepulturas verticais e horizontais. O produto desta análise visual é uma síntese iconográfica dos padrões geométricos e configuracionais das tipologias tumulares. Nesse sentido, os conceitos de Cullen (1983) levados em consideração foram:

- **Pormenores:** detalhes pequenos que não são notados num primeiro olhar;
- **Apropriação do espaço;**
- **Silhueta:** as linhas que dos coroamentos;
- **Expectativa:** o primeiro plano, o aqui, ser conhecido, mas o segundo não;

É importante destacar que, em sua obra, Cullen (1983), descreve dezenas de conceitos com os quais somos bombardeados diariamente ao andar

pela cidade. Não caberia a este trabalho citar ou discorrer sobre todos, apenas destacar alguns que a análise dará ênfase e que terão repercussão direta para com a proposta.

De modo geral, a análise da paisagem externa, a seguir, será dividida em percursos abordando macrotemas: As vias e composição material e visual da arquitetura e o plano de fundo (paisagem natural). Dessa maneira, todos os percursos conseguem ser avaliados a partir da mesma régua e organização.

7.5.7.2. A PAISAGEM EXTERNA AO CEMITÉRIO

A paisagem parece sempre estar dividida em 3 planos principais que se diferenciam entre si pela noção do “aqui” do “além”. Esses planos, ou camadas, são constituídos principalmente do primeiro plano que envolve as vias, o elemento de contato direto com o transeunte; de um plano mais afastado, no além e onipresente, que é formado pelo relevo acidentado das serras e o plano de fundo formado pelo céu azulado.

As vias, além da linearidade causando essa sensação de perspectiva longínqua, também são, praticamente, revestidas pelo mesmo material: paralelepípedos de granito. Essa uniformidade material corrobora para a sensação descrita por propriedades como a continuidade. A cor cinza é predominante por todo o pavimento em que se pisa.

As pedras do calçamento parecem destacar o azul e verde da natureza que é sempre visível no horizonte. Enquanto as fachadas repetem padrões de aberturas retangulares. Canteiros domésticos se mesclam com o horizonte verde das serras, emoldurando os largos e amplificando os pontos de fuga formados

pela linearidade das vias. O verde das serras é o principal elemento da paisagem local. Principalmente da Serra do Cruzeiro, que parece encarar o distrito como um todo. Visível por toda sua extensão.

Essas fachadas, tão mínguas e planas, carregam em si azulejos e pinturas como acabamentos. Além disso, é possível perceber a predominância de certas cores:

- tons terrosos e arenosos (amarelos, beges, marrons), quase sempre esbranquiçados pelas intempéries;
- brancos de cal;

Nesse cenário tão “pastel”, poucas cores parecem ganhar destaque. Mas algumas ganham e é possível serem aplicadas com este mesmo propósito. Em fachadas inteiras, em elementos urbanísticos das praças (canteiros, mobiliários) ou em fachadas que tentam não ser planas. Essas cores são:

- tons de vermelhos, rosa e laranjas
- verdes
- azuis

O contraste entre as linhas retas das intervenções humanas e a curvatura das serras; e uma paleta de cor com brancos, cinzas, verdes e azuis. Planos de fachadas planas, alinhadas e com acesso direto à via são características comuns da arquitetura popular local, juntamente com suas calçadas irregulares e apropriadas como espaços privados. Telhados em duas águas são embutidos por platibandas, fachadas revestidas cerâmicas contrastam com as praças de concreto com canteiros coloridos e curvos.

No centro, os principais espaços públicos concentram toda a vida social local. Praças conformadas em retângulos são os espaços de lazer, de religiosidade, de festas, de feiras, de transporte público. E o núcleo de apropriação local. Marcado, inclusive, pelo edifício de maior porte: a igreja.

Os tons de branco sempre parecem explodir em realces no meio das manchas verdes. Esses tons estão presentes nas pedras das serras e principalmente nos elementos cruciformes presentes, principalmente, no cemitério.

A ideia de preservação patrimonial aqui é pautada na manutenção de uma aparência “nova”. Principalmente dos equipamentos públicos como praças, igrejas, escolas. Qualquer sinal de intempérie é visto como descuido. Então a noção de como era um edifício “patrimonial” em sua originalidade não existe. Já foi coberta por dezenas de camadas de tinta.

Os volumes retangulares das residências, por vezes, são quebrados por telhados de telha cerâmica aparentes, em duas águas. E sempre parece que metade da vista é chão e metade da vista A materialidade dos cenários varia com pedras graníticas, materiais cerâmicos, grades metálicas pintadas, esquadrias de alumínio e madeira. Um padrão de uma porta e uma janela na fachada frontal é o mais comum.

Elementos lineares em destaque, revestimento de pedras e porcelanatos são utilizados com o intuito de “modernizar” a fachada. Arborização viária praticamente inexistente. Não existe um contraste marcante entre a materialidade das fachadas e das vias. A configuração geométrica dos volumes retangulares residenciais contrasta com a configuração triangular dos túmulos e jazigos do cemitério. Mas a materialidade se mantém.

Figura 38: Percurso da análise 1

fonte: Elaborado pelo autor (2024)



Figura 39: Percurso da análise 2

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

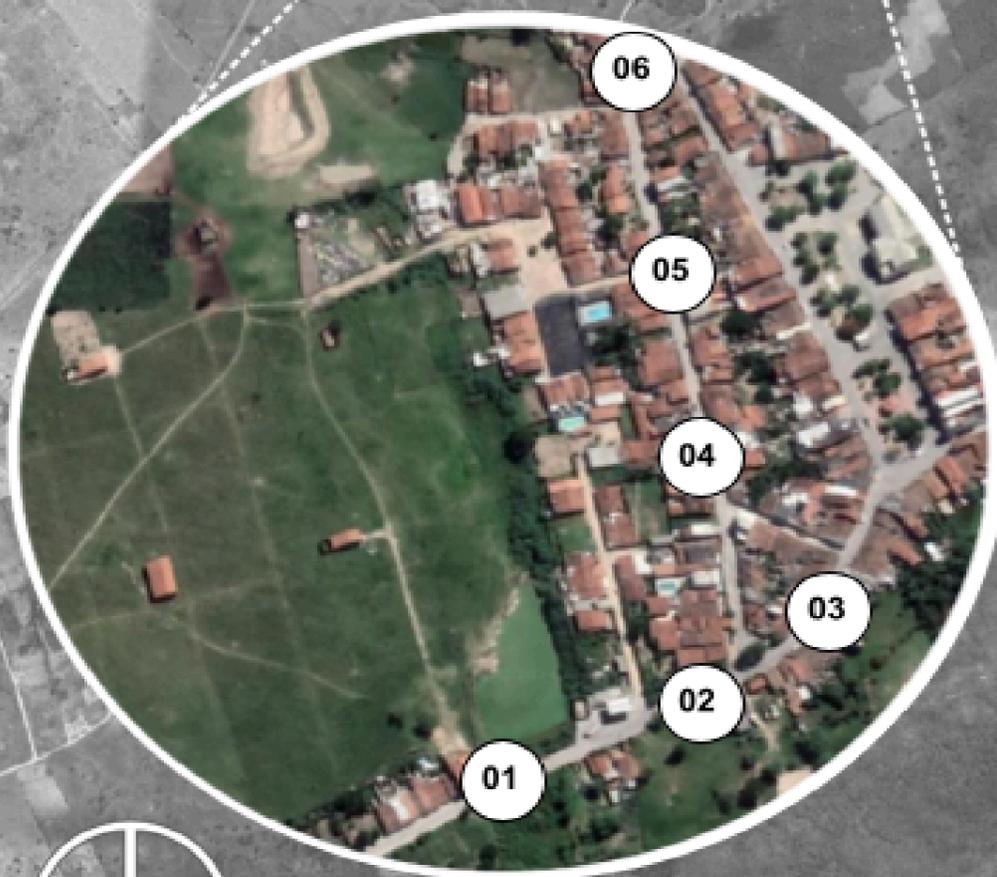


Figura 40: Percurso da análise 3

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

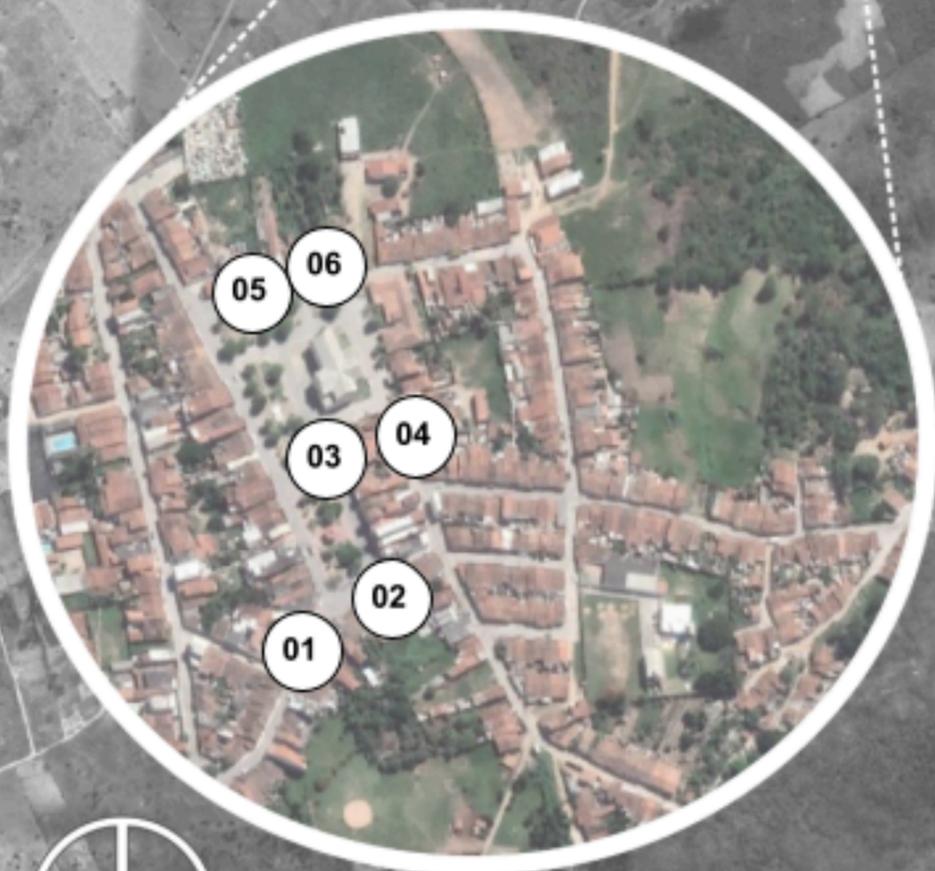
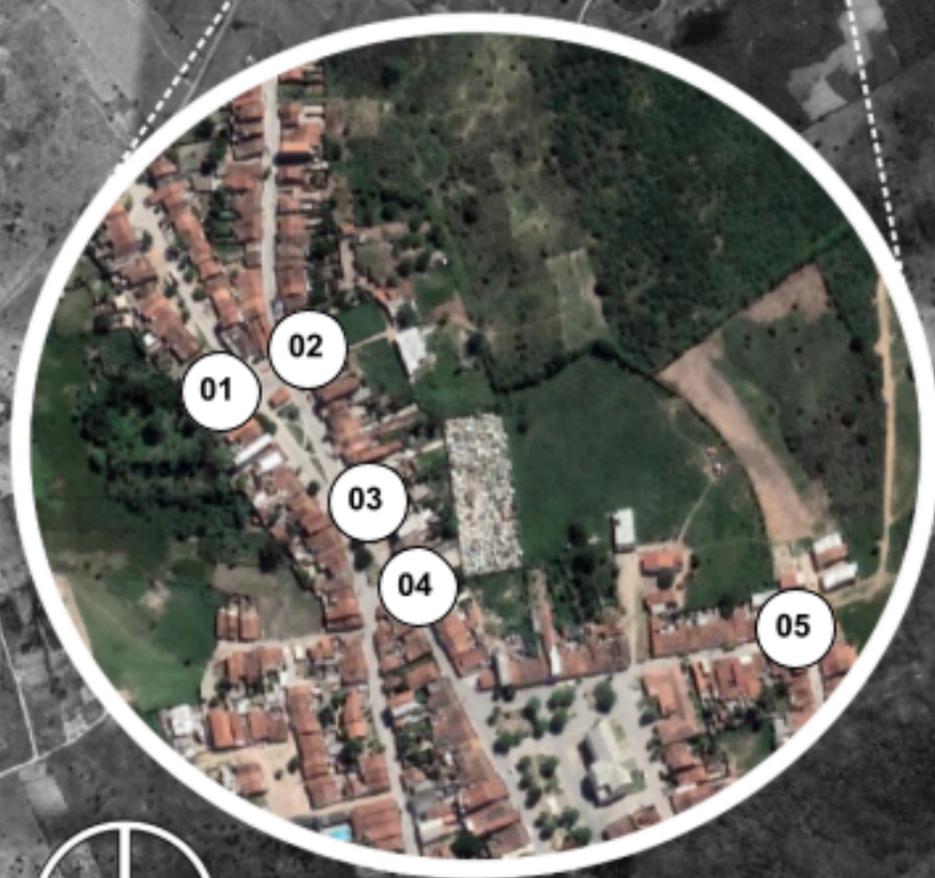


Figura 41: Percurso da análise 4

fonte: Elaborado pelo autor (2024)



7.5.7.3. A PAISAGEM DO CEMITÉRIO

É interessante como a imagem do cemitério é análoga à imagem da comunidade, é o lugar onde as vias foram apropriadas e obstaculizadas. Nesse caso, reflexo de uma necessidade por espaço de sepultamento. Assim como a comunidade cresceu sem planejamento, porém o cemitério não tinha como expandir e precisou se subdividir.

Uma necrópole análoga ao caos urbano das grandes cidades, árida, sufocada e poluída visualmente. Da mesma maneira que as pessoas se aventuram pelas ruas, “pedestrianizadas” por necessidade, se aventuram pelos caminhos do cemitério. De outro modo, ao se olhar pro cemitério é possível enxergar padrões geométricos, simbólicos, estilísticos, culturais e construtivos.

Muitos túmulos possuem uma lápide escalonada com uma cruz central, lembrando a configuração da fachada principal de igrejas. Essa lápide pode ser em ângulos retos, chanfrada, curva, possuir frontão triangular, duas águas, uma torre e 2 torres.

É comum, nos túmulos que estejam diretamente no solo, que uma moldura de alvenaria seja construída delimitando a área do mesmo. Essas molduras por vezes são mantidas sem “cobertura”, mas não é incomum achar exemplos onde toda a área de solo tenha sido revestida.

Neste tópico, inclusive. Assim como nas residências, a noção de “zelo” para com o túmulo está muito associada à colocação de revestimentos cerâmicos, principalmente em famílias que possuam poder econômico para o mesmo. Os

túmulos mais simples são normalmente de alvenaria e com alguma camada de pintura.

É muito comum que os túmulos possuam ornamentos cerâmicos com fotografias e informações fúnebres dos falecidos e um nicho para manifestações religiosas dos familiares.

As cruzes que coroam os túmulos são predominantemente de madeira e de alvenaria. Em celebrações fúnebres, é comum que arranjos florais sejam enroscados nas mesmas, terços ou elementos simbólicos.

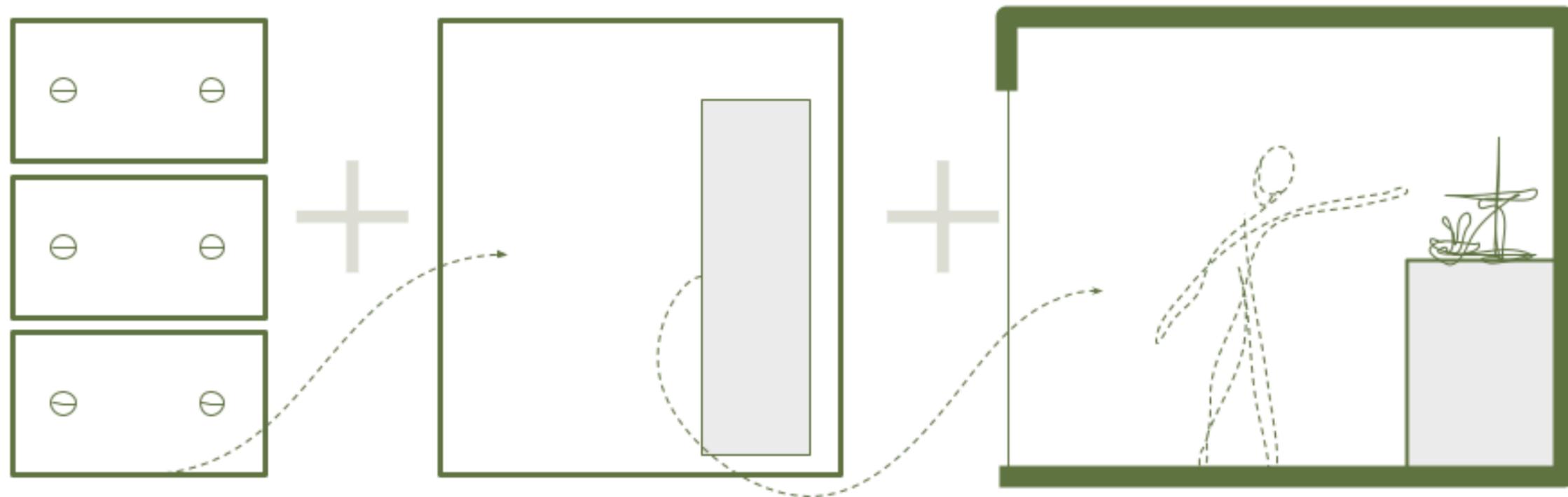
Também existem sepultamentos verticalizados. Em construções de até 3 lóculos em altura. Normalmente são jazigos familiares e possuem toda uma edificação construída. Com um cômodo utilizado como capela. Normalmente são todos revestidos com cerâmicas e possuem, inclusive, esquadrias. Os túmulos horizontais, por sua vez, são individuais ou duplos,

Figura 42: Colagem síntese da análise da paisagem cemiterial

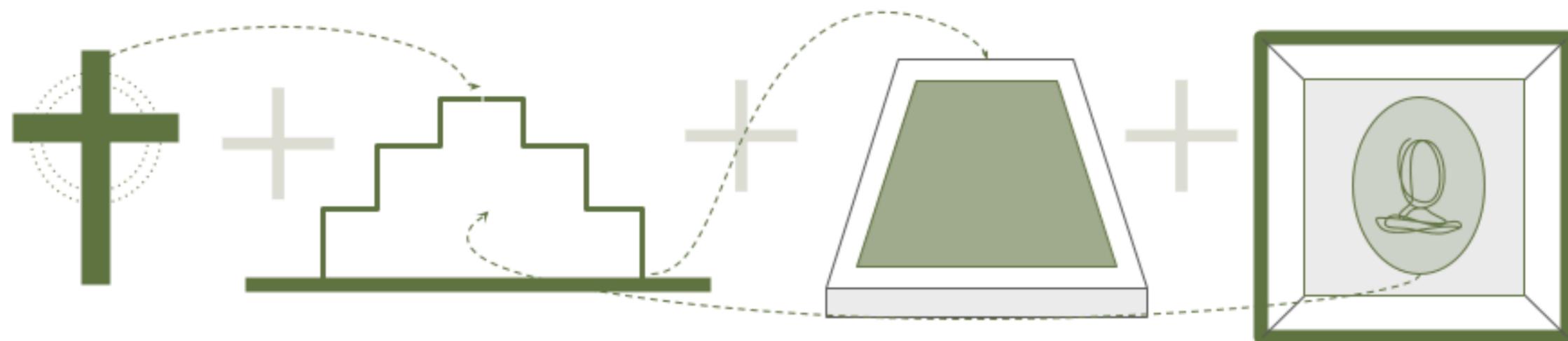
fonte: Elaborado pelo autor (2024)



ELEMENTOS TIPOLÓGICOS DAS SEPULTURAS VERTICAIS



ELEMENTOS TIPOLÓGICOS DAS SEPULTURAS HORIZONTAIS



Figuras 43, 44, 45, 46, 47, 48 e 49: Síntese esquemática dos elementos tipológicos cemiteriais

7.5.8. VIII - O RITUAL DE SEPULTAMENTO

O ritual de sepultamento da comunidade possui padrões presentes na grande maioria dos enterros. Do velório à inumação, podemos descrevê-lo em cinco passos principais:

1. O corpo é velado na residência familiar do falecido. Normalmente na principal acomodação social da casa, capaz de comportar as pessoas que comparecem ao velório. Ornamentos fúnebres e religiosos, bancos e cadeiras ao redor do perímetro compõem o cenário. A residência permanece aberta à visita até o momento do cortejo.
2. 24h após a morte, o sino da Igreja seu badalar fúnebre e o cortejo é iniciado. Inicia-se, então, uma procissão de pedestres onde o caixão é carregado à mão, e em alguns casos, no próprio carro funerário. A procissão é marcada por cânticos religiosos e outras manifestações que variam de acordo com o ciclo social do falecido. Como por exemplo: a presença de motos acelerando e buzinando, caso fosse um motoqueiro.
3. A procissão segue uma rota fúnebre que já é culturalmente estabelecida. Seguem em direção ao centro do distrito, área onde todas as manifestações socioculturais e festejo-religiosas e públicas ocorrem. O perímetro central é circundado enquanto o comércio local fecha suas portas à medida que o caixão se aproxima de suas fachadas. É um sinal de respeito. O cortejo segue, então, em direção ao cemitério local.
4. Ao chegar na entrada do cemitério a procissão é pausada. É o momento em que as homenagens finais dos parentes e amigos são prestadas. Logo após, o caixão segue para seu local de sepultamento, realizado manualmente pelos coveiros que, manualmente, cavaram a cova.

5. Dentro do cemitério, uma parcela dos presentes na procissão acompanhou a inumação. Amontoados em volta da sepultura, em cima de outros túmulos e jazigos, ocupam todo espaço restante e possível de se ocupar para assistir os momentos finais do enterro.

Figura 50: Funeral e Sepultamento ocorridos no Distrito de Mutuca em 2024.



Fonte: Fotografias do acervo pessoal da Família Souza (2024), Adaptado pelo autor (2024)

7.5.8.I. ROTAS FÚNEBRES

A rota fúnebre, por sua vez, apesar de possuir variações de percurso, sempre passa pelo perímetro do centro do distrito, a não ser que seja um desejo do falecido ou da família. É interessante que, analisando as distâncias dos extremos dos 3 principais eixos viários até o cemitério, variam de 800 a 1400m.

O centro é um retângulo conformado pelos cruzamentos das ruas Jurandir de Brito, Nova, São Francisco e Ayrton Senna. Ele concentra, em cinco quadras, praticamente toda a arborização urbana do distrito.

Os caminhos a serem percorridos tendem a seguir o sentido de menor distância passando pelo centro. O entendimento da existência desses percursos de pedestres é essencial para a proposta, uma vez que fundamenta a escolha do terreno da intervenção e tenta não romper com o costume local, provendo sim, novas maneiras de se vivenciar um espaço cemiterial, mas sem provocar alterações de percurso que o tornem insustentável em termos de caminhabilidade.

Figura 51: Mapa de rotas fúnebres

fonte: Elaborado pelo autor (2024)

-  ADA
-  Perímetro Censitário
-  Patrimônio Cultural
-  Patrimônio Natural
-  Cemitério Local
-  ROTAS FÚNEBRES
-  Centro
-  Praça
-  Religioso
-  Corpo edificado
-  Lote Projetual
-  PERIMETRO CENTRO
- TOPOGRAFIA
- AII
- AID



0 100 200 m

8. PROPOSTA PROJETUAL: CEMITÉRIO PARQUE MIRANTE DAS SERRAS

Um passo primordial para a proposta foi a análise de referências projetuais correlatas. Os correlatos foram escolhidos em prol da semelhança contextual: Um cemitério Parque, um cemitério parque ao lado de um cemitério tradicional e um cemitério tradicional. A análise foi feita da maneira qualitativa, verificando aspectos projetuais e conceituais de cada proposta.



8. PROPOSTA PROJETUAL

8.1. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Cemitério de Presov-Svaby
Eslováquia, 2018.

STOA Architekti
Área: 49502 m²



Figuras 52, 53 e 54: Cemitério de Presov – Svaby

Fonte: Archdaily (2021)

Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras
São Paulo, Brasil, 2018.

Crisa Santos Architectos
Área: 300.000 m²



Figuras 55, 56 e 57: Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras

Fonte: Archdaily (2023)

Cemitério Luz
Portugal, 2002.

Pedro Pacheco + Marie Clément
Área: 820 m²



Figuras 58, 59 e 60: Cemitério Luz

Fonte: Archdaily (2016)



8.I. REFERÊNCIAS PROJETOAIS

Cemitério de Presov – Svaby

O projeto do Cemitério de Presov-Svaby se desenvolveu de forma a conceber um espaço multifuncional, agregando não apenas a função de cemitério, mas também de parque, entregando um novo espaço público de lazer para a população que reside em seu entorno. Para isso, os autores do projeto utilizaram de diferentes traçados para demarcar as diferentes funções. O traçado rígido abriga os jardins, enquanto o traçado orgânico abriga as covas, representando a fluidez dos elementos naturais. (ArchDaily Brasil, 2021)

A intenção em tratar o cemitério como um local que pode ser acolhedor é notada em outras estratégias projetuais, como por exemplo no uso da cerca em concreto, que cria um visual permeável sem construir uma barreira, utilizando de volumes mais altos com o próprio material a fim de criar diferentes cenários. Além disso, segundo os autores do projeto, o uso do aço corten em alguns elementos, representa o envelhecimento natural e gradual, remetendo à vida. (ArchDaily Brasil, 2021)

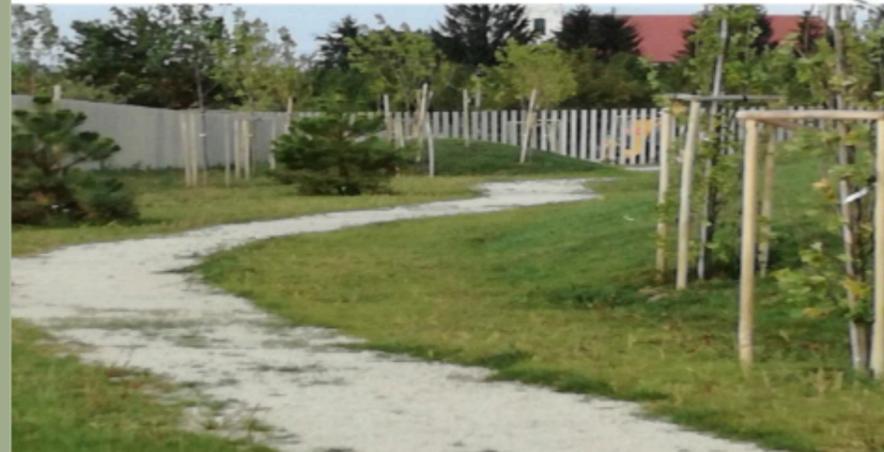
Ademais, o uso do paisagismo e a implementação de poços de infiltração ajudam na criação de diferentes cenários e contribuem para a sustentabilidade do projeto, uma vez que aumenta o índice de arborização da região, bem como dispõe de locais específicos para receberem as águas das chuvas.



Figuras 61, 62, 63, 64 E 65: Cemitério de Presov – Svaby

Fonte: Archdaily (2021)

1st layer -roads and paths



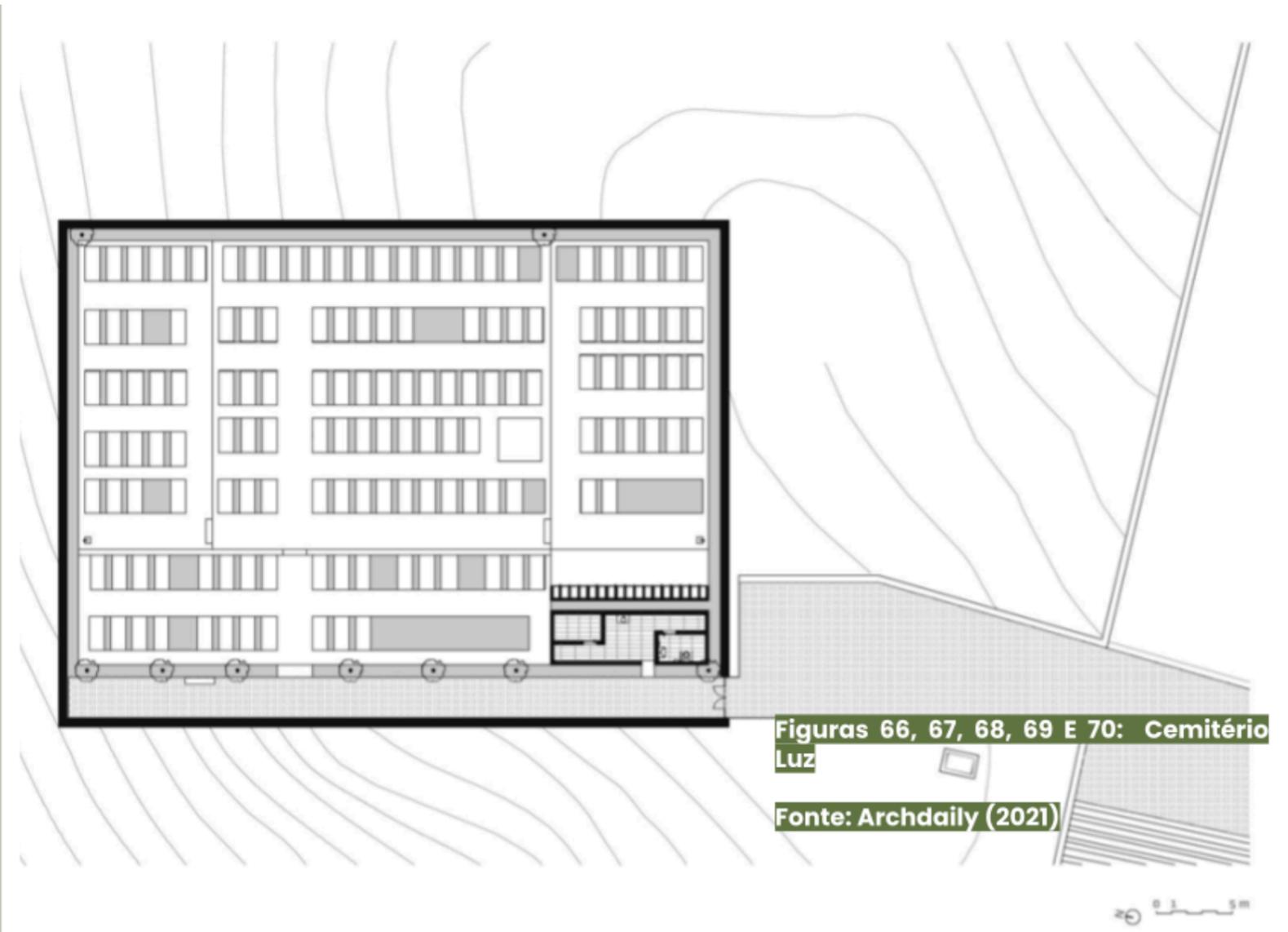


8.1. REFERÊNCIAS PROJETAIS

Cemitério Luz

O projeto do Cemitério Luz consiste num processo de transferência de um antigo cemitério para um novo local. Com isso, o conceito principal do projeto é manter a originalidade do cemitério já conhecido. Para tal, os autores do projeto mantiveram a mesma configuração da organização dos jazigos,, bem como mantiveram o mesmo padrão das diferentes tipologias de túmulos encontradas. (ArchDaily Brasil, 2016)

Ao analisar a planta, percebe-se que a configuração dos jazigos se dá de forma padronizada, criando um desenho geométrico e lógico; no canto inferior direito se localizam os ambientes de apoio. Todo o piso utilizado no cemitério foi executado em plataformas sob a topografia que permitem a drenagem das águas pluviais, e é composto de pedaços de mármore claro, que segundo os autores, trazem um aspecto mineral e dão corpo ao projeto, contrastando com as áreas permeáveis onde são plantadas as vegetações, utilizadas como guias no espaço. Além disso, os diferentes tipos de túmulos criam um jogo de luz e sombra que se projetam sobre o piso. (ArchDaily Brasil, 2016)





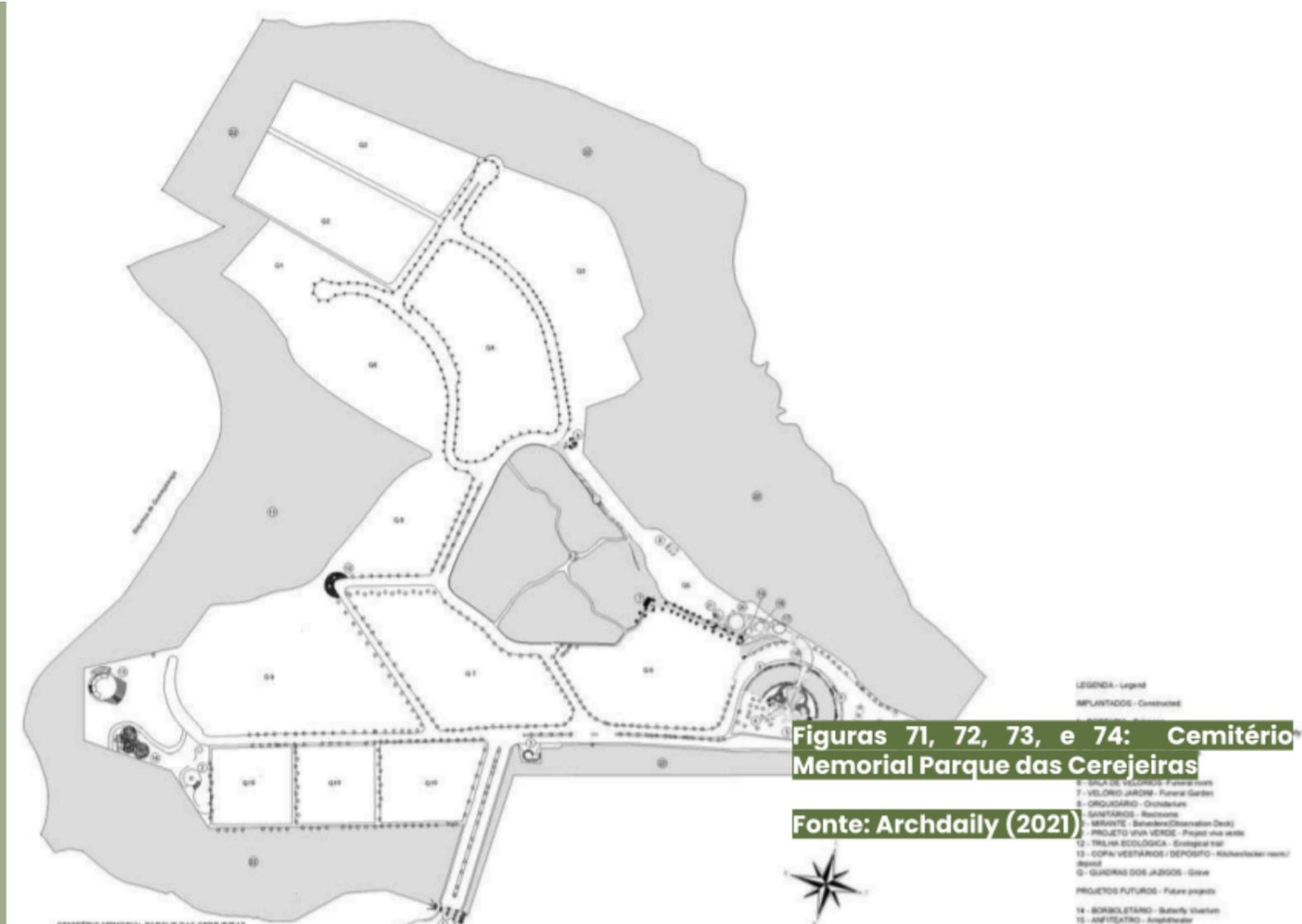
8.1. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras

O projeto do Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras se debruça sobre um conceito similar ao projeto anterior. A criação de um cemitério que dispõe de outras atividades, com a intenção de ressignificar o espaço muitas vezes hostil para quem passa pelo luto. Aqui, os autores do projeto aproveitam dos recursos naturais já presentes no próprio terreno como norte para a definição do programa de necessidades.

Ao analisar o terreno, observa-se que o cemitério está situado em uma colina, sendo a entrada em sua porção mais baixa. Os jazigos estão separados em grandes quadras divididas pelas vias que são moldadas de acordo com a topografia do sítio. O projeto conta com ambientes de apoio, como: capela, salas de velório, velário, banheiros e vestiários e no futuro ainda serão implantados outros ambientes, como: café, lojas, anfiteatro e borboletário, sendo a grande maioria desses, implantados na porção direita inferior da planta.

Aproveitando as características naturais do terreno, o projeto ainda conta com mirantes e praças que segundo Crisa Santos, autora do projeto,, foram pensados para despertar as emoções nas pessoas que ficam, “proporcionamos espaços para que ela viva o luto em sua totalidade e da maneira mais branda possível” (ArchDaily Brasil, 2023). Outro destaque que contribui para esse objetivo é o uso da neuroarquitetura através das formas criadas para os espaços e também no uso da biofilia, que está presente abraçando todo o projeto. Quanto aos materiais utilizados, destaca-se a grande presença da madeira na confecção de mobiliários, telhados, revestimentos e também o uso do aço corten em diversos elementos.



Figuras 71, 72, 73, e 74: Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras

Fonte: Archdaily (2021)



QUADRO RESUMO

TIPO

IMPLANTAÇÃO

NATUREZA JURÍDICA

TIPO DE INTERVENÇÃO

Cemitério de Presov-Svaby
Eslováquia, 2018.

STOA Architekti
Área: 49502 m²

Cemitério
Parque;
Horizontal

Adjacente ao
núcleo residencial

Cemitério público

Implantação

Cemitério Memorial Parque
das Cerejeiras
São Paulo, Brasil, 2018.

Crisa Santos Architectos
Área: 300.000 m²

Cemitério
Parque;
Horizontal

Adjacente ao
núcleo
residencial

Cemitério público

Revitalização

Cemitério Luz
Portugal, 2002.

Pedro Pacheco + Marie
Clément
Área: 820 m²

memória e rituais
consolidados ao
longo do tempo

Adjacente ao
núcleo
residencial

Cemitério público

Transladação

Figura 75: Quadro resumo 01
Fonte: Elaborado pelo (2024)

QUADRO RESUMO

CONCEITOS DE AMBIÊNCIA

CONCEITOS DE IMPLANTAÇÃO

CONCEITOS MATERIAIS

CONCEITOS PROJETUAIS

Cemitério de Presov-Svaby Eslováquia, 2018.

STOA Architekti
Área: 49502 m²

um oásis verde em uma área residencial

Fluidez e preservação do estado natural

O Aço corten simboliza o envelhecimento. Concreto; marco visual (não uma barreira)

abandona a ideia de um cemitério como um lugar mono funcional.

Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras São Paulo, Brasil, 2018.

Crisa Santos Architectos
Área: 300.000 m²

Neuroarquitetura e biofilia

galeria a céu aberto

Forma e material como narrativa alegórica

restabelecer o luto de forma mais natural

Cemitério Luz Portugal, 2002.

Pedro Pacheco + Marie Clément
Área: 820 m²

Cemitério Tradicional; Horizontal

um imaginário transportado para uma nova topografia

mármore como um tape mineral, pavimento dando corpo ao cemitério. Luz e sombra.

manter a configuração original, regular e geométrica. Elementos de reconhecimento local

Figura 76: Quadro resumo 02
Fonte: Elaborado pelo (2024)

QUADRO RESUMO

ORGANIZAÇÃO VIÁRIA

ÁREAS DE SEPULTAMENTO

ESTRATÉGIAS PROJETUAIS

VEGETAÇÃO

Cemitério de Presov-Svaby Eslováquia, 2018.

STOA Architekti
Área: 49502 m²

Grid ortogonal setoriza o que é parque e o que é sepultura.

Dissolvidas pelo grid, criando fluidez

tanques de retenção, poços, drenagem de águas pluviais e sistema de irrigação

A vegetação plantada irá contrastar com as superfícies de concreto, Plantada ao longo dos caminhos

Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras São Paulo, Brasil, 2018.

Crisa Santos Architectos
Área: 300.000 m²

áreas dispersas e conectadas por vias principais

grandes quadras de jazigos conformadas pelas vias

Configuração de jazigos pré-estabelecidas; Ritmo mantido pela materialidade e estética

Pelo tamanho do terreno, os maciços vegetais formam aglomerados orgânicos que envolvem o perímetro do cemitério

Cemitério Luz Portugal, 2002.

Pedro Pacheco + Marie Clément
Área: 820 m²

Vias conformadas pela ortogonalidade das quadras de sepultamento

Os 24 tipos de túmulos identificados são mantidos.

Plataformas adaptadas ao relevo para drenagem pluvial

Plantada de maneira pontual, utilizada como balizadores e guias

Figura 77: Quadro resumo 03
Fonte: Elaborado pelo (2024)

QUADRO RESUMO

ASSIMILAÇÕES E INFLUÊNCIAS NA PROPOSTA

Cemitério de Presov-Svaby
Eslováquia, 2018.

STOA Architekti
Área: 49502 m²

**ABSTRAÇÕES
CONCEITUAIS**



**PROGRAMA E
ZONEAMENTO**



**SOLUÇÕES
ESPACIAIS**



**ESTRATÉGIAS
PROJETUAIS**



**Cemitério Memorial Parque
das Cerejeiras**
São Paulo, Brasil, 2018.

Crisa Santos Architectos
Área: 300.000 m²



Cemitério Luz
Portugal, 2002.

Pedro Pacheco + Marie
Clément
Área: 820 m²



Figura 78: Quadro resumo 04
Fonte: Elaborado pelo (2024)

8.2. ASPECTOS LEGAIS (MUNICIPAL, ESTADUAL, FEDERAL)

Durante o diagnóstico houve a preocupação de encontrar, em diferentes esferas políticas, legislações a respeito da implantação de equipamentos cemiteriais.

Nesse ponto, no âmbito Federal, a principal regulamentação vem do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), mais especificamente das Resoluções nº 335, de 3 de abril de 2003; nº 368 de 28 de março 2006 e no 402, de 17 de novembro de 2008. Essas resoluções abordam principalmente questões ambientais ligadas à construção, operação e impacto desses empreendimentos, com o objetivo de prevenir a contaminação do solo, dos corpos d'água e garantir a proteção ambiental.

Grande parte das recomendações envolvem temáticas de planejamento ambiental além das competências deste trabalho. Dessa forma, foram levadas em consideração os parâmetros gerais.

No âmbito estadual, a principal referência é o Código Sanitário do Estado de Pernambuco (1998), onde de acordo com seus artigos os cemitérios devem ser construídos em locais de fácil acesso, na contravertente das águas de abastecimento, devendo ficar isolados de logradouros, nos termos da legislação em vigor. Informação guia na implantação da proposta e por outro lado, até mesmo no programa, uma vez que também afirma que em todo cemitério deve existir um necrotério.

De modo geral, a abordagem do tema nessas duas esferas não foi tão específica. Afirmam a necessidade de implantação a uma "distância segura", mas não informa um valor numérico.

No âmbito municipal, a SEMASU (Secretaria de Meio Ambiente e Serviços Urbanos) afirmou não possuir legislações ambientais. De mesmo modo, Lei Orgânica Municipal (1992) não trata de nenhum assunto em relação ao projeto de cemitérios, exceto que município precisa dispor sobre o serviço funerário e cemitérios, administrando os que forem públicos e fiscalizando os pertencentes a entidades ou empresas privadas.

Por outro lado, O Código de Posturas (1987) possui disposições gerais que foram muito úteis no processo projetual:

- Art. 159 – Os cemitérios serão cercados por muros com altura mínima de 2.00m (dois metros), ao longo do qual será, reserva de uma faixa de proteção de 3.00m (três metros) de largura destinada ao plantio de árvores e vegetação de pequeno porte.
- Art. 160 – Nos recintos dos cemitérios, além das áreas destinadas à ruas e avenidas serão reservados espaços para construção de capelas e depósitos mortuários. Parágrafo Único – Ao longo das ruas e avenidas deverão ser cultivadas árvores de grande porte.
- Art. 161 – Os cemitérios poderão ser desativados quando atingirem o grau de saturação que se torne difícil a decomposição dos corpos ou quando tiverem se tornado muito centrais.

Por fim, o Plano Diretor do Município de Pesqueira só menciona cemitérios como equipamentos de grande impacto que só podem ser implantados mediante a aplicação do EIV.

8.3. PROGRAMA E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

O programa de necessidades foi elaborado a partir da junção dos principais usos de operação de um cemitério parque. Esse programa foi espacializado em seis setores:

Figura 78: Programa arquitetônico

CÓDIGO	SETOR	AMBIENTE	ÁREA	QTD
01	ADMINISTRATIVO	RECEPÇÃO	20m ²	1
		ADMINISTRAÇÃO	10m ²	1
		BANHEIRO	3m ²	3
		DESCANSO	10m ²	1
		COPA	4m ²	1
		GUARITA	10m ²	1
02	MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	10m ²	1
		DML	5m ²	1
		MONITORAMENTO	5m ²	1
		DEPÓSITO	6m ²	1
		RESÍDUOS	4m ²	1
		ALMOXARIFADO	5m ²	1
		VESTIÁRIO	3m ²	2
		PREPARO	10m ²	1
		NECROTÉRIO	20m ²	1
03	MITIGAÇÃO	CINTURÃO VERDE	-	-
04	TUMULAÇÃO	QUADRAS	-	-

05	CAPELA	CAPELA MORTUÁRIA	500m ²	1
		APOIO	20m ²	2
		PRAÇA DOS JAZIGOS	300m ²	1
		PRAÇA DO OSSUÁRIO	300m ²	1
		BANHEIRO	5m ²	4
		VELÁRIO	50m ²	1
06	PARQUE	PRAÇA DAS INTENÇÕES	10m ²	1
		MIRANTE	100m ²	1

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Outros dimensionamentos incluem:

- Jazigos: 2,70x1,10 = 3,4m¹
- Ossuários: 0,70x0,60 = 0,42m²
- Capelinhas = 2m²
- Gases (manutenção) = 0,60m²

8.4. DIRETRIZES E PARTIDO

Estabelecendo a tipologia cemiterial de “**cemitério parque**”, as diretrizes visam a **apropriação do terreno** enquanto um **espaço público multifuncional**. **Indo contra a ideia pré-estabelecida de cemitério enquanto equipamento repulsor**.

Partindo dessa ideia, **duas linhas de força** foram desenhadas, obtidas a partir de duas **vias de acesso** em **continuidade** com o traçado original da malha viária. O **cruzamento** dessas linhas gera um **ponto focal** que funciona como **atrator**, uma vez que a **linearidade conduz** e converge o transeunte.

Por outro lado, o **espaço** tem a **intenção** de ser **vivenciado a pé**, caminhável e em percursos que **fujam do ortogonal**. A **sinuosidade** surge como **abstração da inacessibilidade** encontrada no cemitério pré-existente, invertendo o sentido, promovendo assim, uma experiência de **exploração do terreno**.

A **união** entre a **exploração e o ponto focal** corroboram o intuito de **guiar os usuários** para o aspecto da paisagem urbana mais imponente do lote: **o privilégio de uma visada**, livre de obstáculos visuais, para o vale formado pelo declive em que o terreno se encontra.

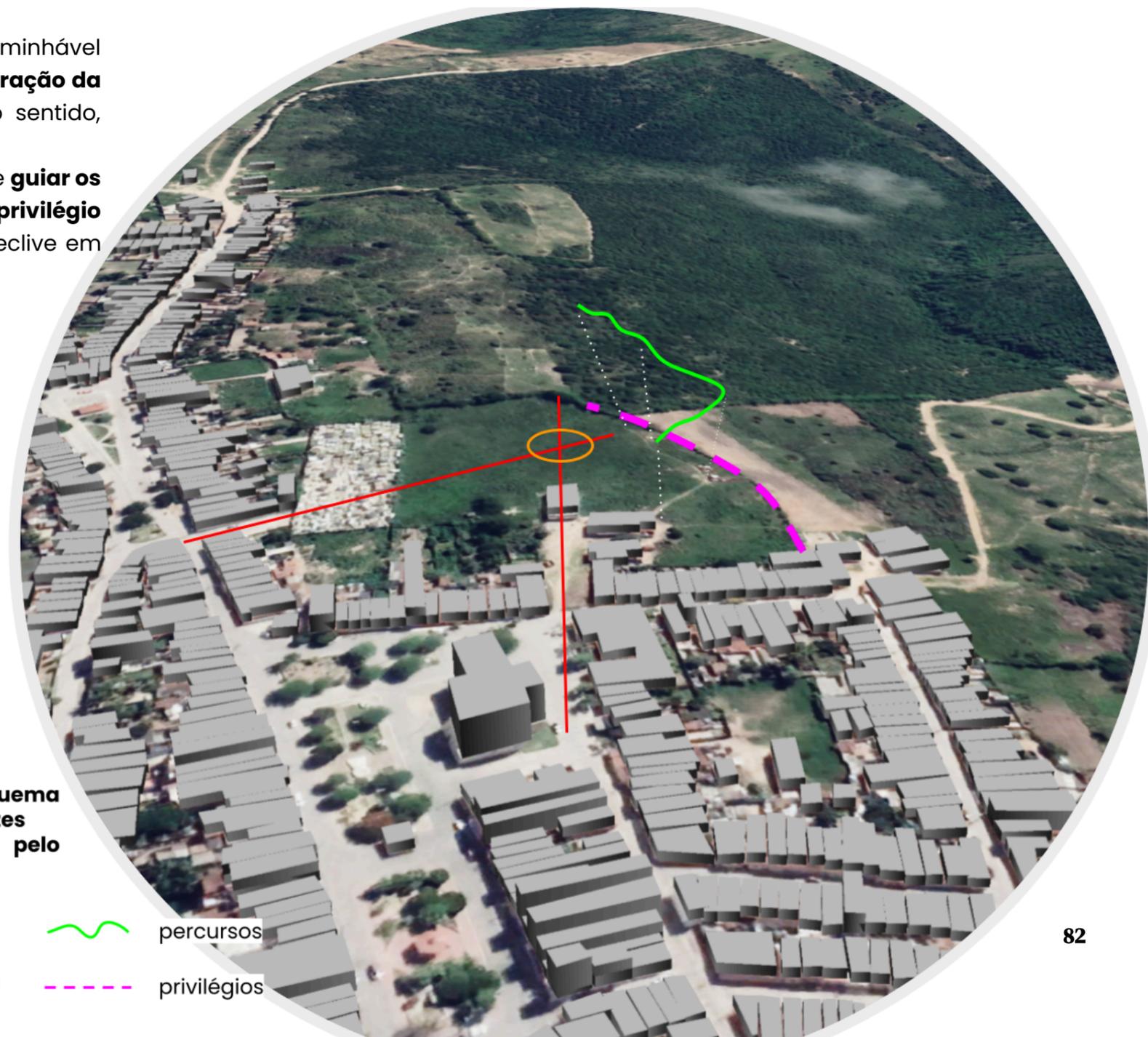


Figura 79: Esquema gráfico das diretrizes
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

-  ponto central
-  linha de força
-  percursos
-  privilégios

8.5. ZONEAMENTO E SETORIZAÇÃO

Partindo das diretrizes, **a setorização surge em função das duas linhas de força**. Ela leva em consideração a preexistência de 3 espaços: As vias de acesso (B) e o cemitério local (A). A primeira linha de força abre caminho por dentro do cemitério, passando pelo acesso existente. A outra, surge da necessidade de criação de uma nova via pública de acesso.

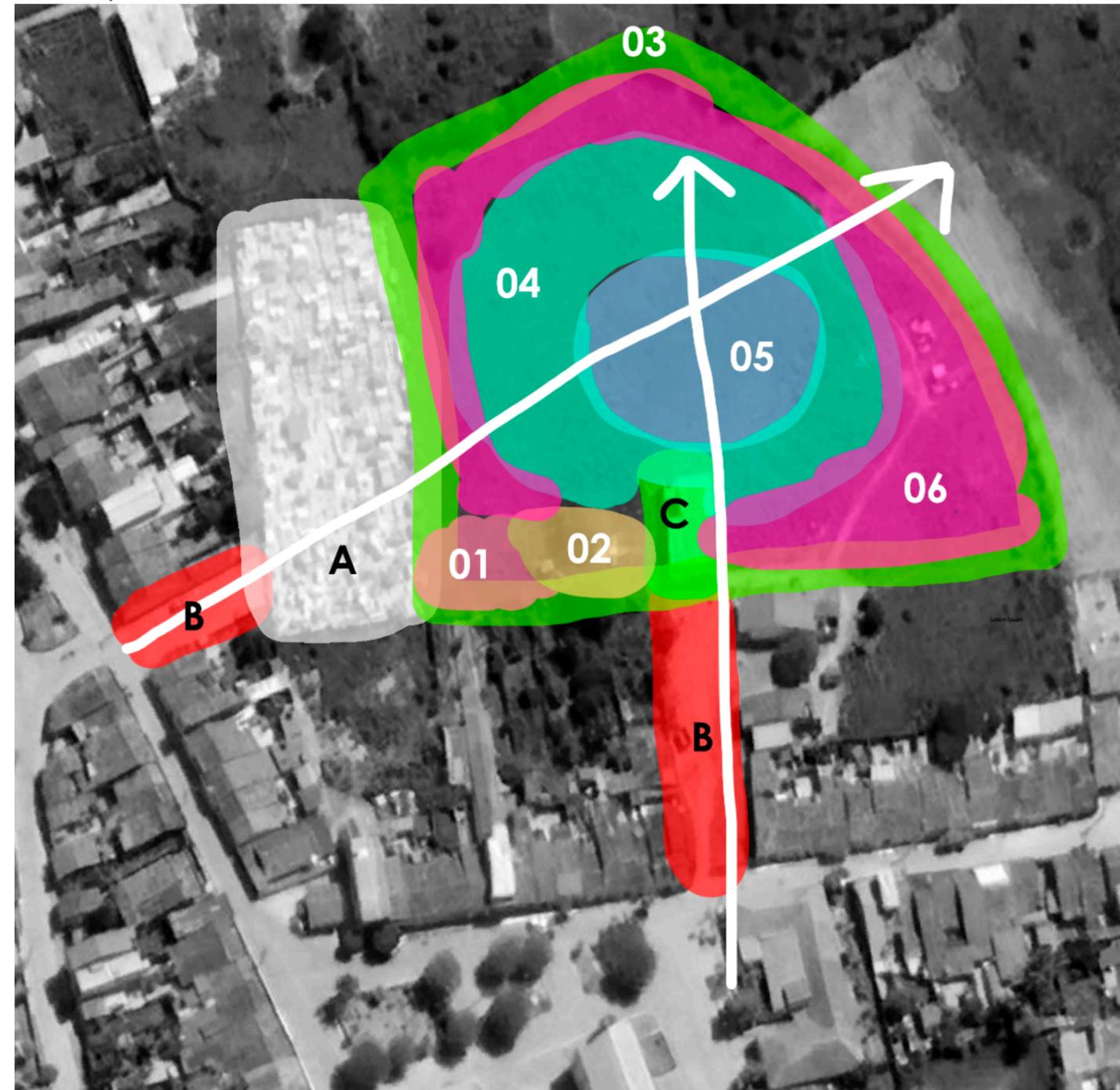
O **Cruzamento** marca o **ponto focal**, onde os **ambientes públicos se concentram**. Além disso, o cruzamento dessas linhas **divide** o espaço em quatro quadrantes. Esses quadrantes, por sua vez, têm funções concentradas:

- **Q1: Tumulações**
- **Q2: Técnico-Administrativo**
- **Q3: Permanência**
- **Q4: Contemplação**

Ainda em função das linhas de força, os setores **administrativo** e de **manutenção** foram **isolados adjacentes aos acessos**. Possuindo assim, suas próprias vias técnicas e acessos.

Do mesmo modo, **a intenção de concentrar as áreas públicas** dos setores de lóculos e capela, **isola o volume único no centro** e permite que **os setores parque e tumulação se integrem** continuamente.

Figura 80: Manchas de setorização
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)



Entendendo "conceito" como a **abstração inicial** que sintetiza o caráter do projeto, o conceito de "**acolhimento espacial do luto**" surgiu a partir da morfologia urbana observada no diagnóstico.

O corpo edificado tende a ocupar o perímetro e deixar um vazio central. A ideia, então, é **colocar no vazio no central, o peso do luto, deixando o perímetro livre para ser percorrido, análogo aos ciclos da vida e do luto.**

"Preencher o vazio e permitir que a dor percorra o caminho que ela precisa até a aceitação"



8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PROJETO DO CEMITÉRIO

ACESSOS

As vias de acesso pré-existentes foram tratadas de maneiras diferentes.

A primeira, a via de acesso ao cemitério original, recebeu um tratamento paisagístico ornamental pelo peso cultural que tem ao local. A proposta a divide em 3 vias de acesso. Pelas laterais temos caminhos de pedestres que possam vir pelas calçadas. E no meio, uma alameda central, onde os Ciprestes, ao mesmo tempo que são barreira e bloqueiam as fachadas cegas das edificações do perímetro, são elementos guia na jornada de entrada.

Por outro lado, a nova via de acesso ao parque surge pela demanda de acesso e como resultado do desmembramento do terreno particular. Além de dar acesso ao setor técnico administrativo e ao parque, ela também precisa dar acesso às residências construídas no entorno. Nesse sentido, a proposta consiste em subdividir as via pavimentada entre a via de acesso veicular, que leva até técnico-administrativo, a via de acesso de pedestres ao parque, e ao que restou de solo natural da propriedade.

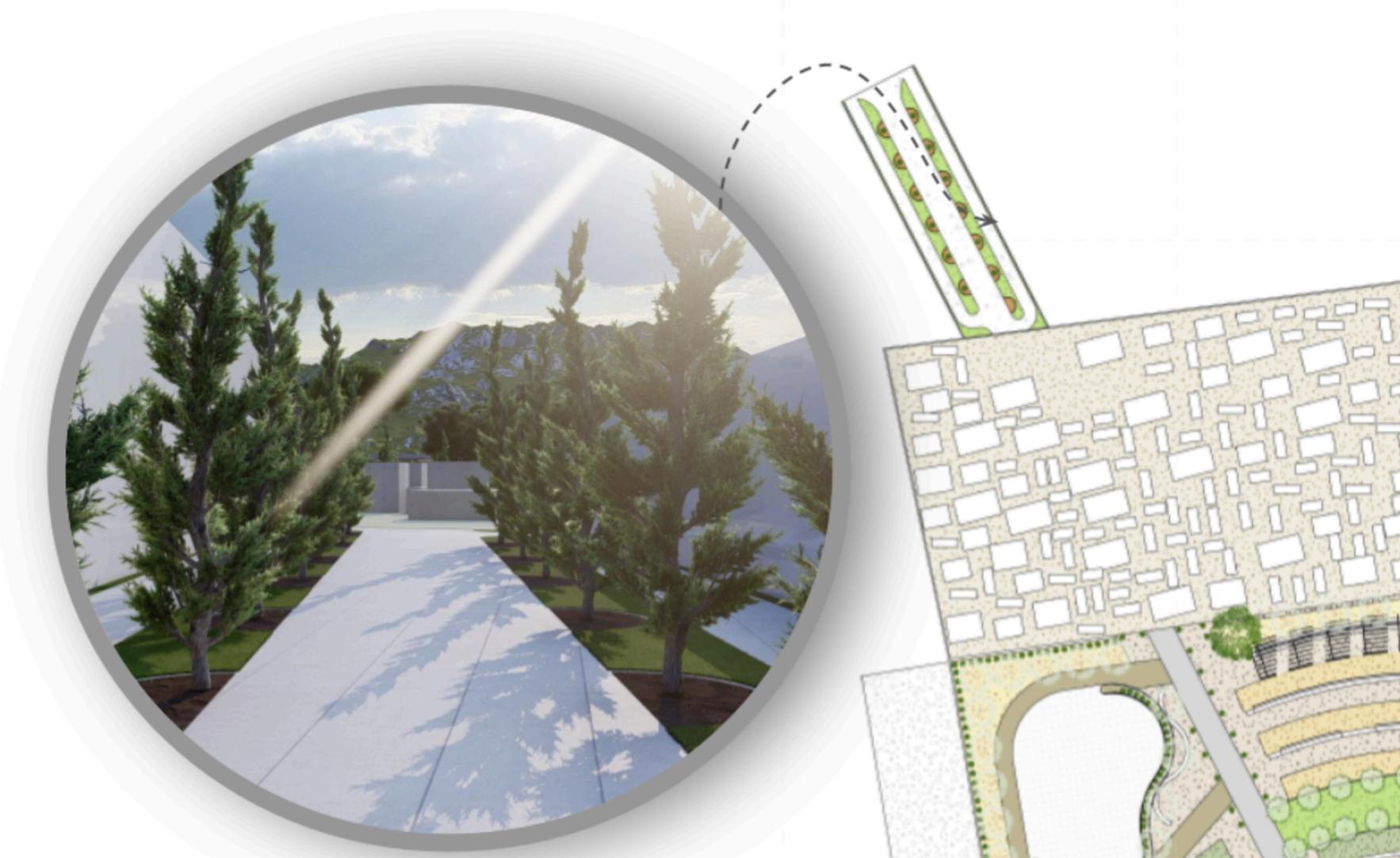


Figura 81: Via de acesso original

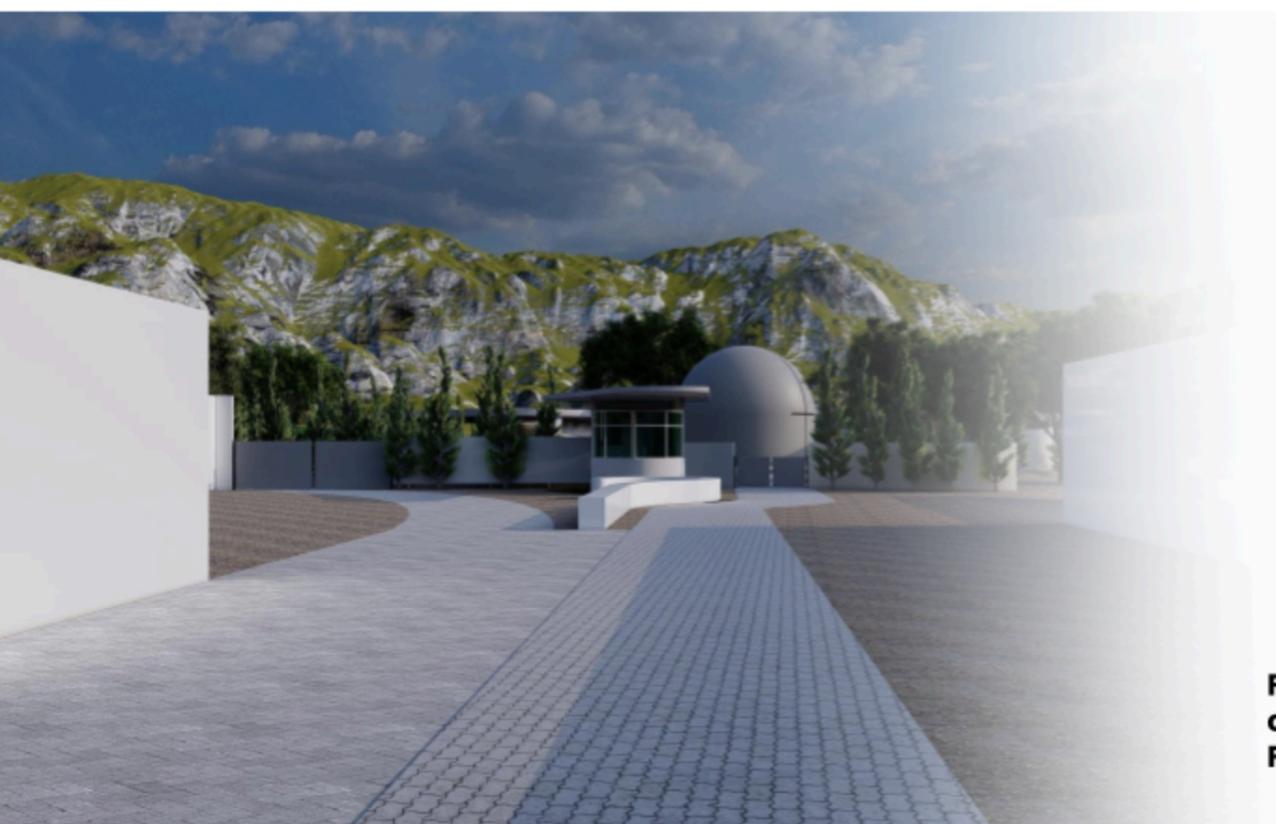


Figura 82: Via de acesso implantada com vista para guarita e velário
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

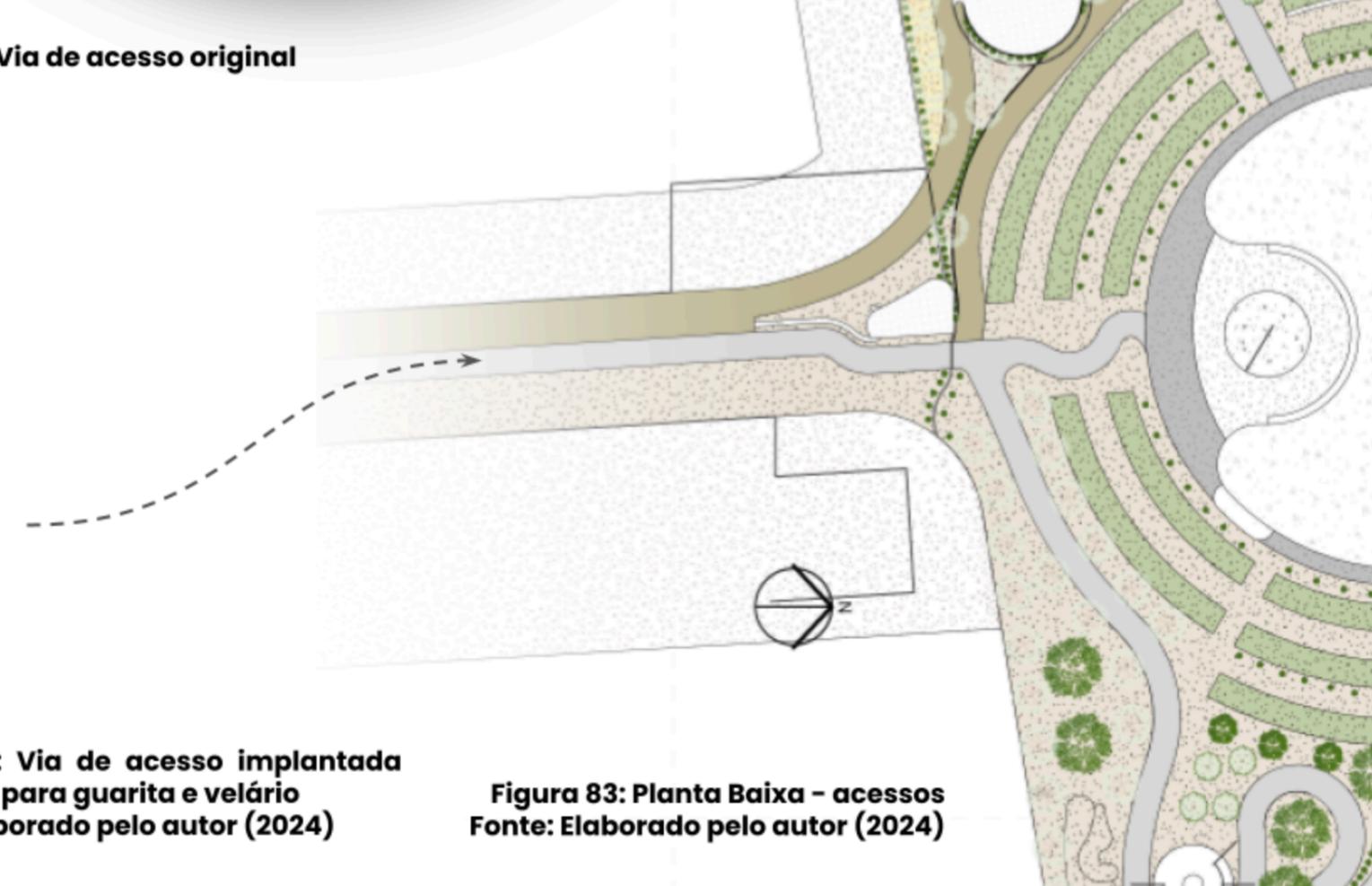


Figura 83: Planta Baixa - acessos
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PROJETO DO CEMITÉRIO

PAGINAÇÃO

Visando manter similaridade material com a estética, a paginação de pisos pavimentados surge de maneira tímida. Contida na função que tem: levar de um ponto a outro. Nesse sentido, a pavimentação do cemitério pode ser dividida em 3 grande trechos:

- 1. Com piso intertravado cinza, a via de pedestres que serpenteia o parque e as vias levam do cemitério antigo ao novo. A cor cinza foi escolhida pela semelhança de tom com os paralelepípedos das vias externas ao cemitério.
- 2. Com piso intertravado bege, a via de acesso técnico e restrito de veículos.
- 3. Com destaque em vermelho no esquema ao lado, A circulação externa da Capela mortuária, que possibilita uma volta completa e dá acesso a qualquer parte da proposta. A ideia de colocar no centro uma circulação em 360*, sem interrupção, tem a intenção de se apropriar da força radial imposta pela própria proposta.

A força imposta pelo círculo implantado da capela mortuária pode ser observada nas áreas de tumulação radial ao redor da mesma.

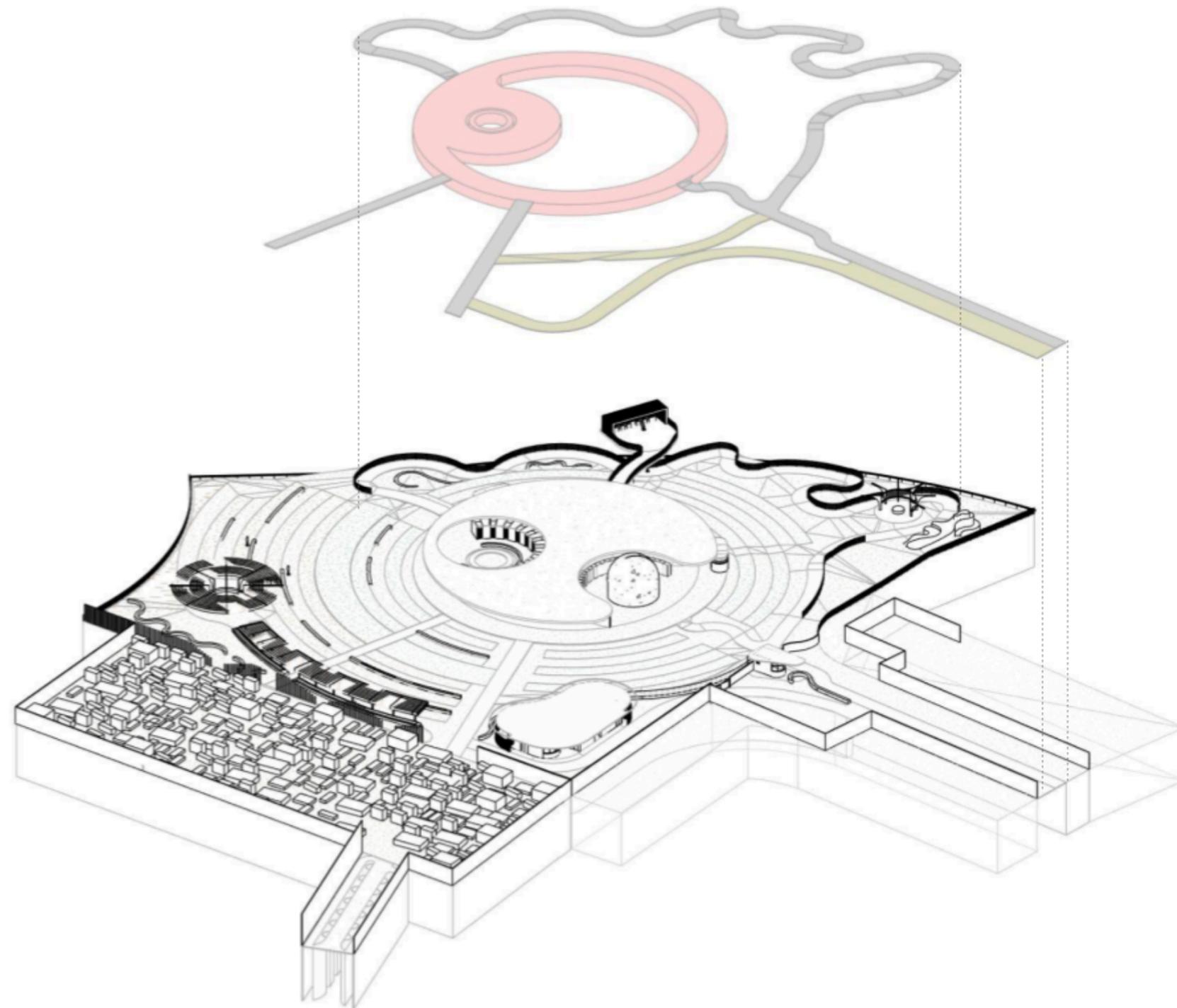


Figura 85: Esquema viário
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PROJETO DO CEMITÉRIO

ÁREAS DE TUMULAÇÃO

As áreas reservadas para os sepultamentos em jazigos duplos pré moldados em concreto. Os jazigos são separados por uma distância média de 40-50cm . Os rasgos para tumulação são revestidos com grama ou pedras. A proposta contabiliza 396 sepulturas duplas, o que concede uma capacidade de máxima de 792 sepultamentos.

A proposta estima que a saturação será atingida em quase 30 anos, visando dados do Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais de Mutuca - Distrito da Comarca de Pesqueira. Os dados obituários fornecidos pelo cartório mostraram que, no intervalo de 20 anos que compreende 17/06/2004 e 17/06/2024, foram registrados 533 óbitos. Uma média de 27 mortes por ano.

As sepulturas estão voltadas ao cemitério antigo como sinal de respeito, enquanto bancos perimetrais promovem permanência e contemplação.

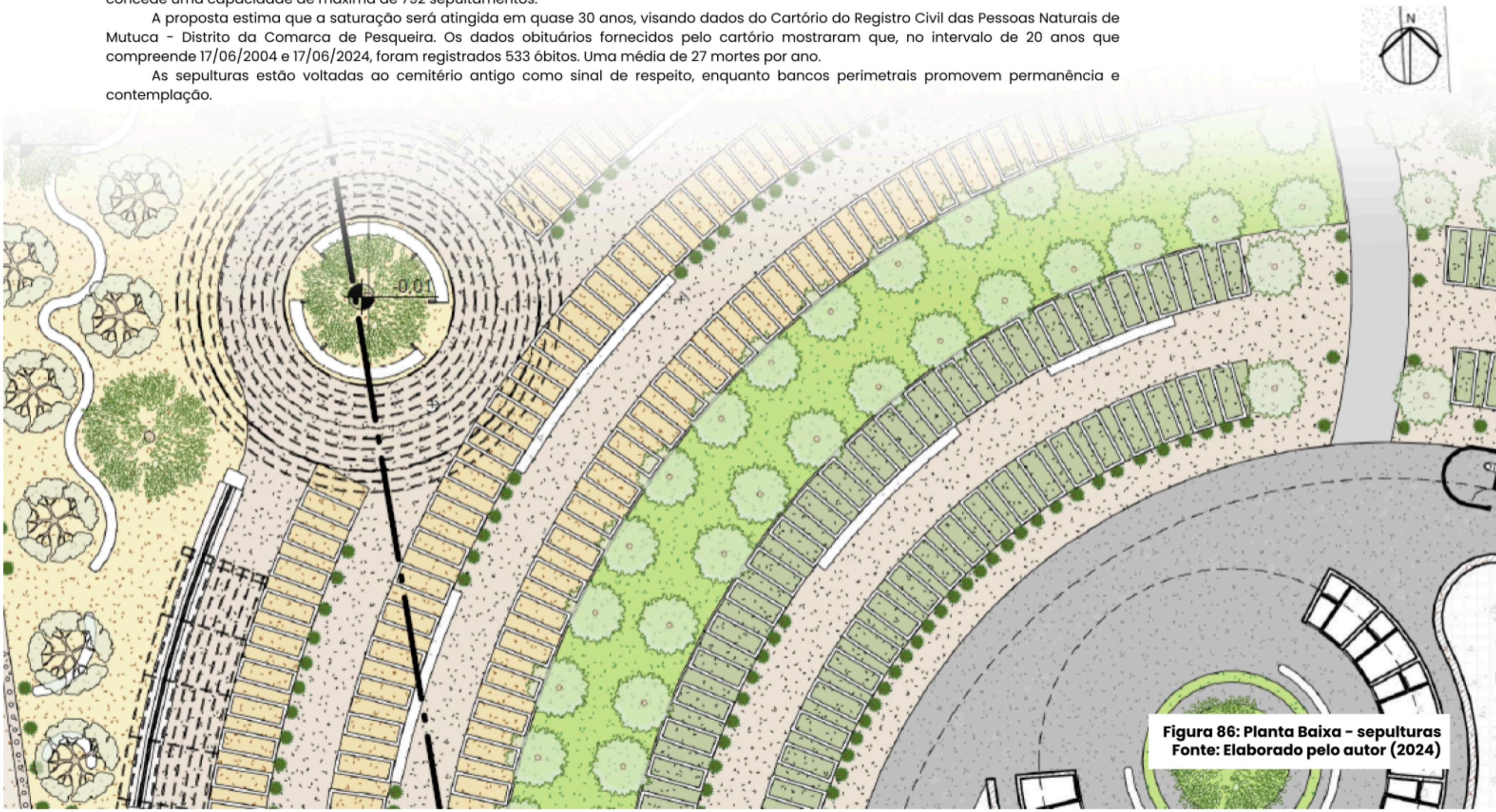


Figura 86: Planta Baixa - sepulturas
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)



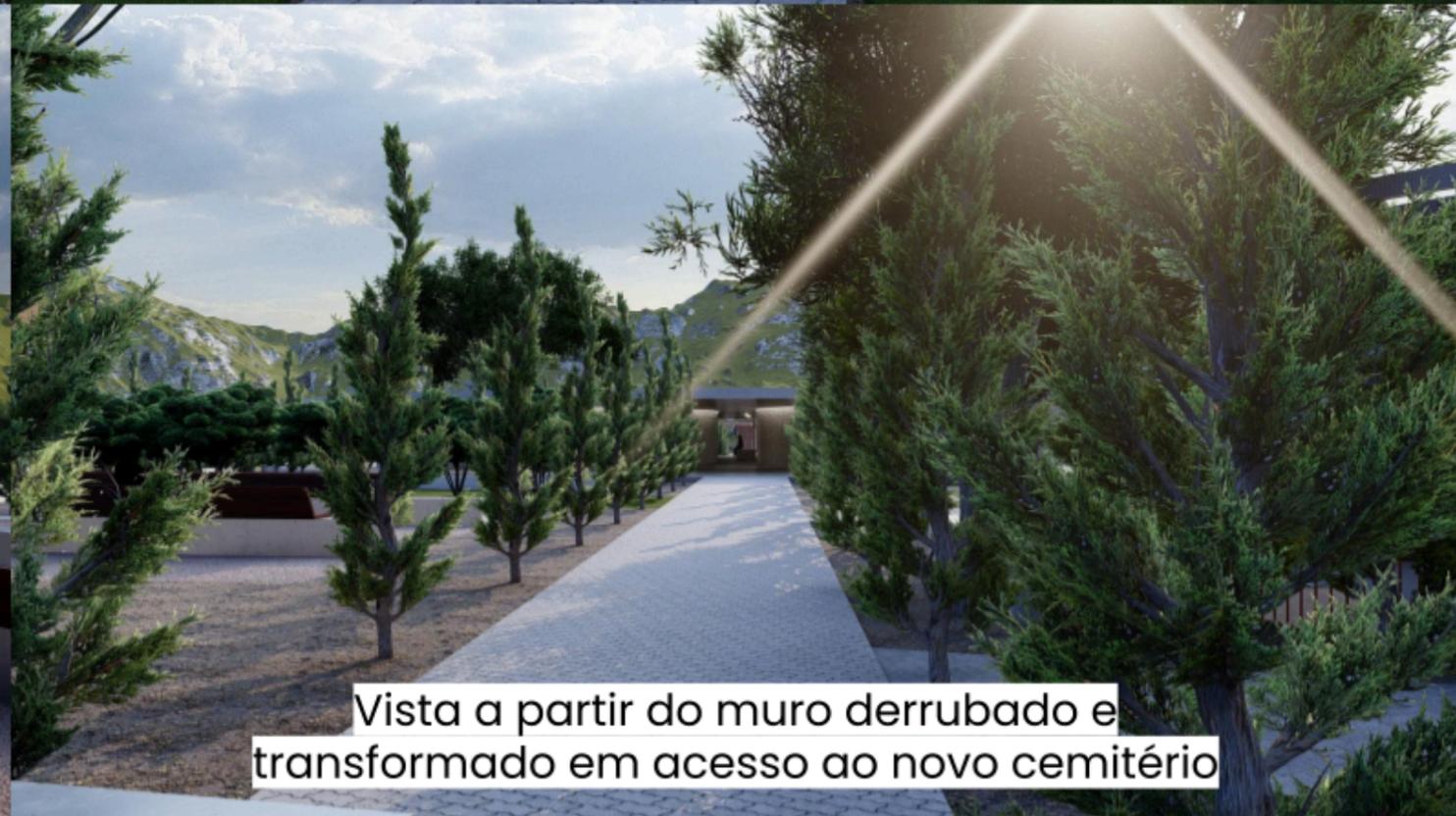
Via de acesso original



Vista da capela para o cemitério original



Vista da intervenção que derruba o muro e integra os dois cemitérios



Vista a partir do muro derrubado e transformado em acesso ao novo cemitério

Figura 87: Quadro de vistas 01
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PROJETO DO CEMITÉRIO

BLOCO TÉCNICO ADMINISTRATIVO

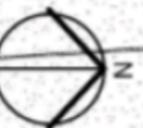
O prédio que contém os ambientes de manutenção, administração e tanatológicos é dividido em 3 volumes que concentram essas respectivas funções. Por essa especificidade, pelos riscos biológicos, o bloco foi implantando em prol do isolamento. Recuado e separado das demais áreas comuns. Encoberto em meio a vegetação que produz sombra e proteção visual aos ambientes.

O prédio é circundado por uma via de serviço veicular de acesso controlado pela guarita.

Figura 88: Acesso exclusivo de serviço
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)



Figura 89: Planta Baixa - setor técnico administrativo
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)



8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PROJETO DO CEMITÉRIO

CAPELA MORTUÁRIA E MIRANTE

A Capela Mortuária, ironicamente, é o núcleo de vida social do cemitério. Concebida como a pedra fundamental desta proposta, a capela é um espaço multifuncional criada a partir da valorização do vazio. Um grande vão que se abre para a paisagem que a emoldura. Ao entrar na capela você entra no vazio e as curvas em branco lhe abraçam. A ideia principal do projeto é evitar é usar a curva como sensação de aconchego nas situações fúnebres de sua função. É no espaço amplo da capela que os corpos serão velados, mas o espaço também é adaptável, visto que é um espaço público que visa atender as demandas que possam ocorrer.

A capela brinca com a espacialização do vazio em muitos sentidos, como a materialidade purista, a integração espacial e jogo volumétrico das suas praças que são abraçadas pela cobertura.

Centralizada no meio do terreno, a capela se desenvolve sem interrupções e te guia em direção ao mirante. O mirante, por sua vez, faz parte o parque. Mas, por questões topográficas, foi elevado e se conecta à capela por uma passarela de concreto. O mirante é o principal ambiente de contemplação e introspecção, funcionando como a moldura da paisagem.

Figura 90: Sala de velórios
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

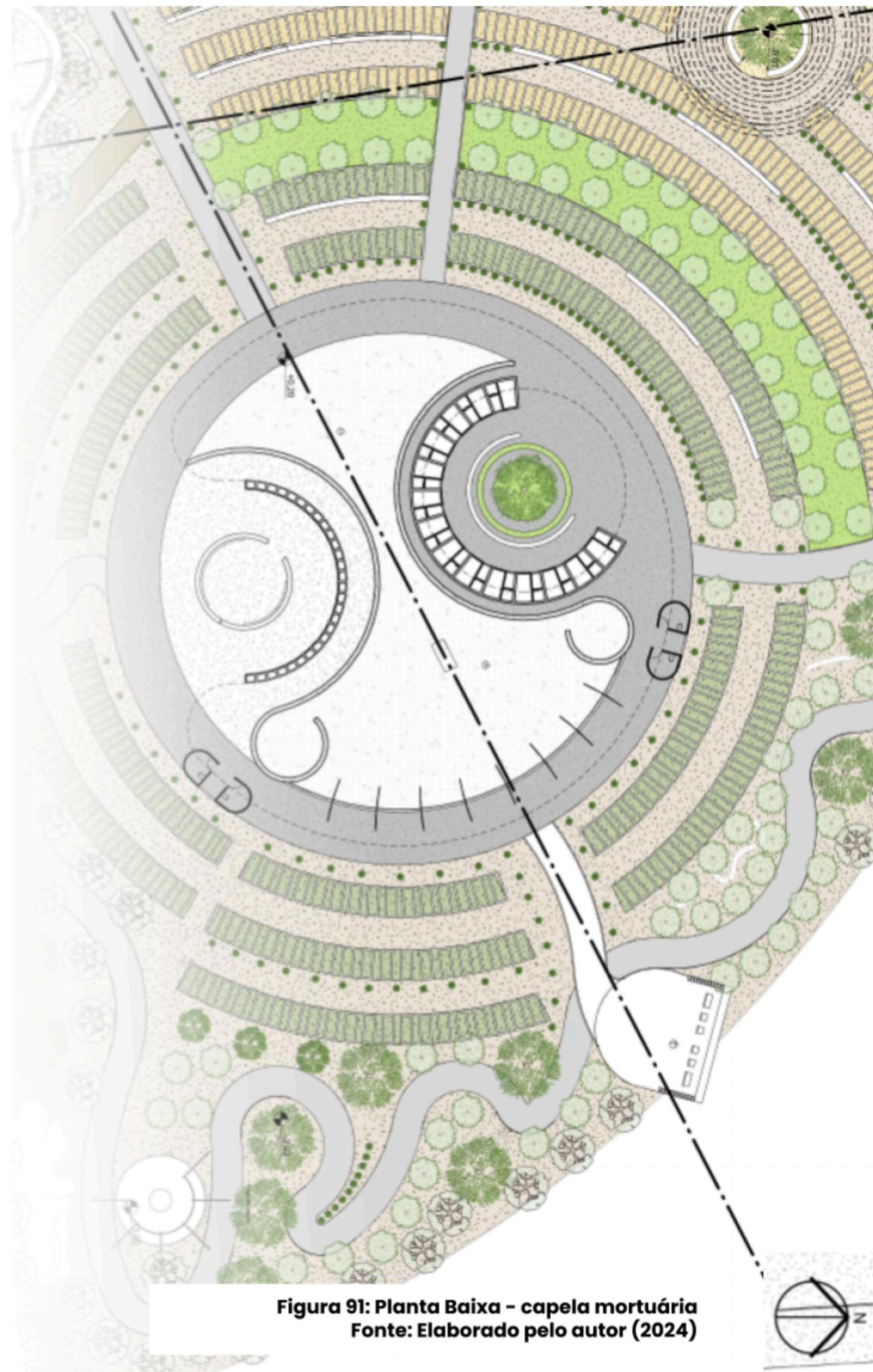
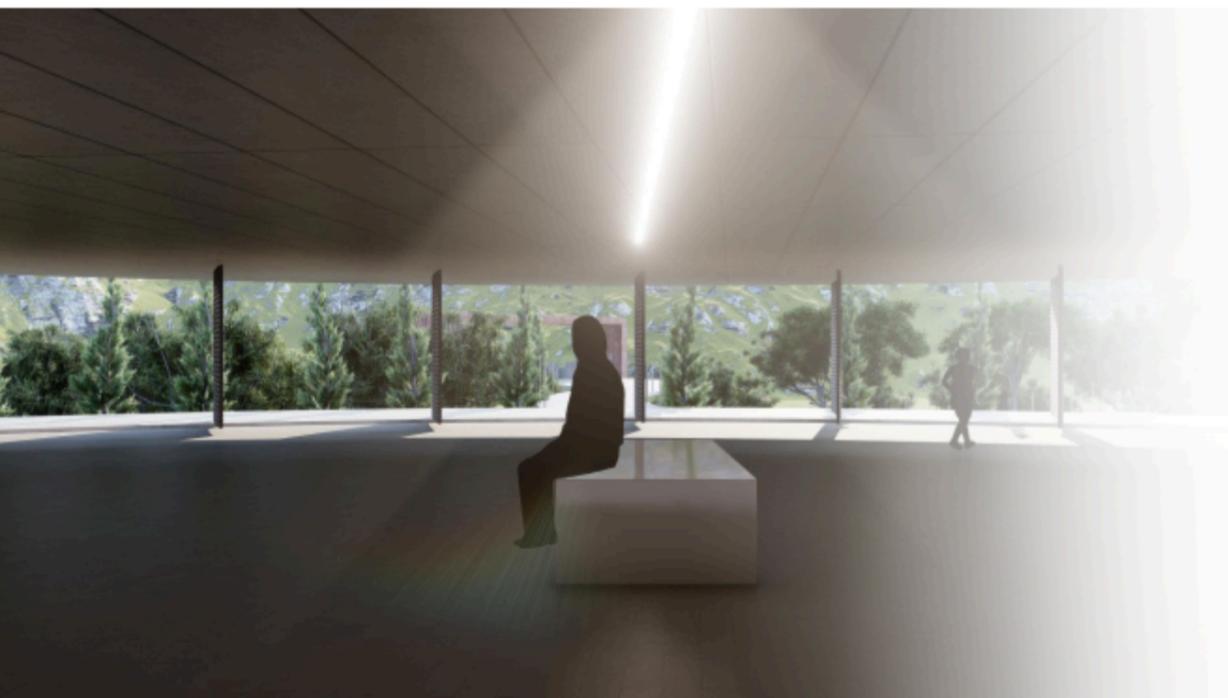


Figura 91: Planta Baixa - capela mortuária
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)



Entrada da capela mortuária



Hall de acesso a capela mortuária



Sala de velórios



Sala de velórios

8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PROJETO DO CEMITÉRIO

PRAÇA DOS JAZIGOS

A praça dos jazigos é um ambiente de permanência concebido a partir do estudo da paisagem do cemitério original. Ela surge como a síntese da tipologia tumular verticalizada: jazigos verticais de 3 gavetas encontrados individualmente, são agrupados de maneira radial e conformam um espaço de contemplação em volta da árvore da vida.

Entendido como jazigos familiares, cada um possui uma mini capela particular para manifestações e rituais pessoais, assim como um compartimento para manutenção das instalações de trocas-gasosas.

PRAÇA DO OSSUÁRIO E VELÁRIO-CAPELA

A praça do ossuário, por sua vez, carrega a simbologia de aceitar o além, depois da morte. Em seu centro, um velário-capela com um rasgo de luz voltado para o Cruzeiro de Santa Rita de Cássia, em penumbra, abraçar a dor da despedida enquanto as velas, a luz, mostram a esperança de atenuação.

O volume dedicado aos lóculos dos ossuários foi revestido com cerâmicas com a intenção de trazer a materialidade comum às residências do entorno. Já que o cemitério é reflexo dela.



Figura 93: Planta Baixa – Praça dos Jazigos
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

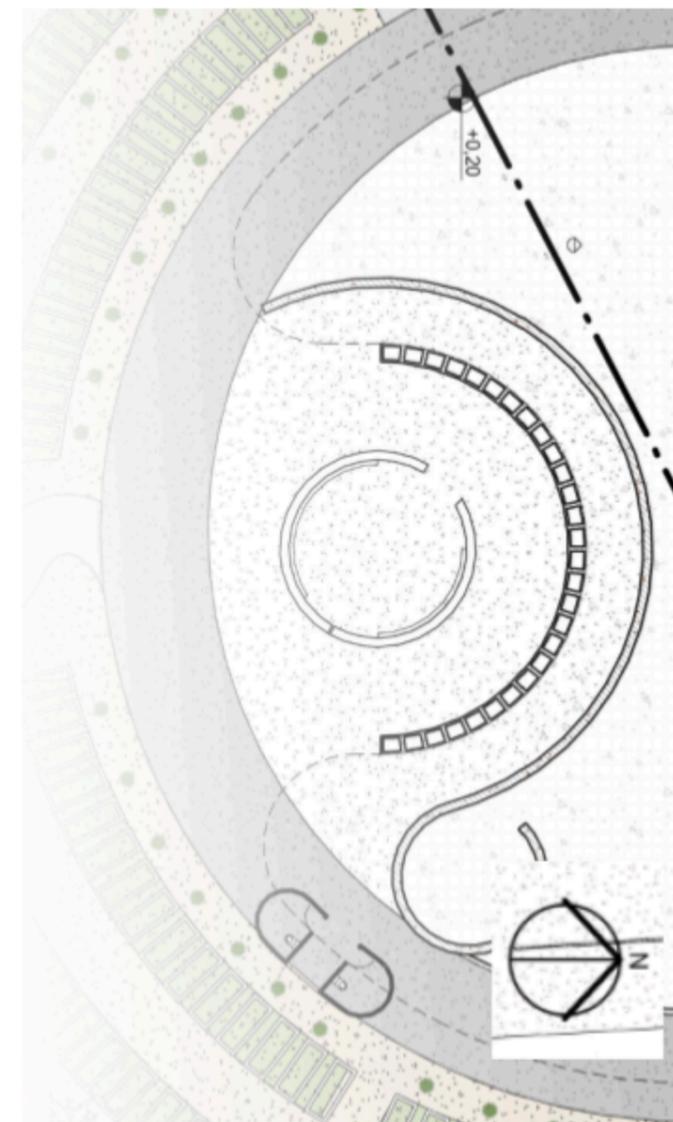


Figura 94: Planta Baixa – Praça dos Ossuários
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

PRELIMINAR
CENTRO CEMITÉRIO
PLANTA
CORTA
ESPACOS DE PERMANENCIA
SABÍSTICO
CORTA

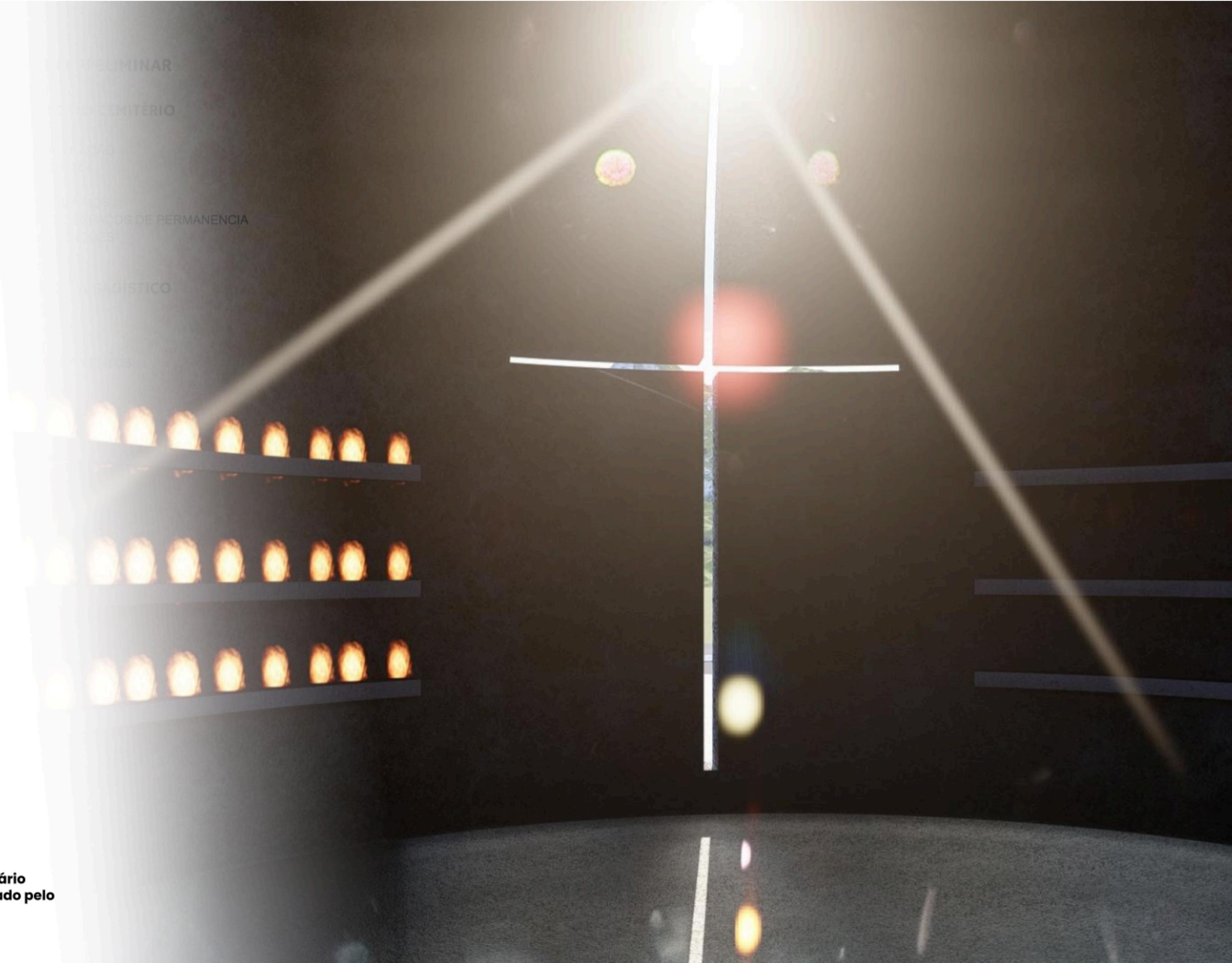


Figura 95: Velário
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)



Vista do mirante a partir da capela



Mirante



Via de acesso implantada com vista para guarita e velário



Vista após o acesso controlado da guarita



Figura 92: Quadro de vistas 04
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PROJETO DO CEMITÉRIO

INTERVENÇÃO NO MURO E PERMANÊNCIA

Uma grande preocupação da proposta era abraçar a pré-existência, respeitando sua permanência e integrando-a com o novo. Assim, o muro que dividia os dois terrenos foi demolido integrando visualmente e espacialmente os dois cemitérios. Porém, a ideia da intervenção é deixar marcada a diferenciação entre os dois, sem isolar.

A proposta nasceu, então, a partir de um jogo de estacas de concreto de diferentes alturas e espaçadas regularmente, assim como os ciprestes ao longo do parque. Uma linha tênue que demarca dois tempos de um mesmo local. Tangível, mas abstrata. Barreira, mas conceitual.

A intervenção se desdobra em bancos que acompanham a curva das áreas tumulação, voltados para ambos os cemitérios.



**Figura 96: Planta Baixa -
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)**

8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PROJETO DO CEMITÉRIO

PARQUE E PRAÇA DAS INTENÇÕES

O parque foi pensado como setor de permanência e contemplação análogo à cultura local de subir a serra e encarar o distrito, porém invertendo o ponto de vista. A proposta surge como o local onde ao caminhar, você pode escolher parar na intervenção artística ao lado da praça das intenções, sentar e encarar as serras como elas lhe encaram.

O caminho sinuoso que corta parque faz curvas pela topografia e permite visar de diferentes ângulos a proposta.

A Praça das Intenções é o local mais simbólico do parque. A capela surge como uma analogia ao costume religioso, nos cultos, de intencionar o culto à alma de um falecido. Sendo assim, a proposta envolve uma instalação que promova a aceitação do luto e pertencimento, onde o visitante, como um interventor ativo, escreve no quadro de vidro o nome do seus entes queridos.

Figura 97:
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

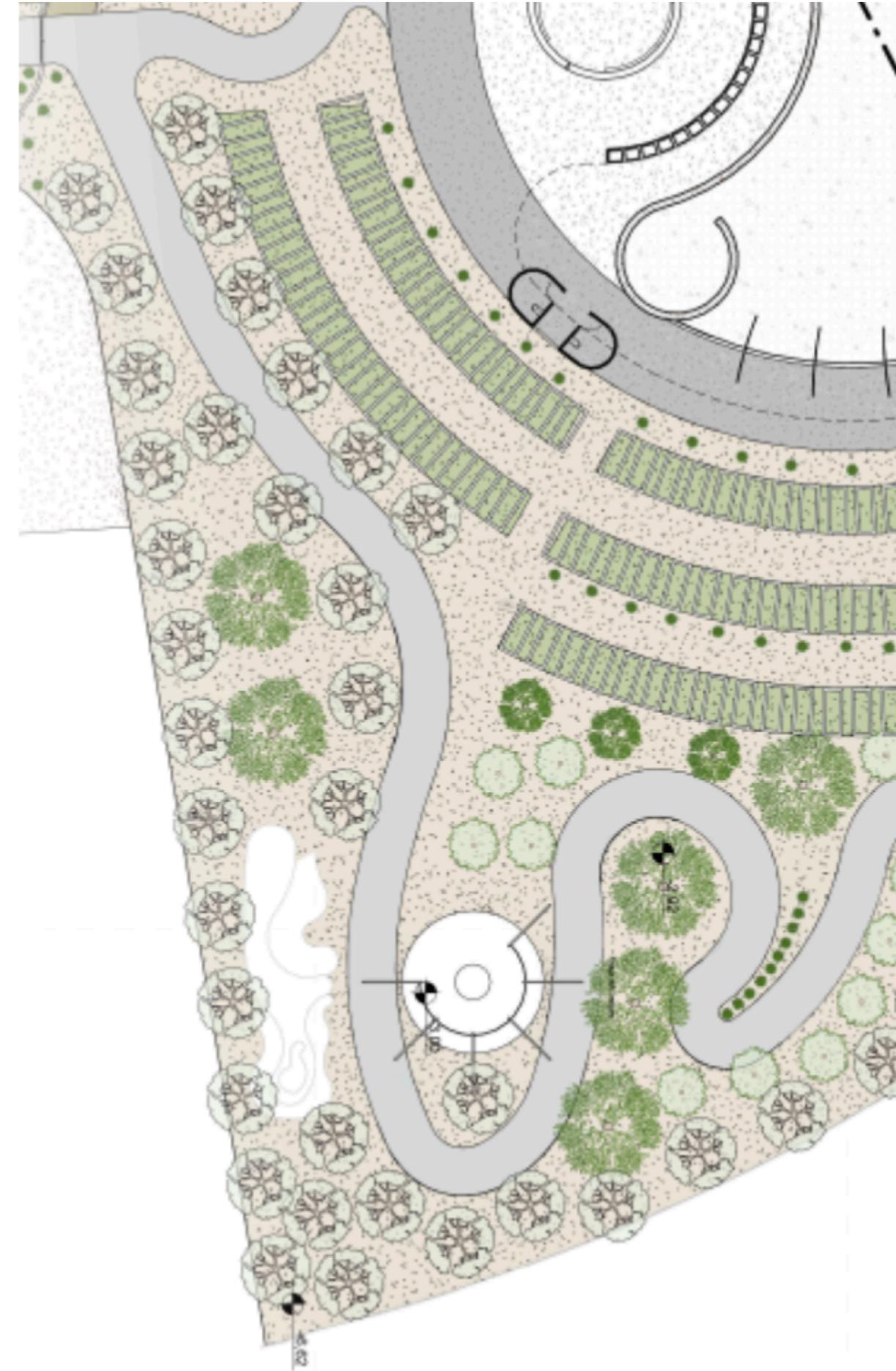
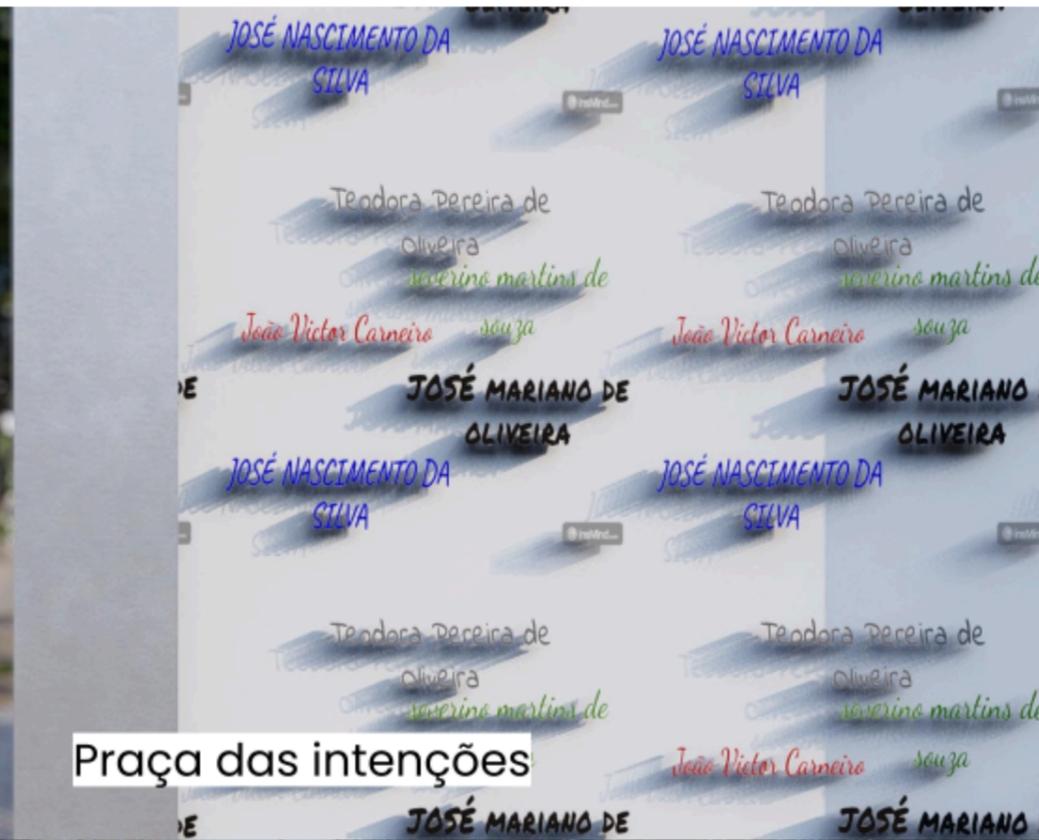


Figura 98: Planta Baixa -
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)



Caminho pelo parque e vista da praça das intenções e intervenção artística



Praça das intenções



Caminho pelo parque



Caminho pelo parque

Figura 99: Quadro de vistas 05
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

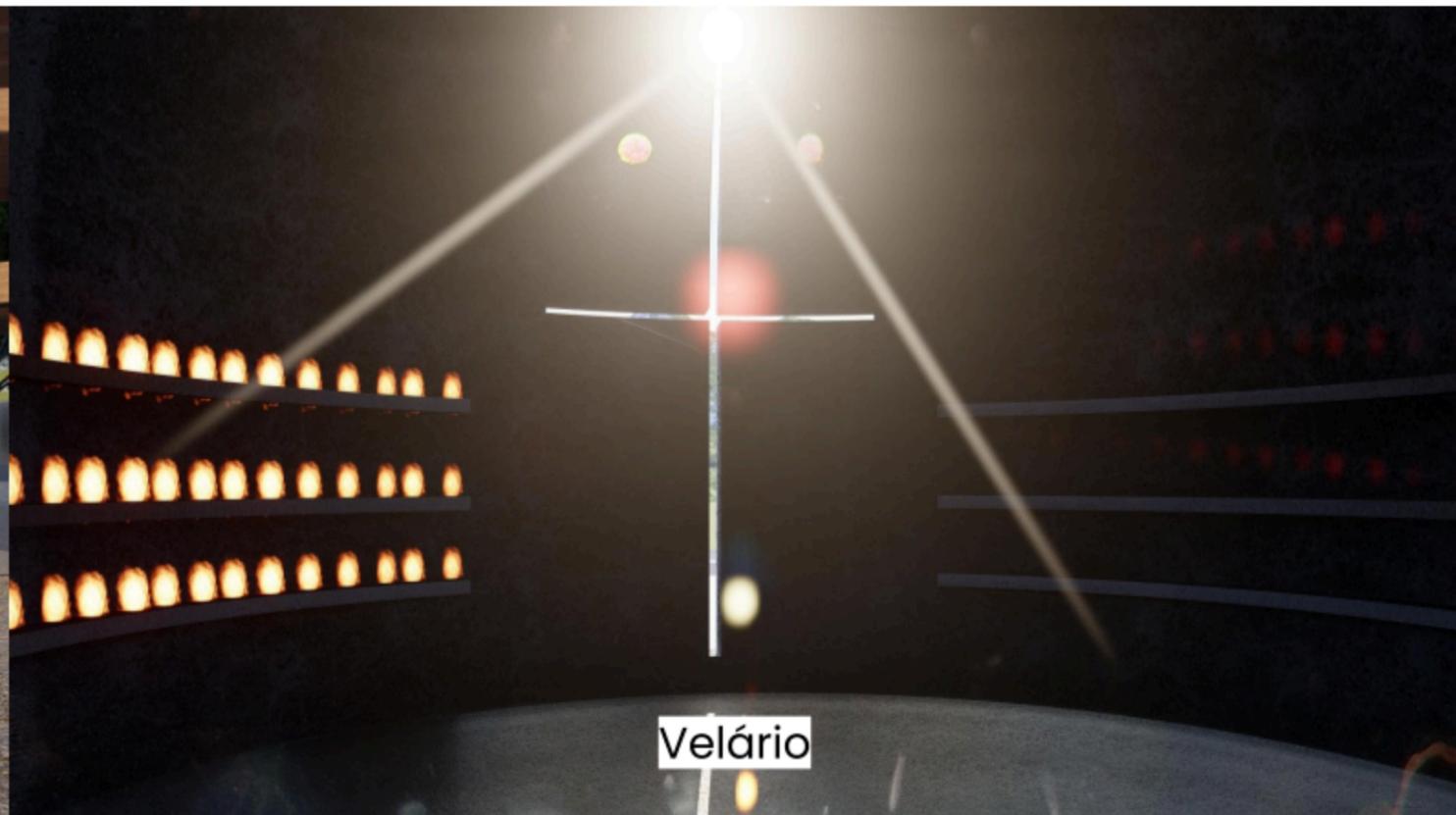


Figura 100: Quadro de vistas 06
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. Paisagismo

Do ponto de vista metodológico, dois aspectos precisam ser destacados. Num primeiro momento, um levantamento fotográfico investigativo foi realizado pelo distrito. O intuito de foi documentar espécies presentes no local e descobrir quais das espécies seriam melhor para o plantio no cemitério, visando os aspectos econômicos, simbólicos, de mitigação dos impactos ambientais provenientes da operação cemiterial e papéis ecológicos e resistência ao clima.

Além disso, nesse projeto, espécies de forração e arbustivas foram desconsideradas pelo custo com a manutenção. Duas espécies estão sendo usadas no cinturão verde no perímetro no parque:

- **Ciprestes (*Cupressus spp.*):** A principal planta ornamental do projeto, utilizada, principalmente, pela suas propriedades de fitorremediação. No projeto, sua esbelteza é utilizada como guia barreira e guia visual, criando alamedas.
- **Moringa (*Moringa oleifera*):** além de suas propriedades de fitorremediação, teve seu plantio focada no parque, pelo seu papel de prevenção contra a erosão.

Plantas **Algaroba (*Prosopis juliflora*)** e **Chapéu de Napoleão (*Cascabela thevetia*)** surgem os símbolos de resistência às intempéries.

E por fim, o Umbuzeiro surge como a estrela do projeto, colocado em alguns pontos estratégicos, como no centro da Praça dos Jazigos, por ser considerada a árvore da vida. Escolhida pelo seu por e por ser vegetação xerófila, representa muito bem o impacto do luto e as mudanças que virão em seus processos.

A proposta paisagística se fundamenta na ideia de mesclar a aridez do cemitério tradicional pré-existente com a cobertura verde imposta por um cemitério parque.,

LEVANTAMENTO FOTográfico



Figuras 101 a 116: Levantamento fotográfico in loco fonte: Acervo pessoal do autor (2024)

8.7. ESTUDO PRELIMINAR

8.8. PAISAGISMO



Figuras 117 a 119: Lápide
fonte: Elaborado pelo autor (2024)

LÁPIDE

Com base nos símbolos encontrados nas tipologias tumulares durante o diagnóstico, propõe-se uma lápide em concreto que pousa sobre o plano gramado emoldurado em alvenaria e que separa cada sepultura.

A lápide, em forma de cavalete, possui 80cm de largura e 50cm de altura. Frisos no concreto armado guiam o olhar para os dois nichos principais: O da placa com a identificação do falecido e o nicho das homenagens, em aço corten,, onde, culturalmente, velas, terços e flores costumam ser colocados.

Assim como no Velário, a simbologia da cruz, continua sendo usada com símbolo universal da morte, porém, por ser constituída de dois perfis metálicos encaixados e parafusados ao concreto, dá a possibilidade de ser utilizada sem nenhuma simbologia.



	Nome popular	Nome científico	Família	Forma de Vida	Diâmetro	Altura	Características	Fotografia
01	Algaroba	<i>Prosopis juliflora</i>	<i>Fabaceae</i>	Arbusto, Árvore	8 a 12 m	6 a 15 m	<p>Possui uma copa ampla e irregular, com folhas espinhosas bipinadas de coloração verde-acinzentada.</p> <p>Suas raízes profundas e sua capacidade de se adaptar a solos pobres a tornam uma espécie adequada para áreas de recuperação ou paisagismo em locais áridos.</p> <p>Sua capacidade de gerar sombra densa a torna útil em áreas que necessitam de resfriamento natural.</p>	
02	Chapéu de Napoleão	<i>Thevetia peruviana</i>	<i>Apocynaceae</i>	Arbusto, Árvore	Até 1,5 m	3 a 4 m	<p>Apresenta folhas estreitas e longas; e flores amarelas ou alaranjadas em formato de trombeta.</p> <p>Adaptável a diversos tipos de solo, é comumente usada em projetos paisagísticos por seu efeito ornamental, uma vez que a floração abundante durante grande parte do ano adiciona cor e vivacidade aos jardins.</p>	
03	Ciprestes	<i>Cupressus sempervirens</i>	<i>Cupressaceae</i>	Árvore	2 a 3 m	15 a 20m	<p>Árvores coníferas de formato colunar ou piramidal, com folhagem densa e perene, que varia de verde escuro a tons azulados.</p> <p>São ideais para criar barreiras visuais ou cortinas de vento em projetos paisagísticos, devido a sua altura e estrutura vertical.</p> <p>Seu sistema radicular é vigoroso, exigindo um bom planejamento do local de plantio para evitar interferência com estruturas ou tubulações.</p>	
04	Moringa	<i>Moringa oleifera</i>	<i>Moringaceae</i>	Arbusto, Árvore	6 a 10 m	Até 12 m	<p>Árvore de crescimento rápido, com folhas compostas e pequenas, de coloração verde-clara, e flores brancas aromáticas.</p> <p>Devido à sua copa rala que permite a passagem de luz, configura uma excelente opção para áreas que necessitam de sombreamento leve.</p> <p>Suas raízes são profundas, o que facilita a adaptação a solos pobres e regiões secas, sendo muito útil em projetos de recuperação de áreas degradadas e para embelezamento de espaços com pouca manutenção.</p>	
05	Umbuzeiro	<i>Spondias tuberosa Arruda</i>	<i>Anacardiaceae</i>	Arbusto, Árvore	10 a 15 m	4 m a 6 m	<p>Nativa do semiárido brasileiro, se adapta bem a solos secos e arenosos.</p> <p>Apresenta uma copa larga e densa, proporcionando uma boa área de sombra, característica ideal para projetos paisagísticos em regiões quentes.</p> <p>Suas folhas são compostas e caducas, caindo durante a estação seca. E o tronco é robusto e armazenador de água, o que torna o umbuzeiro valioso para paisagismo em áreas de baixa precipitação.</p>	

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha o objetivo de investigar a composição social, demográfica, cultural, material e imaterial de uma comunidade rural e entender como os pormenores destes âmbitos podem ser refletidos numa proposta arquitetônica de um equipamento urbano tão dualista quanto um cemitério: espaço público e fonte de poluição.

Nesse sentido, a proposta buscou trabalhar com a integração de dualidades: cheios e vazios, novo e antigo, árido e fértil, morte e vida. Essas dualidades concebem uma ambiência de novidade e de pertencimento, promovendo ao público novas maneiras de vivenciar um espaço tão singular quanto um cemitério, encarando o cemitério como um espaço a ser vivenciado, não somente um loteamento de sepulturas.

É válido destacar que o EIV que foi realizado é superficial, pois se trata de um estudo multidisciplinar e fora do escopo de uma graduação. Entretanto, o trabalho cartográfico realizado nesta etapa pode servir como base para o planejamento urbano e ambiental do governo municipal, visto que áreas rurais são negligenciadas neste aspecto. De mesmo modo, este trabalho também serve como um manual de como abordar a questão cemiterial em qualquer espaço urbanizado que se encontre e tem grande valor intelectual para a Prefeitura Municipal, que é cobrada pela ampliação do cemitério desde a pandemia de COVID19, em 2020.

Houveram limitações, que foram motivadas pela falta de planejamento do governo municipal, como a falta de legislações (código de urbanismo, lei de uso e ocupação do solo), a falta de um levantamento topográfico da região e a novidade do tema, que limitam o conhecimento do autor nas questões técnico-construtivas.

Por outro lado, este trabalho serve como estopim de uma gama de âmbitos de futuras pesquisas como um levantamento historiográfico do Distrito de Mutuca, estudos antropológicos sobre a morte e suas implicações em comunidades tradicionais rurais, aprofundamentos do próprio EIV, elaboração de dados georreferenciados da região, elaboração de planos diretores e de áreas pouco exploradas como o paisagismo fúnebre, englobando a parte biofílica e estratégias de mitigação de danos ambientais.

Em suma, este trabalho aborda aspectos fundamentais para a implantação de equipamentos tão delicados quanto cemitérios e se explicita o quão complexo é lidar com o crescimento urbano e espacialização da morte, mas deixa claro que a integração dos dois é possível e benéfica, expandindo o horizontes dos cidadãos em relação a como se pode ressignificar espaços.

IO. REFERÊNCIAS

A fascinante nova teoria sobre a origem de Stonehenge. BBC News Brasil. 2 de junho de 2023. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c809k6x0j78o>. Acesso em: 15 de ago de 2024.

ADAM, Roberto Sabatella. Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen. Curitiba: Da Vinci, 2008.

Andrade, Ana Paula Silva de *et al.* O cemitério como espaço multifuncional: um estudo de caso em Tangará da Serra – MT. São Paulo: Paisag. Ambiente: Ensaio, 2020.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Brasil). Normas para projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Resolução RDC/ANVISA nº 50, de 21 de fevereiro de 2002. Brasília, 2002. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/3427425/RDC_2_22_2018_.pdf/c5d3081d-b331-4626-8448-c9aa426ec410. Acesso em: 03 de setembro de 2022.

ANVISA. Referência técnica para o funcionamento de estabelecimentos funerários e congêneres. Brasília: 2009

Atlas climatológico do Estado de Pernambuco: normais climatológicas 1991-2020. / Agência Pernambucana de Águas e Clima. Gerência de Meteorologia e Mudanças Climáticas. – Recife: APAC, GMMC, 2023.

Arqueólogos descobrem o que pode ser o mais antigo cemitério das regiões norte e nordeste do Brasil. Gl. 16 de janeiro de 2024. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/01/16/arqueologos-descobrem-o-que-pode-ser-o-mais-antigo-cemiterio-indigena-das-regioes-norte-e-nordeste-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

BAUAB, Karise Cristofoli; LEME, Rosana Cristina Biral. Análise do Processo de implementação de cemitérios na zona rural de Francisco Beltrão – PR. Paraná: UNIOESTE, 2013.

BAUM, Camila Ângelica. A atividade cemiterial nos municípios brasileiros: Impactos ambientais, ordenamentos jurídicos e perspectivas futuras. Porto Alegre, RS: UFRS, 2018.

BERBET, Allan Cassiolato *et al.* Metodologia de Kevin Lynch e Gordon Cullen: Construção da paisagem urbana de Maringá. Maringá: II INOVACIVIL, 2015.

BEULK, Cláudia Correa. Necrópole Planejada: Projeto de um cemitério ambientalmente adequado. Caxias do Sul: UCS, 2018.

BRASIL. Decreto N 20.786, DE 10-08-1998. Pernambuco: Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=3607>. Acesso em 11 de ago de 2024.

BRASIL. LEI N2.054/09. Institui o Plano diretor do município de pesqueira e dá outras providências. Pesqueira, PE: Câmara Municipal de Pesqueira. Disponível em: https://transparencia.pesqueira.pe.gov.br/uploads/5314/1/atos-oficiais/2009/leis/163707094_5_lei-n-2.054-de-2009-institui-o-plano-diretor-do-municipio.pdf. Acesso em: 10 de Ago. 2024.

BRASIL. LEI N3.165/2015. Institui a política ambiental para o município de pesqueira, dispõe sobre licenciamento ambiental, infrações e sanções administrativas e dá outras providências. Pesqueira, PE: Câmara municipal de Pesqueira. Disponível em: https://transparencia.pesqueira.pe.gov.br/uploads/5314/1/atos-oficiais/2015/leis/163715788_5_lei-n-3.165-de-2015-institui-a-politica-ambiental-para-o-municipio.pdf. Acesso em: 10 de ago de 2024.

BRASIL. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Estatuto da Cidade. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2001/L10257.htm. Acesso em: 20 jul. 2024.

BRASIL. Pesqueira/PE: Câmara Municipal de Pesqueira. Disponível em: https://transparencia.pesqueira.pe.gov.br/uploads/5314/1/atos-oficiais/1990/lei-organica-municipal/1682360902_lei-organica.pdf. Acesso em 11 de ago de 2024.

BRASIL. Resolução - RDC - AGEVISA N 0001 de 04 de junho de 2008. Dispõe sobre a regulamentação, no estado da Paraíba, para o funcionamento de empreendimentos públicos ou de iniciativa privada destinados a inumação de corpos humanos, denominado como parques, jardim jardins, campos santo ou simplesmente cemiterios e aprova roteiro de inspeção. Paraíba: AGEVISA, 2008.

BRASIL. Resolução CONAMA nº 335, de 03 de abril de 2003. Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. Diário Oficial União, Brasília, p 98, 28 mai: 2003

BRASIL. Resolução CONAMA nº 368, de 28 de março de 2006. Altera dispositivos da Resolução no 335, de 3 de abril de 2003, que dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. Diário Oficial União, Brasília, p 149, 29 mar: 2006

BRASIL. Secretaria de meio ambiente e sustentabilidade - SEMAS/PE. Resolução CONSEMA/PE N01/2018.

BRASIL. Sistema de Controle e Registro de Imóveis Rurais (SICAR). Dados sobre imóveis rurais em Pernambuco. Disponível em: <http://www.sicar.gov.br>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CABANAS, Ana; LEITE, Luiz Zanella. Árvores Freatófitas: equilíbrio ambiental em necrópoles. São José dos Campos: XIV Encontro Latino-Americano de iniciação científica e X encontro latino americano de Pós-Graduação - Universidade do Vale do Paraíba.

CABANAS, Ana; RICCI, Fábio. Turismo em necrópole: Novos caminhos culturais a serem explorados no vale do paraíba paulista. Revista Turismo e ação, 2008.

Cabral, Adelaide João Resende. Reflexões sobre o papel da Arquitetura Paisagista no projeto de cemitérios: Programa de um Jardim para o Cemitério de Cabreiro, Arcos de Valdevez. Lisboa: ISA, 2021.

CALVO, Joana Sofia Sarmiento. Cemitérios na perspectiva do espaço público. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2022

CAMPOS, Ana Paula Silva. Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrentes da atividade cemiterial. São Paulo: USP, 2007.

CARVALHO, Luiz Fernando Campos. Espécies vegetais para fitorremediação de contaminantes orgânicos: uma revisão de literatura. Uberlândia: UFU, 2023.

CAVALCANTI, Caroline dos Santos. Estudo preliminar de impacto ambiental em um cemitério na cidade Caruaru- PE. Caruaru: ASCES, 2016.

Cemitério: Denúncia de vazamento decorrente da decomposição de corpos é levada ao ministério público. 24 de agosto de 2021.

<https://www.sigamais.com/noticias/cidades/cemiterio-denuncia-de-vazamento-decorrente-da-decomposicao-de-corpos-e-levada-ao-ministerio-publico/>. Acesso em 15 de ago de 2024.

"Cemiterio de Presov – Svaby / STOA Architekti" [City Cemetery Presov – Svaby / STOA Architekti] 14 Mar 2021. ArchDaily Brasil. Acessado 19 Out 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/958079/cemiterio-de-presov-nil-svaby-stoa-architekti>> ISSN 0719-8906

"Cemitério Luz / Pedro Pacheco + Marie Clément" [Luz Cemetery / Pedro Pacheco + Marie Clément] 23 Set 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 19 Out 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/795838/cemiterio-luz-pedro-pacheco-plus-marie-clement>> ISSN 0719-8906

"Cemitério Memorial Parque das Cerejeiras / Crisa Santos Arquitectos" 03 Jan 2023. ArchDaily Brasil. Acessado 19 Out 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/930860/cemiterio-memorial-parque-das-cerejeiras-crisa-santos-arquitectos>> ISSN 0719-8906 12 de ago de 2024.

Cemitérios tradicionais: Riscos ambientais e o destino final dos corpos. Com Ciência. 10 de agosto de 2022. <https://www.comciencia.br/cemiterios-tradicionais-riscos-ambientais-e-o-destino-final-dos-corpos/> Acesso em: 14 de ago de 2024.

CETESB. L1.040. Implantação de cemitérios. São Paulo: 1999.

Clima. Gerência de Meteorologia e Mudanças Climáticas. – Recife: climatológicas 1991-2020. / Agência Pernambucana de Águas e

Com túmulos abertos, vizinhos de cemitério em SC lidam com infestação de insetos. DEMAIS. 01 de julho de 2021.

<https://ndmais.com.br/seguranca/vizinhos-de-cemiterio-infestacao-insetos/>.. Acesso em 17 de ago de 2024.

CONCESSIONÁRIA NASCENTES DAS GERAIS. Atividades de operação, manutenção e ampliações das rodovias MG-050 (km 57+600 ao km 402-000), BR-491(km 0+000 AO km 4+700) e BR-265 (km 637+200 ao km 659+500), entre Juatuba a São Sebastião do Paraíso - Minas Gerais. Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de impacto ambiental (RIMA) JUNHO/2015.

CONDOESTE. Projeto Espírito Santo sem lixão. EIA CTR Colatina Novembro/2009. CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática ,1989.

COSTA, Margarida Regueira da. Sustentabilidade hídrica e qualidade das águas: Avaliação das estratégias de convivência com o semiárido. Recife: UFPE,2009.

COUTINHO, Pablo Wenderson Ribeiro *et al.* Alternativas de remediação e descontaminação de solos: Biorremediação e Fitorremediação. Nucleus, 2015.

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. 1.ed. Edições 70, 2008.

DA SILVA, Edson Barbosa *et al.* Estudo e relatório de impacto de vizinhança - EIV/RIV: Cemitério memorial parque colinas. Socorro: Exatas soluções, 2019.

DA SILVA. Filipe Bani de Toledo *et al.* Árvores Freatófitas: Processo de Fitorremediação aos resíduos industriais. São José Dos Campos: XX Encontro Latino Americano de iniciação científica, XVI Encontro Latino americano de Pós-Graduação e VI encontro de iniciação à docência - Universidade do Vale do Paraíba. [20--].

DE ALMEIDA, Marcelina das Graças. Morte, Cultura, Memória - Múltiplas intersecções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situado nas cidades do Porto e Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

DE LIMA, Maria das graças Maia. Legislação urbana: Código de posturas. Pesqueira: Prefeitura municipal de pesqueira, 1987.

Ernst, Neufert. A arte de projetar em arquitetura. 18 ed.São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

Estudo de impacto ambiental (EIA) Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) : Manual de orientação. São Paulo: Secretaria do meio ambiente, 1994.

Estudo de impacto de vizinhança (EIV) e relatório de impacto de vizinhança (RIV): Cemitério Memorial Jardim da Serra. Bragança Paulista: Exata Soluções, 2018.

Estudo de impacto de vizinhança (EIV): Crematório Anjos de luz LTDA. Erechim: 2022.

FARAH, Ana Paula; MERLIN, José Roberto. As cartas patrimoniais e suas aplicabilidades no patrimônio urbano. Campinas: Fórum Patrimônio.

GEOESP. Estudo de impacto de vizinhança - EIV. Americana: 2021.

GESOIS. Plano Municipal de Saneamento Básico - PMSB: Pesqueira/PB. Belo Horizonte: CBHSF, 2015.

GIACOMELLI, Bruna *et al.* Métodos de Análise da percepção ambiental e a avaliação da qualidade visual do município de cruz alta a partir do seu patrimônio edificado. Cruz

Alta: UNICRUZ, 2018.

GOMES, Maryna de Matos. Espaços Cemiteriais: Análise dos aspectos arquitetônicos no processo de acolhimento ao luto. São Luís: UniDomBosco, 2022.

IBGE. Censo Agropecuário 2006. Rio de Janeiro: IBGE, 2012:

IBGE. Base de informações do Censo demográfico 2010: Resultados do universo por setor censitário. Rio de Janeiro, 2011.

INOUE, Célia Regina *et al.* Manual de normalização de trabalhos acadêmicos: Citação e referência: ABNT. São Paulo: UNESP, 2023.

Legislação Urbana: Código de obras. Pesqueira: Secretaria de justiça, FIAM, {19--}.

LOBODA, Carlos Roberto; LUIZ DOMINGOS DE ANGELIS, Bruno. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. 1.ed. Guarapuava, PR: Revista do centro de ciências agrárias e ambientais, jan/jun.2005.

Lopes, A. Ricardo; Rocha, B. Josielle. Paisagem Urbana de Gordon Cullen: Uma leitura atualizada em Niterói-RJ. Juiz de Fora: UFJF, 2020.

MOTA, Cássio Henrique Naves. O luto e a lembrança: no tempo e espaço: Cemitério em Monte Carmelo, MG. Uberlândia: UFU, 2016.

MPRJ. Informação Técnica N 482/2020. Rio de Janeiro: 2020.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NABOZNY, Almir; LICCARDO, Antônio. Estética da morte: paisagem de cemitérios. Ponta Grossa: Estudo Texto, 2017.

NASCIMENTO, Francisleile Lima *et al.* Educação não formal: cemitério como espaço público para o ensino da geografia. Santa Maria: UFSM, 2020.

Necrochorume: recorde de mortes ameaça meio ambiente e vizinhança de cemiterios. Colabora. 28 de abril de 2021.

<https://projetocolabora.com.br/ods3/as-ameacas-do-necrochorume/>. Acesso em: 14 de ago de 2024.

Nem os mortos tem descanso: Prefeitura de caxias interdita cinco cemiterios. Extra. 07 de janeiro de

2019.<https://extra.globo.com/noticias/rio/nem-os-mortos-tem-descanso-prefeitura-de-caxias-interdita-cinco-cemiterios-23353900.html>. Acesso em 15 de ago de 2024.

Normais Climatológicas do Brasil 1961-1990, Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). Organizadores: Andrea Malheiros Ramos, Luiz André Rodrigues dos Santos, Lauro Tadeu Guimarães Fortes. INMET, Brasília/DF, Brasil, 2009.

Normais Climatológicas do Brasil 1981-2010, Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). Organizadores: Francisco de Assis Diniz, Exedito Ronald Gomes Rebello e Andrea Malheiros Ramos. INMET, Brasília/DF, Brasil, 2018.

Normais Climatológicas do Brasil 1991-2020, Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). Organizadores: Francisco de Assis Diniz, Exedito Ronald Gomes Rebello e Andrea Malheiros Ramos. INMET, Brasília/DF, Brasil, 2022.

O cemiterio que reflete a cidade. Gazeta do povo. 29 de setembro de 2014. <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-cemiterio-que-reflete-a-cidade-ee93zxud8koufxt3gwyqn3sr2/>. Acesso em 15 de ago de 2024.

O costume do enterro no Brasil e seus impactos ambientais. Jornal do campus .São Paulo: 15 de dezembro de 2021. <https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2021/12/o-costume-do-enterro-no-brasil-ese-us-impactos-ambientais/>. Acesso em 12 de ago de 2024.

O que é arborização cemiterial. Parque cemitério das Palmeiras. [https://parquebebedouro.com.br/glossario/o-que-e-arborizacao-cemiterial/#:~:text=Ao%20plantar%20%C3%A1rvores%20e%20vegeta%C3%A7%C3%A3o,melhoria%20da%20qualidade%20do%20ar](https://parquebebedouro.com.br/glossario/o-que-e-arborizacao-cemiterial/#:~:text=Ao%20plantar%20%C3%A1rvores%20e%20vegeta%C3%A7%C3%A3o,melhoria%20da%20qualidade%20do%20ar.). Acesso em: 12 de ago de 2024.

O que são equipamentos públicos (urbanos e comunitários). GOV.BR. 2023. <https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/desenvolvimento-regional/reabilitacao-de-areas-urbanas/5-o-que-sao-equipamentos> . Acesso em: 12 de ago de 2024.

OTTOSSON, Johan; GRAHN, Patrik. The role of natural settings in crisis rehabilitation: How does the level of crisis influence the response to experiences of nature with regard to measures of rehabilitation. Sweden: Swedish University of agricultural Sciences, 2008.

Overstreet, Kaley. "As origens dos cemitérios como parques públicos" [The Origins of Cemeteries as Public Parks] 22 Jan 2023. ArchDaily Brasil. (Trad. Gagliardi, Walter) Acessado 19 Out 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/994506/as-origens-dos-cemiterios-como-parques-publicos>> ISSN 0719-8906

Overstreet, Kaley. "Projetando o espaço da morte: a arquitetura de cemitérios" [Designing Dead Space: How Architecture Plays a Role in the Afterlife] 05 Set 2018. ArchDaily Brasil. (Trad. Pereira, Matheus) Acessado 12 Jul. 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/896852/projetando-o-espaco-da-morte-a-arquitetura-de-cemiterios>> ISSN 0719-8906

PACHECO, Alberto. ANTUNES MATOS, Bolivar. Cemitérios e meio ambiente: Critérios para a ampliação e norma técnica. São Paulo: Instituto de Geociências - Universidade de São Paulo Brasil, 2000.

PACHECO, Alberto. Cemitério e meio ambiente. 2000. Tese (Livre Docência em Geologia Ambiental) - Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. doi:10.11606/T.44.2015.tde-23062015-131326. Acesso em: 2023-12-12.

PACHECO, Alberto. Cemitério e meio ambiente. São Paulo: USP, 2000.

PACHECO, Alberto. Os cemitérios e o ambiente. Conselho em Revista, v. 3, n. 24, p. 30, 2006 Tradução . . Disponível em: <http://www.crea-rs.org.br/site/arquivo/revistas/ed24.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024.

Perigos, desafios e tratamentos do necrochorume de cemitérios e chorume de aterros sanitários. Revista TAE. 14 de fevereiro de 2022. <https://www.revistatae.com.br/Noticia/66956/perigos-desafios-e-tratamentos-do-necrochorume-de-cemiterios-e-chorume-de-aterros-sanitarios>. Acesso em 17 de ago de 2024.

Pesqueira (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. V.18. p. 210-213. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/iiv27295_18.pdf. Acesso em: outubro, 2024.

PREFEITURA DE REGISTRO. Memorial descritivo: Construção de lóculos em um cemitério. Rua Prefeito José de Carvalho, 188 - Jardim Nosso Teto - Registro/ São Paulo, 2022.

PROCESSO SEI 6011.2021/0002522-1. Governo da cidade de São Paulo. Objeto: CONCESSÃO DOS SERVIÇOS CEMITERIAIS, ENVOLVENDO A GESTÃO, OPERAÇÃO, MANUTENÇÃO, EXPLORAÇÃO, REVITALIZAÇÃO E EXPANSÃO DOS 22 (VINTE E DOIS) CEMITÉRIOS E CREMATÓRIOS PÚBLICOS E DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS FUNERÁRIOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.

REBELLO, Yopanan C.P. A concepção estrutural e a arquitetura. São Paulo: Zigurate editora, 2000.

REQUERIMENTO N 004/2021, de 22 de fevereiro de 2021. Câmara Municipal de Pesqueira. Assunto: Compra de um terreno para ampliação de um cemitério do distrito de Mutuca.

REQUERIMENTO N 011/2022, de 22 de fevereiro de 2022. Câmara Municipal de Pesqueira. Assunto: Aquisição de um terreno para a construção de um cemitério no distrito de mutuca.

REQUERIMENTO N 0152/2021, de 17 de maio de 2021. Câmara municipal de Pesqueira. Assunto: Construção de um velório do Distrito de Mutuca neste município.

REQUERIMENTO N 153/2021, de 17 de maio de 2021. Câmara Municipal de Pesqueira. Assunto: Implantar postes e fazer a manutenção dos já existentes no cemitério do Distrito

de Mutuca.

ROSA, Edna Teresinha da. A relação das áreas de cemitérios públicos com o crescimento urbano. Florianópolis: UFSC, 2003.

SALVADOR, Beatriz Della Giustina. Memorial das Miosótis: Cemitério parque e crematórios na cidade de Braço do Norte. Tubarão: UNISUL, 2016.

SANTOS, Aline Silva. Espaços cemiteriais e suas contribuições para a paisagem e meio ambiente urbanos. Ed 6. Revista Labverde, 2013.

SANTOS, Aline Silva. Morte e paisagem: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo. 2015. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.16.2015.tde-08092015-143806. Acesso em: 2024-10-19.

SANTOS, Aline Silva. Morte e paisagem: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo. 2015. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.16.2015.tde-08092015-143806.

SANTOS, Marília Barbosa dos *et al.* Análise de impactos socioambientais em áreas de cemitério no município de Lagarto/SE. Congetas, 2018.

Schvasrberg, Benny *et al.* Estudo de impacto de vizinhança: Caderno técnico de regulamentação e implementação. Brasília: UNB, 2016.

SEPLAN. Bacia Hidrográfica do rio Ipojuca: Seria Bacias hidrográficas de Pernambuco N1. Recife: CONDEPE, 2005.

Sepulturas

loculos.SETEEC.

<https://www.setec.sp.gov.br/sepulturasLoculos.html#:~:text=Tamb%C3%A9m%20conhecido%20como%20cova%20sepulcro,e%20cinq%C3%BCenta%20cent%C3%ADmetros%20de%20profundidade.> Acesso em: 14 de ago de 2024

SIDENIUS, Ulrik. The Therapy Garden Nacadia: The interplay between evidence-based health design in landscape architecture, nature-based therapy and the individual. Compenhagen: University of Compenhagen, [2017].

SILVA, José Danilo de Souza. Fundamentos para intervenção em áreas históricas. João Pessoa: UFPB, 2021.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). Rio de Janeiro: Mana, 2005.

SOUSA, Ivanaíla de Jesus. Geografia e especialização da morte. São Luís: XVIII Encontro nacional de geógrafos, 2016.

SPINDOLA, Raiane Morbis. Cemitério Memorial Ecumênico de São Paulo. São Paulo: UNISA, 2021.

SPOSITO, Maria Encarnação B. Capitalismo e urbanização: Núcleos urbanos na história revolução industrial e urbanização da cidade moderna: para onde? .16 ed. São Paulo:

Editora Contexto, 2021.

Stonehenge: Pesquisa aponta nova origem para a oedra do altar. 14 de agosto de 2024.<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/historia-hoje/stonehenge-pesquisa-revela-nova-origem-da-pedra-do-altar.phtml>. Acesso em 14 de agosto de 2024.

Tópico especial – Paisagens Funebres. EBA-CLA UFRJ. <https://paisagenshibridas.eba.ufrj.br/2021/03/23/paisagensfunebres-eba-ufrj/>. Acesso em: 08 de agosto de 2024.

ZUCCHI, Luísa Araújo. Lugares de respiro: ressignificação de áreas verdes em cemitérios como espaços de amenidade climática e sonora. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.



II. ANEXOS



Câmara Municipal de Pesqueira

"Casa Anísio Galvão"
- Pernambuco -

CÂMARA MUNICIPAL DE PESQUEIRA
ENTRADA 0902 / 2021
SECRETARIA DO LEGISLATIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE PESQUEIRA

APROVADO
EM 22/02/2021

Requerimento n° 004/2021

OFICIAL ADM. LEGISLATIVO

Exmº. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Pesqueira/PE
Srs. Vereadores

Requeiro à Mesa ouvido o Plenário nas formalidades regimentais, que seja enviada cópia ao Excelentíssimo Prefeito Interino do Município, o Sr. **Sebastião Leite da Silva Neto**, e ao Ilmo. Secretário de Infraestrutura, o Sr. **Adailton Suesley Cintra da Silva**, a compra de um terreno para ampliação do Cemitério do Distrito de Mutuca.

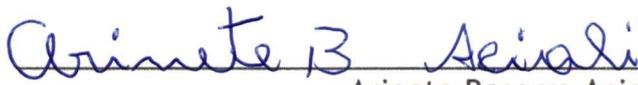
JUSTIFICATIVA

É de ampla importância à ampliação Cemitério no Distrito de Mutuca, visto que o atual cemitério não está suprimindo a necessidade da população daquela localidade, destaco que o nosso Distrito pode ser considerado um dos maiores da nossa cidade.

Sendo assim, diante da demanda, vem a ser algo essencial para a comunidade do nosso querido Distrito.

Antecipo meus sinceros Agradecimentos.

Sala das Sessões da Câmara de Vereadores de Pesqueira, aos 09 de fevereiro de 2021.


Arinete Beserra Acioli
Vereadora



Câmara Municipal de Pesqueira

"Casa Anísio Galvão"

- Pernambuco -

CÂMARA MUNICIPAL DE PESQUEIRA

ENTRADA 17/05/2021

SECRETARIA DO LEGISLATIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE PESQUEIRA

APROVADO
EM 17/05/2021

OFICIAL ADM. LEGISLATIVO

Requerimento nº0152/2021

Exmº. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Pesqueira/PE
Srs. Vereadores

Requeiro à Mesa ouvido o Plenário nas formalidades regimentais, que seja enviada cópia ao Excelentíssimo Prefeito Interino do Município, o Sr. **Sebastião Leite da Silva Neto**, e ao Ilmo. Secretário de Infraestrutura, o Sr. **Adailton Suesley Cintra da Silva**, a construção de um velório (uma moradora doa o terreno para a construção do velório) do Distrito de Mutuca neste Município.

JUSTIFICATIVA

A construção do velório é uma necessidade do distrito e povoados vizinhos, para os familiares que precisam velar seus entes queridos e não tem um espaço para o momento ilutado.

Sendo assim, diante da demanda, vem a ser algo essencial para a comunidade do nosso querido Distrito.

Antecipo meus sinceros Agradecimentos.

Sala das Sessões da Câmara de Vereadores de Pesqueira, aos 17 de maio de 2021.

Ariente Beserra Alicioli

Ariente Beserra Alicioli
Vereadora

ANEXO C



Câmara Municipal de Pesqueira

"Casa Anísio Galvão"

- Pernambuco -

CÂMARA MUNICIPAL DE PESQUEIRA

ENTRADA 17/05/2021

SECRETARIA DO LEGISLATIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE PESQUEIRA

APROVADO

EM

17/05/2021

Requerimento nº. 153/2021

OFICIAL ADM. LEGISLATIVO

Requeremos à Mesa, ouvido o Plenário e cumpridas as formalidades regimentais que seja enviado um veemente apelo ao Excelentíssimo **Sr. Prefeito Constitucional do Município de Pesqueira, o Sr. Sebastião Leite da Silva Neto**, venho através deste solicitar a Vossa Excelência juntamente ao Ilustríssimo Secretário de Meio Ambiente e Urbanismo, o **Sr. Tiago Silva de Vasconcelos**, no sentido de mover esforços, para que sejam implantados postes, e se faça a manutenção dos já existentes, no cemitério do Distrito de Mutuca.

JUSTIFICATIVA

O cemitério do Distrito de Mutuca necessita em **caráter de urgência**, que sejam implantados postes em suas dependências, assim como se faz necessário a manutenção dos postes já existentes. Em tempos de pandemia está ainda mais difícil para os familiares de vítimas do covid-19 enterrarem seus entes queridos, como não pode haver velório o enterro deve ser feito imediatamente e por muitas vezes ocorrem à noite, obrigando a população a fazer uso de lanternas para realizarem os sepultamentos.

Solicito de meus Ilustres pares, aprovação para o presente requerimento.

Sala das sessões da Câmara Municipal de Vereadores de Pesqueira, aos 17 de Maio de 2021.

Diego José da Silva Ferreira

Diego José da Silva Ferreira

Vereador

ANEXO D

CÂMARA MUNICIPAL DE PESQUEIRA
ENTRADA 22.02.2022
SECRETARIA DO LEGISLATIVO

Câmara Municipal de Pesqueira

Casa Anísio Galvão

Gabinete do Vereador Carlos Edvaldo de Mendonça

- Pernambuco -

Requerimento n° 011/2022

CÂMARA MUNICIPAL DE PESQUEIRA

APROVADO

EM 22/02/2022

OFICIAL ADM. LEGISLATIVO

Sr. Presidente
Srs. Vereadores

Requeiro à Mesa ouvido o Plenário e cumprindo as formalidades regimentais, que da decisão desta casa, seja encaminhado cópia deste requerimento ao EX^a Sr. Prefeito interino deste município, Sr. **Sebastião Leite da Silva Neto**, ao Ilustríssimo Secretário de Governo Sr. **Marcos Luidson de Araujo**, ao Secretário de meio ambiente o Sr. **Tiago Silva de Vasconcelos** e ao Secretário de Infraestrutura o Sr. **Adailton Suesley Cintra da Silva Taumaturgo**, que tem como objetivo da aquisição de um terreno para a construção de um cemitério no **Distrito de Mutuca**.

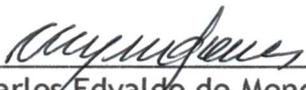
JUSTIFICATIVA

É justa esta solicitação, uma vez que o ali existente não oferece condição de se proceder sepultamentos por se encontrar totalmente lotado e as pessoas que não possuem jazigo sendo obrigado a sepultar seus ente queridos em outras localidades como Jenipapo, Gravatá dos Gomes e Sanharó, aumentando ainda mais suas dores.

Medidas cabíveis urgentes precisam ser tomadas com a finalidade de minimizar o sofrimento dos familiares dos falecidos Mutuquenses, Pois no campo Santo de Mutuca não existe espaço se quer para sepultar um anjo.

Antecipo meus sinceros Agradecimento em nome de nossa comunidade.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Vereadores
Santa Águeda de Pesqueira, aos 22 de Fevereiro de 2022.


Carlos Edvaldo de Mendonça
Vereador-PSDB



Câmara Municipal de Pesqueira
Casa Anísio Galvão
Gabinete do Vereador Carlos Edvaldo de Mendonça
- Pernambuco -

Continuação do Requerimento n° 011/2022.

Arinete B. Acioli

Arinete Beserra Acioli
Vereadora

Diego José da Silva Ferreira

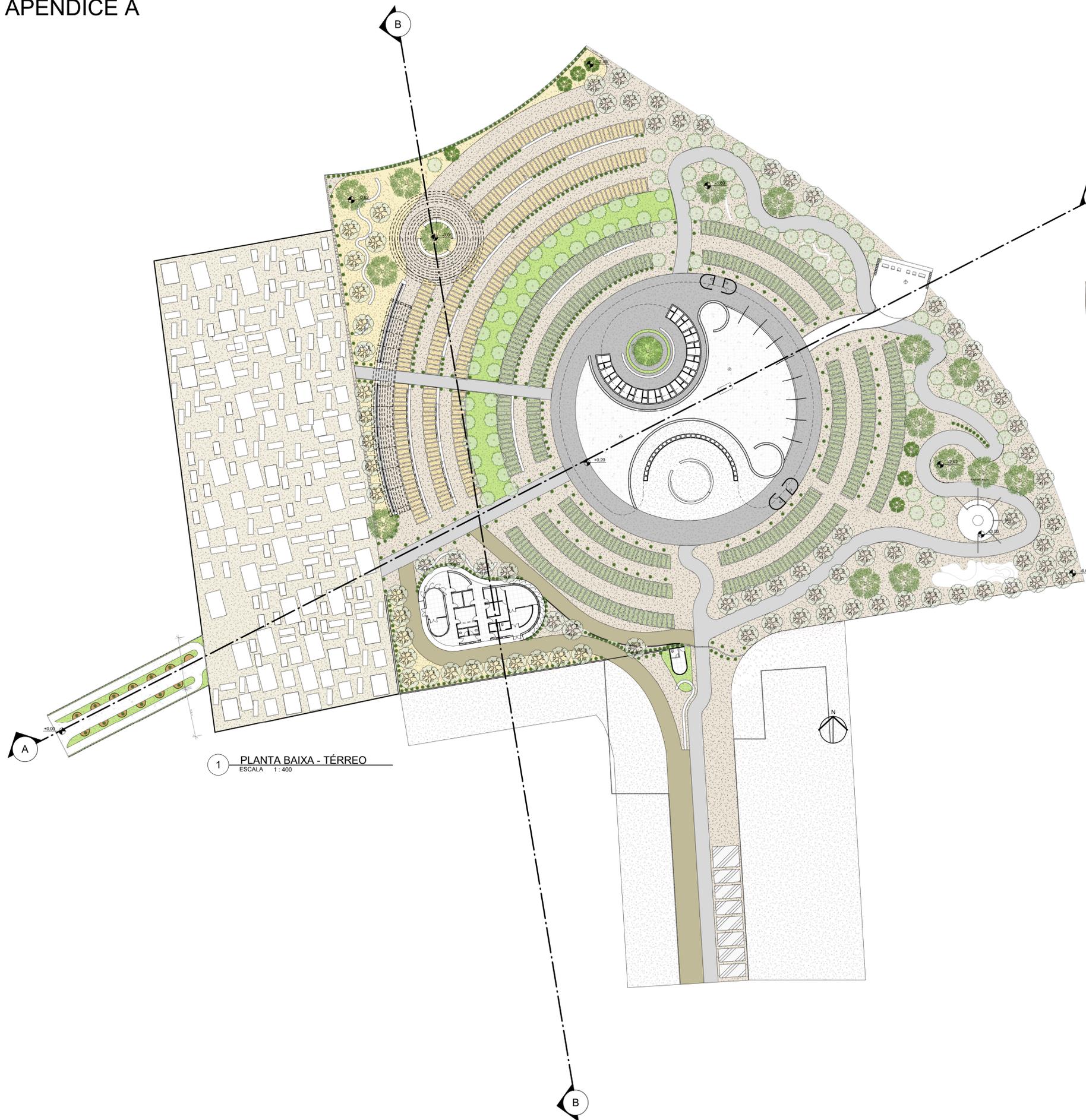
Diego José da Silva Ferreira
Vereador

José Maria da Silva Campos

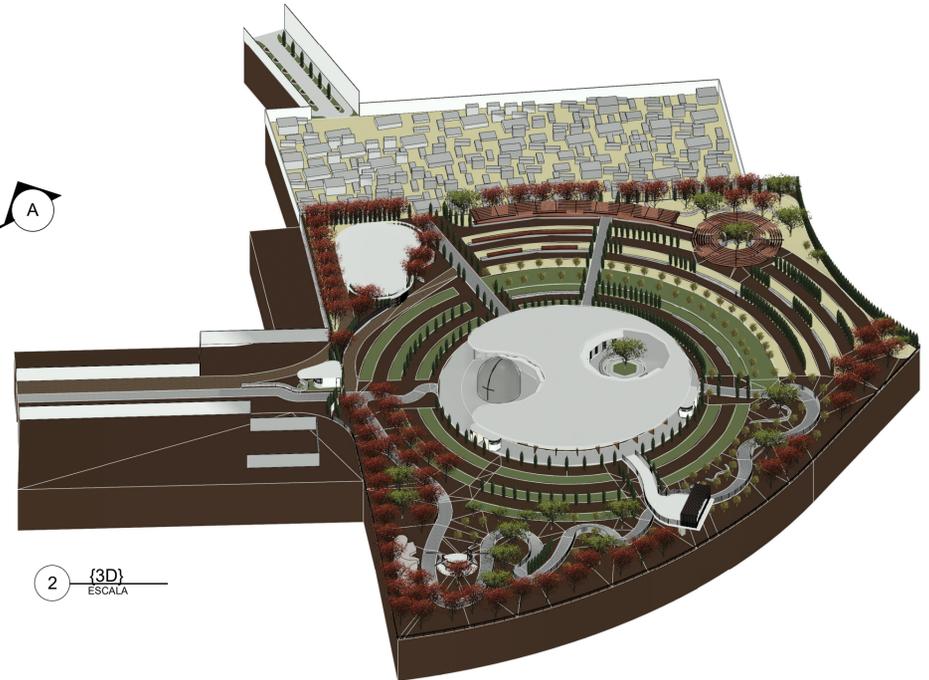
José Maria da Silva Campos
Vereador

12. APÊNDICES

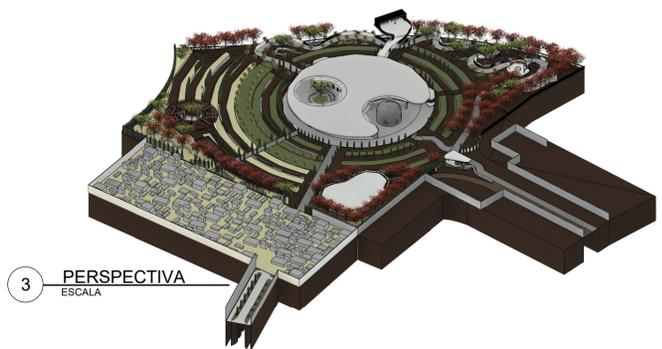
APÊNDICE A



1 PLANTA BAIXA - TÉRREO
ESCALA 1:400



2 {3D}
ESCALA

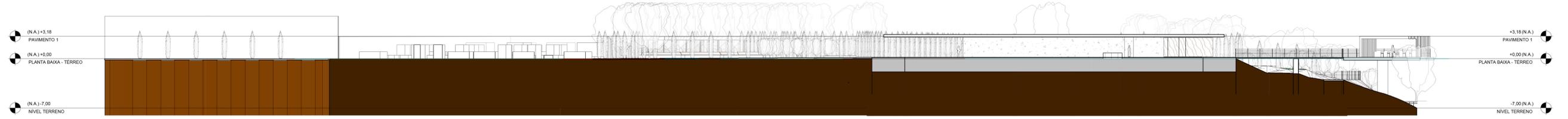


3 PERSPECTIVA
ESCALA

PROPRIETÁRIO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA
 PROJETO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA
 CONSTRUÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE PESQUEIRA

FOLHA P01 03	PROJETO: ESTUDO PRELIMINAR CEMITERIAL LOCAL: MUTUCA, PE PROPRIETÁRIO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA		
	RESPONSÁVEL	INSC NA P.M.J.P.	RUBRICA
DESENHO	Author		JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA 20180003285
CÓPIA	Author		
VISTO	Author		INSC NA P.M.J.P.
ESCALAS	DESENHO(S)		
	PLANTA BAIXA TÉRREO FACHADA NORTE PERSPECTIVA		
		ÁREA DO TERRENO: 12954,39 m ² ÁREA DA CONST.: 2366,46 m ² TX DE OCUPAÇÃO: 19,485% ÍNDICE DE APRQV.: 0,1628	ÁREA PROJEÇÃO: 2524,28 m ² ÁREA PERMEÁVEL: 7150,91 m ²
		INSC NA P.M.J.P. 20180003285	INSC NA P.M.J.P.

APÊNDICE B



2 A
ESCALA 1:300



1 PLANTA DE PAGINAÇÃO
ESCALA 1:600



3 PLANTA DE PLANTIO
ESCALA 1:600



4 B
ESCALA 1:300

PROPRIETÁRIO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA			
PROJETO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA			
CONSTRUÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE PESQUEIRA			
FOLHA P02 03	PROJETO: ESTUDO PRELIMINAR CEMITERIAL LOCAL: MUTUCA, PE PROPRIETÁRIO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA		
DESENHO	RESPONSÁVEL	INSC NA P.M.J.P.	RUBRICA
CÓPIA	Author		
VISTO	Author		
ESCALAS	DESENHO(S)		
	CORTE AA		
	CORTE BB		
	PLANTA DE PAGINAÇÃO		
	PLANTA DE PLANTIO		
	INSC NA P.M.J.P.		INSC NA P.M.J.P.
	20180003285		20180003285
	ÁREA DO TERRENO: 12654,39 m²	ÁREA PROJEÇÃO: 2524,28 m²	
	ÁREA DA CONST: 2366,48 m²	ÁREA PERMEÁVEL: 7150,91 m²	
	TX DE OCUPAÇÃO: 19,485%		
	ÍNDICE DE ARBÓRV.: 0,1628		

APÊNDICE C



2 **TÉRREO - LAYOUT**
ESCALA: 1:200

PROPRIETÁRIO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA			
PROJETO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA			
CONSTRUÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE PESQUEIRA			
FOLHA P03 03	PROJETO: ESTUDO PRELIMINAR CEMITERIAL LOCAL: MUTUCA, PE PROPRIETÁRIO: JOSÉ DANILO DE SOUZA SILVA		
DESENHO	RESPONSÁVEL	INSC NA P.M.J.P.	RUBRICA
CÓPIA	Author		
VISTO	Author		
ESCALAS	DESENHO(S)		
	CORTE AA		
	CORTE BB		
	PLANTA DE PAGINAÇÃO		
	PLANTA DE PLANTIO		
	INSC NA P.M.J.P.		INSC NA P.M.J.P.
	20180003285		20180003285
	ÁREA DO TERRENO: 12654,39 m²	ÁREA PROJEÇÃO: 2524,28 m²	
	ÁREA DA CONST.: 2366,48 m²	ÁREA PERMEÁVEL: 7150,51 m²	
	TX DE OCUPAÇÃO: 19,485%		
	ÍNDICE DE ÁRVORES: 0,1628		